



A Presença da Mediação Intercultural nas Respostas de Intervenção Social do Concelho de Leiria

Dissertação de Mestrado

Joana Maria Santos Matias

Trabalho realizado sob a orientação de

Professor Doutor Ricardo Manuel das Neves Vieira

Instituto Politécnico de Leiria

Leiria, setembro de 2022

Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

*“Eu não sou eu nem sou o Outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.”*

Mário de Sá-Carneiro

Agradecimentos

Serve este espaço para que possa exprimir os meus agradecimentos a todos os que me acompanharam nesta etapa que agora termina. Sendo este espaço limitado, nunca conseguirá traduzir a gratidão que sinto e que tentarei veicular pessoalmente a todas as pessoas implicadas neste caminho.

Quando verbalizei a intenção de assumir mais esta missão, imprevista e díspar do percurso que tenho trilhado, houve surpresa, estupefação e alguma admiração, mas houve também um sentimento comum que me incentivou a avançar: o sentir a inabalável confiança que as minhas pessoas depositam em mim. E essa fé basta-me e (co)move-me.

Assim, agradeço oficialmente a quem nunca deixa de estar ao meu lado e me apoia nas minhas ideias, lutas e convicções. Aos meus pais e ao meu irmão, incondicionais sempre. Ao Pedro, por aquele incentivo reiterado e diligente em momentos de desânimo. À minha família, presente e ausente, que acredita sempre em mim. À família escolhida, esse grupo de pessoas Amigas que tomam sempre o meu lado, a minha dianteira e a minha retaguarda em todos os passos do meu caminho.

Em seguida, nunca poderei agradecer suficientemente ao Professor Doutor Ricardo Vieira por todo o cuidado, acompanhamento, amizade com que me brindou neste projeto, constantemente aguçando a vontade de ir mais além, naquele que foi também um processo transformador ao nível pessoal e profissional.

Agradeço por último a todos os que contribuíram para este trabalho e partilharam comigo o seu tempo, sabedoria e experiência – na Câmara Municipal de Leiria, na SAMP e na InPulsar. Muito obrigada.

Seguimos juntos.

Resumo

Os paradigmas das sociedades globalizadas modernas fazem da solidariedade social um imperativo, afastando-se da dimensão moral predominante no passado. As sociedades organizam-se para criarem condições sociais que respondam a necessidades cada vez mais complexas, diversas e urgentes.

O conflito é um motor de mudança contínuo bem presente nas sociedades culturalmente diferenciadas e os modelos de convivência dependem da estabilidade das relações de conflituosidade entre as comunidades étnicas e sociais envolvidas. Em comunidades a várias vozes, este conflito torna-se inevitável e a sociedade procura responder a estas tensões promovendo a convivência na diversidade, com a interculturalidade como motor de crescimento, empoderando os indivíduos com estratégias de cariz transformativo.

Estas respostas surgem da responsabilidade estatal em promover o cumprimento do Estado Social, com recurso às suas instituições e respetivos trabalhadores para a defesa dos que estão socialmente fragilizados, nomeadamente através de autarquias, programas governamentais e iniciativas locais. Por outro lado, também a sociedade civil se organiza em associações que mobilizam esforços de intervenção social, em comunidades com necessidades específicas.

O presente trabalho propõe-se a analisar as respostas de intervenção social estatais (Câmara Municipal de Leiria) assim como de duas associações do concelho de Leiria (Sociedade Artística Musical dos Pousos – SAMP e InPulsar) e seus projetos de intervenção. Foi solicitado às instituições que selecionassem o projeto que consideram ter maior presença mediadora e foram ouvidos os destinatários desses

projetos. Procurou-se dar voz a todos os intervenientes destes processos de mediação.

Pretende-se, assim, com a presente investigação, ficar a conhecer a forma como a sociedade concelhia leiriense promove e leva a cabo a intervenção social e a relevância da mediação intercultural nestas respostas de intervenção comunitária, relevando o enorme potencial do trabalho em rede para este fim.

Palavras-chave

Associativismo, Comunidade, Intervenção Social, Mediação Intercultural

Abstract

The paradigms of modern globalised societies make social solidarity an imperative, moving away from the moral dimension predominant in the past. Societies organise themselves to create social conditions that respond to increasingly complex, diverse and urgent needs.

Conflict is a continuous driver of change that is very present in culturally differentiated societies and models for coexistence depend on the stability of conflict relations between the ethnic and social communities involved. In multi-voice communities, this conflict becomes inevitable, and society seeks to respond to these tensions by promoting coexistence in diversity, with interculturality as an engine for growth, empowering individuals with transformative strategies.

These responses arise from the State's responsibility to promote the fulfilment of the Welfare State, using its institutions and respective workers to defend those who are socially weakened, namely through municipalities, government programmes and local initiatives. On the other hand, civil society also organises itself into associations that mobilise social intervention efforts in communities with specific needs.

The present work proposes to analyse the responses of state social intervention (Câmara Municipal de Leiria) as well as those of two associations in the municipality of Leiria (Sociedade Artística Musical dos Pousos - SAMP and InPulsar) and their intervention projects. The institutions were asked to select the project they consider having a greater mediating presence and the beneficiaries of these projects were heard. We tried to give voice to all the interveners in these mediation processes.

The aim of this research is, therefore, to get to know how the Leiria municipality society promotes and carries out social intervention and the relevance of intercultural mediation in these community intervention responses, highlighting the huge potential of networking to this end.

Keywords

Associativism, Community, Social Intervention, Intercultural Mediation

Índice Geral

AGRADECIMENTOS	III
RESUMO	IV
ABSTRACT	VI
INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO 1: ASSOCIATIVISMO E INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA: DA CONCEPTUALIZAÇÃO À REALIDADE ASSOCIATIVA	11
Comunidade e convivência comunitária	14
Inclusão social	18
Mediação comunitária	20
Mediação intercultural	23
Intervenção social	27
Associativismo e intervenção social no Concelho de Leiria – Quadro Geral	32
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO	36
Caminhos da investigação: teoria e epistemologia	36
Métodos e técnicas – da teoria à ação	42
CAPÍTULO 3: O PAPEL DO ESTADO NA INTERVENÇÃO SOCIAL	47
O papel da mediação intercultural na intervenção social da CML	49
A mediadora de pares	51
CAPÍTULO 4: A MEDIAÇÃO INTERCULTURAL EM ASSOCIAÇÕES DE INTERVENÇÃO SOCIAL NO CONCELHO DE LEIRIA	53
A SAMP	55
Os projetos e programas SAMP	56
A arte como potência de mudança social	59
A mediação intercultural nos projetos SAMP – uma voz de dentro	61
O Museu na Aldeia	67
A Ateanha - um lugar do outro	68
A InPulsar	71
Os projetos InPulsar	72
O objetivo último da intervenção comunitária como mudança social	75
A mediação intercultural nos projetos InPulsar – uma voz de dentro	76
O Giro ó Bairro	78
A mediação: estar cá e estar lá	82
CONCLUSÃO	84
BIBLIOGRAFIA	87
SÍTIOS CONSULTADOS:	94
APÊNDICES	95

Apêndice A - Entrevista à Representante da Câmara Municipal de Leiria	96
A.1 - Guião de Entrevista Semiestruturada à Representante da Câmara Municipal de Leiria	97
A.2 - Entrevista à Representante da Câmara Municipal de Leiria, Ana Filipa Soledade	99
A.3 – Sinopse da Entrevista a Ana Filipa Soledade, Chefe de Divisão do Desenvolvimento Social e Saúde da Câmara Municipal de Leiria.....	102
Apêndice B - Entrevista à Mediadora de Pares da C.M.L.....	106
B.1 - Guião de Entrevista Semiestruturada à Mediadora de Pares da C.M.L..	107
B.2 - Entrevista à Mediadora de Pares da C.M.L., Guiomar Silva.....	109
B.3 – Sinopse da Entrevista a Guiomar Silva, Mediadora de Pares da C.M.L.	110
Apêndice C - Entrevista à Representante da Associação Seleccionada – Sociedade Artística Musical dos Pousos (SAMP).....	111
C.1 - Guião de Entrevista Semiestruturada à Representante da Associação Seleccionada – SAMP	112
C.2 - Entrevista à Coordenadora de Projetos da Sociedade Artística Musical dos Pousos (SAMP), Raquel Gomes.....	114
C.3 – Sinopse da Entrevista a Raquel Gomes, Coordenadora de Projetos SAMP	123
Apêndice D - Entrevista aos Residentes em Ateanha do Projeto SAMP “Museu na Aldeia”	130
D.1 - Guião de Entrevista Semiestruturada aos Utentes dos Projetos Seleccionados pelas Associações – Museu na Aldeia.....	131
D.2 – Entrevista aos Residentes em Ateanha – Projeto “Museu na Aldeia” (SAMP).....	133
D.3 – Sinopse das Entrevistas aos Residentes em Ateanha do Projeto “Museu na Aldeia” (SAMP)	139
Apêndice E - Entrevista à Representante da Associação Seleccionada – InPulsar	142
E.1 - Guião de Entrevista Semiestruturada à Representante da Associação Seleccionada – InPulsar.....	143
E.2 - Entrevista à Diretora Geral da InPulsar, Lisete Cordeiro	145
E.3 Sinopse da Entrevista a Lisete Cordeiro, Diretora Geral da InPulsar	148
Apêndice F - Entrevista à Coordenadora do Projeto Seleccionado pela InPulsar – “Giro ó Bairro”	152
F.1 - Guião de Entrevista Semiestruturada à Coordenadora do Projeto Seleccionado pela InPulsar – “Giro ó Bairro”	153
F.2 - Entrevista à Coordenadora do Projeto Seleccionado pela InPulsar – “Giro ó Bairro”, Ângela Damásio	155
F.3 Sinopse da Entrevista a Ângela Damásio, Coordenadora do Projeto “Giro ó Bairro” da InPulsar	160
Apêndice G - Entrevista aos Utentes do Projeto da InPulsar – “Giro ó Bairro”	164
G.1 - Guião de Entrevista Semiestruturada aos Utentes dos Projetos Seleccionados pelas Associações – Giro ó Bairro.....	165
G.2 – Entrevistas aos Utentes do Projeto da InPulsar – “Giro ó Bairro”	166
G.3 Sinopse das Entrevistas aos Utentes do Projeto da InPulsar – “Giro ó Bairro”	171

INTRODUÇÃO

O Homem é um ser intrinsecamente social. Constrói a sua identidade, a sua atividade, a sua perceção do mundo com base nos seus contactos com outros. Com o Outro. As redes de sociabilidade tornam as memórias e as experiências mais complexas, com diversas camadas de profundidade díspar. Existem formas incontáveis de articular esta diversidade da confluência do “Nós” com o “Outro”, numa constante (re)aprendizagem e (re)construção de identidade(s). Somos seres “compósitos” (Maalouf, 2009), “mestiços” (Vieira, 2009, p. 12), trazemos na bagagem o que percebemos da nossa comunidade repleta de vozes – umas no nosso tom, outras desarmónicas, umas de expressão individual, outras de um coletivo consonante e dissonante. Os espaços de comunidade que compõem as nossas sociedades hodiernas são erigidos sobre formas de solidariedade em rede, formas de união e cooperação que surgem da vontade inata da procura de um lugar e bem comum. As feições destas associações podem revestir-se de inúmeros traços distintivos, podem estar no domínio da *res publica* ou de um contexto de vizinhança, sempre influenciadas pelas conjunturas macrossociais que as atravessam, como o contexto político, social, económico, cultural. Esta ideia primeira da “organização entre iguais” (Pereira et al (org.), 2016, p. 8) permite ao Homem o acesso a uma ajuda mútua, desenvolvimento de capacidades e criação de novas e robustas comunidades que doutra forma dificilmente prosperariam. Manuel da Fonseca escrevia que “Um homem só não vale nada”. Somos espelhos de outros que levam um pouco de nós.

O associativismo é uma forma privilegiada de mobilização das comunidades, dado que concorre para o desenvolvimento local das mesmas, acrescentando valor social a todos os intervenientes. Estas têm “a finalidade de responderem a determinados objetivos” e são “representantes das vontades, dos interesses e das necessidades das comunidades (...) numa lógica participativa e sistémica.” (Guerreiro, 2008, p.1). É também defendido que as associações são formas de participação democrática e participativa, apresentando um “efeito curador (...) (com) o desenvolvimento de uma mais forte noção de comunidade, até taxas de participação política mais elevadas.” (Coelho, 2008, p.6). Outros autores afirmam ainda que “O associativismo emergiu enquanto estratégia civil

de união e coesão social” (Margarido et al., 2011, p. 31), mediando diferentes setores da sociedade e até substituindo-se a estes (o público e o privado).

O presente trabalho de investigação propõe-se a analisar as respostas de intervenção social no concelho de Leiria e compreender os processos de mediação que as atravessam, sendo este o objeto central da referida pesquisa. Esta atuação mediadora, na prática da mediação comunitária, é vista como “o corolário da mediação intercultural uma vez que se trata de a aplicar a uma comunidade que habita determinado município ou território” (Vieira & Araújo, 2018, p. 127) e os municípios estão em posição privilegiada para a pôr em prática, como organismos que atuam em estreita ligação com as associações locais e o poder central, pensando globalmente e agindo localmente. Assim, o alvo de análise deste projeto serão as respostas mediadoras existentes no concelho de Leiria apresentando, por um lado, as respostas existentes ao nível estatal e, por outro, as respostas ao nível de organizações da sociedade civil, focando associações de cariz social e cultural. A delimitação do objeto de estudo levou ao afunilamento da área geográfica para a baliza do “concelho” e a multiplicidade associativa no mesmo levou à escolha de duas associações com características de respostas sociais transformadoras – a InPulsar, como associação de respostas eminentemente sociais e a SAMP, como associação de intervenção social pela arte e pela cultura. A opção por estas duas associações prendeu-se com o conhecimento que, por razões profissionais, detenho das mesmas, cujos programas, projetos e atividades tenho acompanhado de forma assídua nos últimos anos. A integração do levantamento e compreensão das respostas sociais estatais, neste caso da parte da Câmara Municipal de Leiria, prende-se com duas ordens de fatores: em primeiro lugar, pelo facto de a Constituição da República Portuguesa consagrar o Princípio da Igualdade, no seu Artigo 13º

1. Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei.
2. Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual. (...)

o que “obriga” todos os seus órgãos executivos, como são nomeadamente os camarários, a defenderem estes princípios na sua atividade diária e a pugnam pela defesa dos que estão socialmente fragilizados na sua área de intervenção, sendo idealmente o primeiro reduto de proteção e inclusão social; em segundo lugar, pela pertinência de um levantamento de dados e de sistematização de informação relativa a esta área que não se encontra apresentada de forma organizada e estruturada, considerando-se favorável este investimento para melhor compreensão do panorama concelhio e para auxílio a estudos futuros na área que venham a ser realizados.

Proponho, então, fazer o levantamento das respostas de intervenção social destas instituições (Câmara Municipal de Leiria, SAMP e InPulsar), como três exemplos ilustrativos da intervenção social na realidade leiriense atual que se entrecruzam em parcerias, sinergias e alguns projetos partilhados, relevando a forma como estas organizações põem em prática a mediação intercultural nas suas respostas de intervenção social.

Com este trabalho proponho-me a atingir os seguintes objetivos investigativos:

- 1) Contextualizar a realidade leiriense em termos do uso da mediação intercultural na intervenção social, fornecendo um quadro geral da situação concelhia acerca da temática em estudo;
- 2) Fazer um levantamento das respostas da Câmara Municipal de Leiria em matéria de mediação intercultural e intervenção social, com caracterização das mesmas, como forma de verificar os projetos em curso e aferir possíveis carências mediadoras que possam existir;
- 3) Estudar a atividade de associações que desempenham o seu trabalho em áreas complementares, confrontando as respostas mediadoras que apresentam – na área cultural e na área social, designadamente a SAMP e a InPulsar, elencando diversos projetos, níveis de atuação e resultados;
- 4) Conhecer as dificuldades apontadas pelas associações estudadas nas suas respostas de intervenção social, comparando sensibilidades, propostas e possíveis estratégias para a sua mitigação;
- 5) Conhecer e compreender as práticas de intervenção social mediadoras em três casos: a intervenção camarária, a intervenção cultural associativa (SAMP) e a intervenção social associativa (InPulsar), comparando as suas atividades e verificando de que forma a mediação intercultural é efetivada nas diferentes realidades apresentadas.

Pretende-se que o resultado final deste projeto seja um documento que possa dotar as instituições, associações e órgãos de intervenção social do concelho de Leiria de orientação e ajuda ao nível das respostas existentes de mediação intercultural e que seja uma contribuição para um estudo futuro do que poderá vir a ser desenvolvido nesta área, tornando Leiria numa cidade verdadeiramente inclusiva e de combate à exclusão social.

Esta investigação fundamental insere-se no paradigma interpretativo e baseia-se numa metodologia investigativa etnográfica e de cariz exploratório pois parte de uma realidade histórica, social e cultural de um concelho para, numa lógica de continuidade, desenvolver um conhecimento qualitativo mais abrangente e autêntico. Num primeiro momento procede-se ao levantamento das associações existentes, sua área de intervenção sociocultural no concelho de Leiria e identificação dos domínios mais representativos em termos de interesse e relevância para os seus públicos-alvo. Seguidamente, através de outros instrumentos de recolha de dados, aprofunda-se este conhecimento nas respostas eleitas para estudo mais detalhado, com entrevistas semiestruturadas aos dirigentes e interventores sociais da Câmara Municipal de Leiria, da SAMP e da InPulsar. Tem lugar a observação direta e participante junto das comunidades intervencionadas pelas respostas sociais referidas, utilizando a entrevista como conversa (Burgess, 1997) com sujeitos da população servida pelas instituições em estudo. Esta é uma forma de alcançar um conhecimento mais completo e global da ação das instituições, dando voz aos seus intervenientes de mediação do lado das mesmas e também ouvindo aqueles que são os sujeitos participantes destes momentos mediadores. Os métodos utilizados são flexíveis, com adaptação aos contextos sociais presentes, aproveitando a sua complexidade para as conclusões investigativas, procurando a interpretação das opiniões pessoais, numa observação participante por parte da investigadora/atora. A par das entrevistas, a investigadora realiza também observação participante e conseqüente tomada de notas de reações e comportamentos. Tem então lugar a interpretação dos dados, numa perspetiva compreensiva de elaboração de novas ideias e teorias, com o objetivo de produzir original e adequado conhecimento sobre a realidade social e intervenção mediadora sobre a mesma.

Todo este levantamento de dados - e conseqüente interpretação dos mesmos – dá lugar a um inevitável estudo comparativo sobre as respostas mediadoras de intervenção social da Câmara Municipal de Leiria e das associações eleitas para o mesmo, a SAMP (com a

sua atividade interventiva cultural) e a InPulsar (com a sua presença de intervenção de cariz social).

Em resumo, o trabalho de investigação apresentado é dividido quatro capítulos principais nos quais se tratam os seguintes temas: Capítulo 1 – revisão conceptual e contextualização teórica, com aprofundamento dos conceitos de comunidade e convivência comunitária, inclusão social, mediação comunitária, mediação intercultural e intervenção social, analisando a importância do associativismo e referindo o quadro geral do concelho de Leiria neste âmbito; Capítulo 2 – metodologia da investigação, da teoria epistemológica a métodos e técnicas eleitos para a investigação; Capítulo 3 – o papel do Estado na intervenção social, com o exemplo da Câmara Municipal de Leiria, sua realidade atual, projetos e importância da mediadora de pares; e Capítulo 4 – a mediação intercultural em duas associações de intervenção social do concelho de Leiria, a SAMP e a InPulsar, com a sua caracterização e projetos de intervenção social com presença de mediação intercultural.

Este estudo da comunidade no que diz respeito à intervenção social baseia-se na premissa da mediação como instrumento de intervenção social que visa a promoção da coesão social e territorial, com os desafios que a diversidade cultural e vivencial acarreta às sociedades atuais. É necessária uma constante reavaliação de formas de gestão dessa diversidade, principalmente quando o enfoque é feito ao nível local, em que têm de entrar em ação formas de governo que impliquem a proximidade, na busca de consensos em espaços por vezes divergentes devido às referências culturais múltiplas que compõem o mosaico da interação cultural.

A integração neste trabalho de uma instituição que materializa a sua ação mediadora através da cultura é também uma forma de demonstrar as potencialidades interventivas das artes junto de comunidades de alguma forma desfragmentadas, seja por questões intergeracionais, seja geográficas, sociais e/ou económicas. Aqui o papel do mediador é como que o de um facilitador de aquisição de novas experiências, “predominantemente de alguém que participa de uma relação intermediadora do encontro do aluno ou do visitante com objetos da arte ou da cultura” (Schlichta & Cunha, 2013, p. 2761). Os sujeitos são aqui parte ativa do processo mediador, sendo assim a mediação uma “relação entre o público e a obra via a teoria da arte ou o conhecimento artístico” (*Idem*, p. 2762). A ação dos mediadores interculturais na arte é predominantemente horizontal, lançando desafios, quebrando receios e ideias preconcebidas, num esforço de

alargamento de horizontes dos sujeitos mas que parte de dentro dos mesmos. Não se pretende que os sujeitos sejam meros fruidores de arte (não obstante a importância da fruição em qualquer encontro com a mesma); antes que a arte passe a fazer parte deles, os transforme e intervenha na sua vida com essa potencialidade renovadora de laços, autoestimas, lugares de fala. A arte é o lugar onde o diferente tem poder. Onde todos têm voz.

O conflito é um motor de mudança contínuo bem presente nas sociedades culturalmente diferenciadas e os modelos de convivência dependem da estabilidade das relações de conflituosidade entre as comunidades étnicas e sociais envolvidas. Estas relações dependem de circunstâncias externas como as políticas, económicas, sociais e demográficas e geram uma infinidade de soluções. A mediação atua onde se encontra a desagregação dos laços sociais e como forma de reconstrução da coesão social, latente nos casos em que se intervém na tentativa de reconciliação da pessoa com a sociedade. Estas práticas de mediação intercultural são então continuamente reinventadas e adaptadas consoante as realidades dos diferentes projetos de intervenção, projetos esses que vão muito além da resolução de conflitos pois procuram a mudança de um estado atual para um estado melhor, através de um processo comunicacional e a preparação para intervenção social, política e económica dessas populações, levando à transformação social e relacional.

De acordo com Jean François Six (1990) (referido em Castro, 2010, p. 16) existem quatro funções características da mediação: a mediação criadora (com a criação de laços entre pessoas e grupos que serão benéficos a uns e outros); a mediação renovadora (com a melhoria de relações existentes entre pessoas e grupos); a mediação preventiva (com a prevenção de um conflito em gestação); a mediação curativa (com a resolução do conflito). Estas diferentes dimensões da mediação podem relacionar-se e coexistir nalgumas áreas da intervenção social ou aparecerem de forma isolada, como poderemos verificar ao longo deste trabalho.

De acordo com o Projeto Mediadores Municipais (2010, p. 114), existem vários tipos de Mediação Desenvolvida e diversos Papéis dos Mediadores pois estes interventores sociais são facilitadores no diagnóstico e no planeamento de atividades (sendo conhecedores dos grupos em causa e suas dinâmicas), são agentes de mudança social (com a mobilização de recursos para melhorar condições de reinserção), são reconstrutores dos laços sociais (com a promoção da confiança nos outros e nas

instituições) e promovem a capacidade de agir com a participação cívica e aproximação a processos de decisão da comunidade.

O mediador é um facilitador de relações. É uma figura que incorpora as culturas dos mediados, numa posição de “multiparcialidade” (Torremorell, 2008, p. 24), nunca neutra, numa lógica dialógica de aproximação das partes. A mediação intercultural procura conhecer o Outro, valorizando a sua diferença e aproveitando o potencial de conhecimento e descoberta positiva que encerra o conflito. É através deste diálogo intercultural, que une grupos diversificados de indivíduos mestiços culturalmente (Vieira & Vieira, 2016, p. 37), que se promove a partilha de experiências e se combate a exclusão social.

A mediação intercultural deverá então assumir o papel de melhoria das relações, reconstruindo-as e promovendo as capacidades de ação de sujeitos e grupos. Nas palavras de Gimenez (1997, p.142) citado no Projeto Mediadores Municipais (2010, p. 17) pretende-se que a mediação intercultural seja uma “modalidade de intervenção de terceiros, em e sobre situações sociais de multiculturalidade significativa, orientada para o reconhecimento do Outro e para a aproximação das partes (...)”.

O mundo que conhecemos hoje altera-se continuamente. As fronteiras físicas e simbólicas vão-se modificando a um ritmo muitas vezes difícil de acompanhar. Estas transformações contribuem para novas socializações, convivências mescladas de novas realidades culturais que coexistem nos mesmos espaços. As identidades pessoais são hoje multifacetadas e

“os indivíduos podem ter múltiplas identidades que são complementares entre si, como a etnicidade, língua, religião, raça ou cidadania. Todos estes fatores concorrem juntos para a formação da identidade e é errado pensar que se tem de escolher entre unidade do Estado e reconhecimento de diferenças culturais” (Matias, 2009, p. 52).

As sociedades partilham territórios culturais cooperantes e sincrónicos, com a circulação de ideias no espaço e no tempo. A diversidade cultural modifica as civilizações na medida em que as enriquece, problematiza e “empurra” para um novo espaço de partilha, num constante diálogo intercultural, pois todas as culturas vivas são

tradição e fermento de evolução (Lenoir, 2004, p. 102). Deste diálogo nasce a criação, a inovação e o respeito pela diferença e preocupação com a inclusão social.

Integrar não significa homogeneizar: integração e diversidade cultural são conciliáveis e desejáveis. As diferentes “culturas” não se podem analisar num ângulo redutor e reducionista, dado que cada indivíduo transporta a sua própria bagagem cultural que, como ser múltiplo e heterogéneo, atualiza e enriquece todos os dias. As relações entre culturas são então diversificadas e “policromáticas” (Vieira, 2013, p. 85), com muitos universos pessoais a concorrer para elas. Os processos de mediação têm como objetivo último o da mudança social, com a coexistência em paz e transformação positiva. Os novos processos de mediação atuais querem-se, então, - por oposição à abordagem clássica que apenas tentava tratar os conflitos como se de uma doença se tratasse - como processos transformativos em que se reconhece a diferença do Outro como potencialmente positiva e se traça um caminho conjunto de respeito e que alcance a coesão social.

As sociedades maioritárias tendem a ver o Outro de acordo com as suas matrizes culturais e a propor soluções de integração que façam sentido para si mas que muitas vezes não se coadunam com as reais necessidades e com as realidades presentes nas diferenças. Só quando nos descentramos de nós mesmos (AA.VV., 2008, p. 82) conseguimos ter acesso ao sistema de valores do Outro, só quando nos conhecemos bem podemos conhecer melhor o Outro e largar a facilidade com que queremos impor a nossa visão, hierarquia de prioridades e sistema de valores.

Muitos são os fatores que concorrem para o conflito entre grupos (étnicos, sociais, etc.) e pessoas individuais entre si e entre estas e o sistema económico e social vigente. O trabalho das instituições, associações, trabalhadores sociais, etc. - como os estudados no presente projeto – através da mediação intercultural e consequente intervenção social, deverão então assumir o papel facilitador de melhoria das relações, reconstruindo-as e promovendo as capacidades de ação de sujeitos e grupos. Só com um trabalho em rede, de equipa, em parceria, esclarecido, humano e empoderado, se poderá intervir socialmente e alterar realidades que nos envergonham a uns e oprimem a outros.

É preciso escutar e compreender para se poder aprender a conviver com a diferença, fazendo dos indivíduos atores sociais promotores da mudança que querem ver no Mundo – no deles, no dos Outros e naquele terceiro mundo que compartilham.

CAPÍTULO 1:

Associativismo e Intervenção Comunitária: da conceptualização à realidade associativa

As identidades pessoais, embora possam ser por vezes “assassinas” como refere Amin Maalouf (2009), citado na Introdução deste trabalho, são indispensáveis para a formação do “Eu” e posicionam-nos em relação ao “Outro”. O conjunto de elementos com que o Homem se identifica, sejam ideias, ideais, crenças, valores ou *modus vivendi*, confluem para a nossa construção individual que nos opõem às características diferenciadoras dos outros e que nos colocam os grandes desafios das sociedades multiculturais, interculturais e intraculturais. Certos elementos identitários

“não dependem de nós (o lugar e a data de nascimento, a origem nacional, a cor da pele, o género, a língua materna, etc.) enquanto existem pertenças e valores que nós escolhemos mais ou menos conscientemente e mais ou menos condicionadamente (a simpatia por um determinado clube desportivo, o partido político em que votamos, o regime alimentar, as preferências por um determinado tipo de música, filmes, livros etc.)” (Marinovi, 2012, p. 5).

Existe uma forte relação entre o meio em que nascemos, crescemos, nos conhecemos e tornamos únicos e os valores que assimilamos, a forma como incorporamos elementos que nos fazem sentido para a nossa vida. Esta relação não é determinista e é muitas vezes contestada por indivíduos que quebram com heranças culturais com as quais não se identificam, adicionando novas camadas de identificação pessoal que os tornam novos, habitando em novas margens. É a transformação pessoal num novo *self*, uma “autoconstrução” que “origina transformações cognitivas” (Vieira & Vieira, 2015, p. 97) e dá lugar a uma nova pessoa, um “terceiro instruído” (Serres, 1993). No entanto, embora o conceito de identidade possa ser complexo devido à subjetividade das construções individuais, o mesmo manifesta-se no nosso quotidiano e nas nossas redes relacionais de forma inequívoca, de forma muitas vezes inconsciente.

Como seres integrados em comunidades, as nossas estruturas particulares são constantemente postas em relação com as construções identitárias dos demais, dando origem muitas vezes a situações de conflito. Este conflito, motor de desenvolvimento e mudança social, deverá ser encarado com todo o seu potencial positivo em vez de um “cancro social” a erradicar. É a encarar o potencial do conflito social no âmago das comunidades que poderão sarar-se feridas latentes e construir pontes de entendimento mútuo, pontes essas que ambos os lados queiram atravessar.

Uma forma de intervir social e localmente de forma a aproximar diferentes culturas é através da atividade das associações. As associações são formas de organização comunitária “da sociedade civil, na qual os cidadãos se agrupam em torno de interesses comuns com objetivos de entre ajuda e cooperação sem fins lucrativos.” (Carvalho, 2015, p. 7). São instituições que se pautam pela cooperação na sua génese operativa, de índole voluntária, numa união de esforços e saberes que visa alcançar um bem maior, o bem-estar de um grupo, identidade, comunidade, sociedade. As associações dependem, para a prossecução da sua atividade, da existência de uma “sociedade pluralista e constituem um dos núcleos fundamentais da sociedade civil ou do “terceiro setor”. (...) As associações são um núcleo fundamental da sociedade civil. Estas colocam no espaço público os problemas vividos pelos indivíduos na esfera privada, reformulando-os em problemas sociais para serem discutidos publicamente.” (*Idem*, p. 8). Transferem, assim, para a responsabilidade de todos, questões que de outra forma seriam relegadas para o estatuto de minoridade, tornando a sociedade mais participativa e rica devido à sua consciencialização social, cívica, política.

De acordo com Warren (2001 e 2004) citado por Viegas (2004, p. 37), existem três níveis de efeitos democráticos das associações nas sociedades. Existe o efeito ao *nível individual*, no qual o indivíduo aumenta a sua informação sobre o tema e as suas competências simbólicas, assumindo o seu direito de participação, desenvolvendo o seu sentido crítico e cívico, assim como a tolerância social e política; ao *nível da esfera pública*, representando os interesses particulares relativos a determinados grupos, contribuindo para a comunicação pública e deliberação política; e ao *nível institucional*, representando interesses, identidades e orientações de carácter normativo, de apoio a ações coletivas, com um papel subsidiário de implementação de políticas públicas, coordenando e regulando atuações, práticas e procedimentos. As associações relacionam-se com o poder estatal através de apoios, colaborações e/ou negociações.

Partindo desta reflexão, podemos então perceber que a atividade das associações depende fortemente da sociedade em que estão inseridas, encontrando-se em constante diálogo (de maior ou menor alcance, de maior ou menor concordância) com as políticas públicas das diferentes áreas de intervenção. Daí que o presente trabalho considere relevante apontar estas sinergias e parcerias existentes entre as associações locais e o poder político que com elas comunica.

Para o mesmo autor (Viegas, 2004, p. 33), citando Deth (1997), as associações têm ainda repercussões de caráter microssocial e macrossocial. De caráter microssocial porque ajudam a estabelecer redes de sociabilidade para os indivíduos, desenvolvendo capacidades grupais específicas para a obtenção dos objetivos almejados. De caráter macrossocial devido ao seu potencial intermediador entre o sujeito e o Estado, entre o sujeito e grupos sociais, entre o sujeito e outros sujeitos. Como convoca Almeida (2009), nesta relação entre sujeitos é necessária a intervenção mediadora, que faça a “tradução” das mensagens, com o objetivo do estabelecimento de pontes entre “línguas” diferentes. As associações são mediadoras interculturais pois fazem esta integração sistêmica de sujeitos e mundos culturalmente afastados na mesma sociedade.

As associações são potenciadoras da integração e inclusão social, reforçando laços e identidades e fomentando a cooperação como forma de intervenção coletiva. Concorrem para gestão local e complementam a atividade política, criando novas dinâmicas comunitárias. Como espaços de socialização por excelência, estreitam laços entre as pessoas e concorrem para a diminuição do individualismo e alheamento das sociedades contemporâneas.

Wessel (1997), citado por Viegas (2004, p. 38) aponta três tipos de associações, combinando definições de caráter teórico com técnicas de análise estatística e multifatorial: *associações políticas* (incluindo as socioprofissionais), *associações de novos movimentos sociais* e *associações sociais*. Van Deth e Kreuter (1998), referidos na mesma obra (Viegas, 2004, p. 38), avançam com uma proposta semelhante de *associações de nova agenda política*, *associações de interesses tradicionais* e *associações de caráter social*. As associações em análise no presente trabalho inserem-se nesta última categoria pois ambas intervêm socialmente de forma solidária.

As associações são também “expressões da face pública dos integrantes das comunidades” (Schallenberger, 2003, p. 16). Através do seu funcionamento democrático, adotam metodologias participativas adaptadas ao grupo e aos seus

objetivos, numa contínua reinvenção de estratégias, negociações e ajustamentos, nunca perdendo de vista o valor máximo do respeito mútuo e a tão almejada inclusão social. No entanto, em espelho com o restante mundo dito desenvolvido, “aquele que cria, dirige e se associa a estas associações tende a ser o mais afortunado; é o estrato médio que predomina na vida associativa local” (Worsley, 1977, p. 380) na maioria das sociedades.

Para uma compreensão mais clara do funcionamento das respostas de intervenção social em estudo, procederemos à clarificação de conceitos-chave à sua atividade e, num segundo momento deste capítulo, apresentamos um quadro geral da realidade associativa leiriense.

COMUNIDADE E CONVIVÊNCIA COMUNITÁRIA

A definição dicionarizada do conceito de “comunidade” refere-se a um “conjunto de pessoas que vivem num determinado território, sob um governo comum e partilhando uma herança cultural e histórica, sociedade”, “qualquer conjunto de indivíduos organizados de forma coletiva ou unidos por algum traço comum”, “Estado”, “participação em comum” ou “qualidade do que é comum” (Infopedia, 2021). Por esta designação podemos verificar que a tónica dos termos respeitantes à palavra está relacionada com a sua raiz, com o que é “comum”. Segundo Ander-Egg (1980) a comunidade é um

“agrupamento organizado de pessoas que se entendem como unidade social, cujos membros participam de alguma característica, interesse, elemento, objetivo ou função comum, com consciência de pertença, situadas numa determinada área geográfica na qual a pluralidade das pessoas interaciona mais intensamente entre si que noutro contexto” (p. 45).

As comunidades têm identidades territoriais e são espaços de interação humana, com formas de relacionamento social variado que ligam os indivíduos “para além das relações de vizinhança” (Henriques, 1990, p. 76).

Todavia, a conceção de comunidade é polissémica e frequentemente diversos autores não concordam na sua definição. De acordo com Ellie Vasta (2000, citado por Albuquerque, R., 2008, p. 107) uma análise ao conceito realizada nos anos 50 de 1900 identificou 94 definições de comunidade, distribuídas por três grupos de significado: 1) comunidade como *expressão geográfica* (localidade onde se fixaram grupos de pessoas); 2) comunidade como *sistema social local* (relações sociais entre pessoas residentes numa mesma localidade); 3) comunidade como um *tipo de relações* ou um *sentimento de identidade* (identificação de pessoas com base na partilha de uma língua, experiências migratórias, etnicidade ou classe). De um ponto de vista estritamente sociológico,

“apenas se pode considerar a existência de uma **comunidade** quando o grupo correspondente, que permanece em dado território de contornos razoavelmente definidos, tem a dimensão suficiente para revelar uma estrutura social, determinada por um espectro completo de grupos etários, de representatividade de sexos, de relações familiares e de interações sociais, que lhe conferem alguma unidade de propósitos e um sentimento comum de pertença” (Rocha-Trindade, 1995, p. 184).

Ainda para Peter Worsley (1977, p. 348) “comunidade” pode ser entendida como uma “certa *qualidade de relações sociais* ou à variedade de maneiras em que os indivíduos e os grupos de indivíduos podem estar interligados e dependentes uns dos outros”. Assim, como se pode verificar, as formas de organização social como “comunidade”, “sociedade” ou “associação” são de difícil delimitação conceptual e interligam-se na dialética da sua fundamentação.

A conceção de desenvolvimento comunitário foi evoluindo ao longo da história, como um processo de interdependência de fatores económicos e de promoção de bem-estar das populações. Na década de 1950, Perroux (1962) relacionou a ideia de desenvolvimento com a “mudança social e mental, enquanto direcionada para o crescimento económico” (Schallenberger, E., 2003, p. 9). Para o mesmo autor, o modo de vida e o progresso das comunidades são referências matriciais para a noção de desenvolvimento. A partir dos anos 70, devido a alterações conceptuais introduzidas pelo paradigma territorialista que chama à colação outras componentes que não apenas a

económica – como a cultural, social e ambiental – e descentraliza a participação dos atores locais neste processo de desenvolvimento, surge o *empowerment* enquanto conceito que recorre “à mobilização de todos os recursos e potencialidades existentes nas comunidades territoriais, com vista à satisfação das necessidades fundamentais das populações.” (Guerreiro, 2008, p. 11). Este conceito, desenvolvido por John Friedmann (1992) na sua obra “*Empowerment: The Politics of Alternative Development*”, aponta para o facto de pobreza não se poder medir apenas em dados materiais mas também na falta de poder político, social e psicológico, sendo urgente dotar as comunidades mais pobres desse poder, desse *empowerment*, para uma ação política de desenvolvimento comunitário. Esta ideia veio facultar uma nova forma de encarar o desfavorecimento social, encontrando uma alternativa para a falta de voz de muitas comunidades, situando-as politicamente e convergindo para o incremento da sua autoestima e autoimagem enquanto grupos.

As diferentes comunidades apresentam traços identitários característicos que as representam enquanto unidade social e fomentam o sentimento de pertença que mantém os seus indivíduos coesos dentro do mesmo grupo. No entanto, não existem culturas “puras”, todas as identidades são heterogéneas e todos os sujeitos levam consigo componentes diferentes da mesma cultura da comunidade, dando origem a um diálogo intercultural dentro das mesmas.

Neste sentido, é importante a ressalva da presença da coexistência e da convivência. O conceito de “conviver” baseia-se na ideia de “viver com os outros”, estabelecendo relações ao nível social que se apoiam em fundações valorativas comuns, num determinado tempo, espaço e contextos. Dada a multiplicidade de *backgrounds* e estruturas pessoais, naturalmente de índole subjetiva, a convivência entre as pessoas está profundamente marcada por conflitos, que não terão de representar obrigatoriamente um obstáculo à convivência. Na verdade, “conflito e convivência são duas realidades sociais inerentes a toda a forma de vida em sociedade” (Jares, 2007, p. 27) e o conflito ocupa um lugar central na aprendizagem da convivência. As estruturas de valores diferenciadas que geram diferentes tipos de relação levam à existência de modelos de convivência diversificados, quer em meios comunitários distintos, quer no seio da mesma sociedade, grupo ou até contexto. De acordo com o mesmo autor, embora sejamos a mesma pessoa e respeitemos o princípio máximo da convivência democrática no seio da nossa comunidade de pertença – com respeito básico pelos

direitos humanos, pela justiça, igualdade e dignidade pessoal – poderemos experienciar num mesmo dia diferentes modelos de convivência dependendo do contexto da nossa interação. A nossa forma de “viver com o outro” não se materializa da mesma maneira em contexto familiar, profissional, escolar, comunitário, associativo, etc. A família (organizada nas suas mais distintas formas), sendo o espaço inicial de toda a socialização e convivência, o primeiro modelo de convivência que conhecemos, poderá moldar a forma como nos relacionamos com os outros em comunidade, no presente e no futuro. A importância dada neste núcleo aos mais diversos temas como a cultura, a educação, afetividade, o respeito pelo meio ambiente, etc., tenderão a ser mais ou menos valorizados de acordo com a experiência em contexto familiar (com as devidas exceções existentes, obviamente). Este modelo poderá determinar a autoestima do indivíduo, assim como formas de relacionamento fora do ambiente familiar, em comunidade, que estarão em constante mudança ao longo da vida, dependendo das experiências noutras esferas que forem tendo lugar.

A escola, como espaço social onde muitos indivíduos se formam cidadãos e passam muitas horas dos seus dias, tem também um papel preponderante na questão da convivência e a “Escola Pública deve assumir as suas responsabilidades sociais no momento em que não pode deixar de assumir as suas responsabilidades educativas” adotando uma “dinâmica pedagógica subsequente” permitindo que os professores possam fazer aos seus alunos “a oferta de um objeto de saber”, com o qual interajam, se relacionem e o aumentem, colocando o que são nesse mesmo objeto de saber (Cosme & Trindade, 2005).

O indivíduo, como ser complexo e “combinado”, bebe de todos os contextos em que se movimenta e relaciona, incorporando experiências e *insights* mentais que lhe permitem reagir de forma diferenciada a cada contexto de convivência, assim como transportar na sua “bagagem” o vivido no passado para possíveis situações futuras, na sua relação em sociedade.

No contexto de uma sociedade global que conhece hoje o recurso ao “senso comum” como forma de propaganda política populista e soluções securitárias demagógicas, podemos sentir um ataque aos valores democráticos. Neste cenário, “mais do que nunca a mediação intercultural (...) deve ser entendida como fundamental” para uma convivência entre indivíduos com “um pensamento crítico e desconstrutivo que deve fundamentar as sociedades contemporâneas” (Gomes & Duriel, 2017, p. 57). A

Dignidade é a premissa central que subjaz aos Direitos Humanos, daí a necessidade de promoção de uma convivência comunitária de paz e respeito pela diferença, numa constante interlocução intercultural e multicultural.

INCLUSÃO SOCIAL

Para melhor compreendermos a que nos referimos com o termo “inclusão social” é premente identificarmos o que significa ser-se excluído socialmente. Encontra-se em situação de exclusão social o indivíduo – ou grupo de indivíduos - que não tem um lugar na estratificação e estruturação de uma sociedade. Este lugar “de fora” pode dar-se devido a carência de recursos de natureza variada como sejam os económicos, materiais, sociais, culturais, psicológicos, etc. Esta privação resulta numa situação de desfavorecimento em relação à restante comunidade, originando uma exclusão efetiva e simbólica destas pessoas. Deixa de haver uma participação social, política, económica, com a alienação dos direitos de participação e conseqüente afastamento em relação à sua comunidade identitária. A princípio,

“o conceito de exclusão social encontrava-se exclusivamente associado ao conceito de pobreza, hoje em dia, a exclusão abarca muitas outras realidades para além da carência económica. Segundo Costa (1998, p. 10), o conceito de exclusão social surge para substituir o termo pobreza.” (Matias & Vieira, 2018, p. 32).

No entanto, “pobreza tem a ver com privação de meios de subsistência” o que nem sempre acontece na situação de exclusão, sendo estes dois conceitos “realidades distintas que nem sempre coexistem” (*Idem, ibidem*). A exclusão social é, como o próprio termo indica, um fenómeno da sociedade que apresenta várias formas negativas, persistentes e desfavoráveis para as pessoas que se encontram nesta situação, como a marginalidade, o desemprego, discriminação, comportamentos aditivos, quebra de laços sociais e familiares, entre outros. Este é, pois, um “fenómeno multidimensional, com um conjunto de fenómenos sociais interligados que contribuem para a produção do excluído” (Rodrigues et al., 1999, pp. 64-65 citados por Matias & Vieira, 2018, p. 32).

O ritmo de vida das sociedades contemporâneas, com o privilégio do consumo, novas formas laborais e fluxos migratórios concorrem todos os dias para o surgimento de novas formas de marginalização e exclusão social com que temos forçosamente de nos familiarizar. Como resposta a esta “perturbação social”, importa contrapor de forma responsável e promotora de mudança, evitando que a inclusão social se apresente como uma resposta de “fim de linha” (Vieira & Vieira, 2016, p. 32).

A inclusão social apresenta também muitas facetas e dimensões, sendo um conjunto de meios de atuação e intervenção que visam o combate à exclusão social. Lutando contra um assistencialismo muitas vezes instituído como única forma de inclusão social, é necessário tomar esta responsabilidade como uma obrigação de toda a comunidade, incluindo poderes do Estado e da organização da sociedade civil, como se pretende demonstrar no presente trabalho. É necessário redesenhar esta inclusão com todos os seus protagonistas e figurantes, promovendo a participação igualitária e equitativa, quebrando barreiras burocráticas, materiais e simbólicas e aproximando esta preocupação aos conceitos de bem-estar pessoal e comunitário, com a coexistência de pluralismo cultural e da interculturalidade.

Muitas vezes se fala de forma reducionista do termo “excluído” como aquele que não está incluído na sociedade majoritária. Só por aqui podemos inferir muitas camadas de significação para uma questão tão complexa. O excluído sofre esse “castigo” de inadequação social, o que vai perpetuar a situação de exclusão. A inclusão social depende da intervenção de diversos atores de diferentes campos sociais, seja num domínio de apoio mais investigativo, conceptual, seja num trabalho mais prático e no terreno. Estes interventores sociais, através da sua prática mediadora, concorrem para a reestruturação de projetos de vida, num papel fundamental de transformação social. Para o desejado entendimento entre os mediadores e os indivíduos em situação de exclusão social, é necessário que estes interventores ponham em prática a sua *competência intercultural* (Cohen-Emerique, 2011), a capacidade de comunicação e compreensão intercultural que permite identificar os fatores de risco da interação intercultural. Esta competência propõe um processo-chave de descentração, de distanciamento de nós mesmos para que consigamos identificar os marcos de diferença e as representações culturais daquele que nos é diferente, com profundo reconhecimento da diversidade. Quando existe o choque cultural em zonas sensíveis de interação e têm lugar incidentes críticos, temos a oportunidade de tomar consciência dos nossos

preconceitos e estereótipos, de como o medo da ameaça afeta a nossa capacidade de reconhecer o diferente e nos leva a pressioná-lo para que seja como nós, através de violência simbólica. Se conseguirmos olhar-nos de forma autocrítica na relação com o Outro, conseguiremos reconhecer as nossas limitações e visões deturpadas, como aquilo que nós achamos que os outros precisam para serem incluídos na sociedade.

MEDIAÇÃO COMUNITÁRIA

Sendo a mediação um instrumento de intervenção social que visa a promoção da coesão social e territorial, esta tem de adaptar-se à diversidade de situações de conflito que ocorrem nos vários eixos de uma comunidade. A prática da mediação combina várias dimensões que se prendem com o caráter cultural e técnico dos profissionais. Para Giménez (2010, p. 24), a tônica da prática do mediador não é colocada no seu sentimento de pertença ou identidade cultural, mas sim nas suas capacidades profissionais, referentes comunitários e posicionamento local. Quer isto dizer que o mediador não tem de pertencer obrigatoriamente à comunidade dos sujeitos com quem constrói a mediação, sendo que, sempre que as variantes etnoculturais se sobrepuserem às suas capacidades linguísticas e interculturais, terá de trabalhar no sentido de colmatar esta clivagem, recorrendo a uma equipa multidisciplinar, alterando estratégias, documentando-se ou mesmo passando o seu trabalho a um/a colega mais conhecedor/a da realidade em causa. As competências para o diálogo intercultural não são inatas ao ser humano;

“devem ser adquiridas, praticadas e alimentadas ao longo da vida. A educação para a cidadania democrática é essencial, tanto para o funcionamento de uma sociedade livre, tolerante, justa, aberta e inclusiva, quanto para a coesão social, a compreensão mútua, a solidariedade e o diálogo intercultural, e para a igualdade entre as mulheres e os homens” (Moreira, 2016, citado por Pires, 2020, p. 28).

A dimensão comunitária da mediação é de extrema importância no que se refere à integração e coesão social. “A vida local das cidades, freguesias, bairros e núcleos de vizinhança é o terreno onde se expressa quotidianamente boa parte da inclusão e da

exclusão. É nos bairros onde se registam as relações de vizinhança, de proximidade e de cercania.” (Giménez Romero, 2010, p. 29). A convivência intercultural e social em comunidades culturalmente diferenciadas é a chave para a transformação e *empowerment* dessas comunidades. A “vida que é compartilhada pelos indivíduos, famílias e grupos no que diz respeito a interesses, preocupações, problemas, soluções para esses problemas, expectativas, uso do espaço, serviços e a tudo aquilo que faz parte da vida em sociedade” (*Idem*, p. 30) é o princípio norteador desta mediação comunitária que estabelece ligações entre sujeitos culturalmente afastados num mesmo local físico, que condiciona todas as relações que daqui advêm.

O mediador comunitário deverá ter características específicas para a sua missão, deverá ser um construtor de pontes que respeita a diversidade das margens e reconhece o potencial transformador da mesma. Esta mediação deverá ser levada a cabo de forma “natural” e não impositiva, respeitando as várias vontades e sensibilidades em jogo. A aproximação entre várias comunidades (ou membros dentro da mesma comunidade intercultural) deverá celebrar sempre a diferença, promovendo a harmonia não homogeneizadora (Torremorell, 2008, p. 80).

A vivência em comunidade deixou de ser um fenómeno meramente físico e social para adquirir uma vertente psicológica e cultural inegável. São espaços que se vêm nos tempos pós-modernos cada vez mais afastados das grandes instituições clássicas do passado como o Estado, a família ou o trabalho, devido a uma crescente deterioração dos laços com estas instâncias.

“Esta perspectiva de comunidade não está, assim, isenta de tensões, conflitos e contradições. À rarefação dos espaços integrados de socialização, associada à intensificação e proliferação de meios de consumo que estimulam e exercitam permanentemente o culto da personalização e do individualismo, associam-se os fenómenos da mobilidade cultural e étnica que multiplicam as comunidades ditas de mosaico, quando não se instauram em guetos impenetráveis, o desemprego juvenil, o abandono escolar, a indisciplina social e escolar, o «nomadismo biscateiro», enfim, um rosário de experiências mergulhadas entre a expectativa e a frustração, que podem ir até à marginalidade e à exclusão. Nestes

termos, as comunidades são elas próprias estações de solidariedade provisórias, espaços de tensão e coexistência onde os valores comuns são ditados pelas leis da sobrevivência transitória em torno de instituições que se oferecem como âncoras de circunstância” (Matos, 2009, p. 186).

De acordo com o autor, neste espaço local de vida, onde se acumulam conflitos, impasses e contradições e os problemas económicos e sociais interferem na comunicação intracomunitária, provocando desconfiança, os problemas sociais transformam-se em problemas psicossociais, exigindo uma intervenção comunitária de cariz diferente da consagrada a estes meios no passado. O mediador comunitário terá de estar mais disponível para ouvir do que para falar, privilegiando o ato da comunicação como processo transformativo, abandonando a ótica da observação terapêutica. Valoriza-se então a intencionalidade do sujeito e não tanto as suas formas de comportamento, a escuta é mais relevante do que a observação.

A mediação comunitária transporta uma componente de cidadania, na qual o conflito não é mais visto como uma *incompetência social* dos membros da comunidade ou causado por fatores de comportamento transviado dos indivíduos, como algo que deveria ser extinto com ações externas e unilaterais. É antes visto como *uma expressão legítima dos interesses* de assunção da emancipação dos sujeitos, com todo o seu potencial transformativo se abordado de forma mediadora. É do interesse da comunidade receber o resultado dessa transformação, com vista à integração e cidadania plenas daí que a mediação comunitária e a mediação intercultural estejam naturalmente e inerentemente ligadas, pois “não é possível conceber a mediação comunitária sem a dimensão catalisadora da mediação intercultural” (Simões & Vieira, 2018, p. 55).

A mediação comunitária afasta-se da normatividade unilateral da intervenção assistencialista, dado que centraliza o indivíduo e as suas relações fraturadas com a restante comunidade, procurando caminhos que pacifiquem as ligações em conflito, negociando regras de resolução para as mesmas. Este é um processo contínuo pois todo o conflito que seja sarado é um início de outro conflito em potência, mas o princípio da intervenção dos próprios sujeitos na relação com esse conflito, com a companhia do mediador, em vez de se colocarem à margem do mesmo, é em si só um grande avanço na direção do retorno dessas pessoas à comunidade (local, simbólica, psicológica) da qual já não sentiam fazer parte, restaurando essa identidade que estava rasurada. A

mediação comunitária é o expoente máximo da mediação intercultural dado que é a sua materialização num grupo multicultural específico, num local determinado, com recurso a constantes diálogos interorganizacionais, em que entram em jogo redes de parcerias e sinergias que visam o atingir de objetivos comuns. É um trabalho que envolve trabalhadores sociais com pessoas, grupos ou populações, que envolve dedicação, empatia e interligação em territórios específicos. Que se socorre muitas vezes do tecido associativo para intervir nas comunidades quando a resposta pública se torna insuficiente. Que é uma cooperação e aprendizagem permanentes.

MEDIAÇÃO INTERCULTURAL

A mediação tem o seu surgimento em Portugal na década de 90, pela mão de programas comunitários que preconizavam a inserção socioprofissional de grupos socialmente desfavorecidos, promovendo o aparecimento de associações que promoviam o estreitamento de laços entre os sujeitos e a sociedade, com tónica na formação profissional de jovens em risco de exclusão (Vieira, 2011, p. 181). A mediação intercultural procura a prevenção e resolução de conflitos, em oposição à abordagem clássica dos processos de R.A.L. (Resolução Alternativa de Litígios), ligada aos meios jurídicos, que tratam a diferença como uma doença e que veem nos conflitos apenas a sua vertente violenta, levando a uma postura de afastamento em relação aos mesmos. A mediação intercultural baseia-se na voluntariedade dos intervenientes, num processo informal e confidencial, que procura uma situação benéfica para ambas as partes, sendo que as partes, mesmo quando são indivíduos, são tratados, escutados e compreendidos como sujeitos culturais sendo que as tensões e conflitos não são absolutamente individuais mas, antes, coletivos. Os sujeitos pensam sobre uma rede de significados e de valores. O Eu acaba, assim, por ser sempre um Nós (Vieira, 2009). O ambiente propício para este processo assenta na relação de confiança, quebrando com narrativas fixistas e ideias preconcebidas.

De acordo com Jares (2002, p. 151), a mediação transporta um carácter educativo com enormes potencialidades, quer na parte da resolução de conflitos quer no desenvolvimento de hábitos democráticos, onde o “respeito” pelo Outro se afirma com papel primordial. Esta experiência educativa da mediação é vivida tanto pelas partes que

se encontram em oposição como pelo próprio mediador e permite a este último fazer uma introspectiva acerca do modelo de profissional que é e os valores que pretende transmitir. As partes em conflito têm a oportunidade de intervenção igualitária na sua resolução, com os mesmos direitos, o que constitui um indicador democrático de boa organização institucional e até social, numa escala mais alargada.

Sendo a mediação um “procedimento de resolução de conflitos que consiste na intervenção de uma terceira parte, alheia e imparcial, em relação ao conflito” (*Idem*, 2002, p. 153), este processo deixa de depender apenas das partes opositoras e passa a ter uma terceira voz, esta sem poder para impor uma solução mas dotando os litigantes de ferramentas para controlar o processo e o seu resultado. É este o carácter educativo do processo de mediação pois todas as partes aprendem e atuam, com o objetivo comum da obtenção de um acordo final. É, por isso, um processo ativo para todos os intervenientes, pois todos possuem as suas aprendizagens, características, contributos e objetivos. Esta função educativa é, para Capul e Lemay (2003, p. 112), uma das principais funções do mediador intercultural. É a pessoa que estabelece a ponte entre a pessoa “em processo de construção” e a sociedade da qual essa pessoa se deveria sentir parte. É necessário criar “lugares de vida”, com recurso a uma “arte entre dois” (*Idem*, 2003, p. 113), com a qual o mediador reconhece o potencial transformativo dos sujeitos e o canaliza de forma subtil para o seu aproveitamento social, orientando um percurso pessoal e voluntário. Tem ainda um papel primordial na tradução de linguagem não-verbal e na facilitação da comunicação dentro dos grupos interculturais, construindo espaços seguros de troca de experiências e fortalecimento de relações de confiança.

De acordo com Torremorell (2008),

“a mediação (...) pressupõe um pequeno empurrão na direção da desejada coesão social, uma vez que, ao incluir os diferentes participantes num conflito, promove a compreensividade; ao aceitar diferentes versões da realidade, defende a pluralidade; e ao fomentar a livre tomada de decisões e compromissos, contribui para a participação democrática.” (p. 8).

No entanto, os processos de mediação não podem ser vistos como a receita mágica para curar todos os problemas sociais; podem antes ser aproveitados como ferramentas para a construção de caminhos bilaterais futuros. “Aprender a transformar os conflitos em

oportunidades” (*Idem*, 2008, p. 9) deverá ser o maior contributo da mediação intercultural, de superação de diferenças e aproximação das relações interpessoais, colocando as pessoas não frente a frente mas sim lado a lado, tendo em mente que “os conflitos não se criam nem se destroem, apenas se transformam”. Esta mediação pode ter lugar em três situações diversas: na prevenção do conflito (com a aproximação e comunicação entre pessoas de quadros culturais distintos), na reabilitação (quando já existem tensões e conflitos interculturais) e na sua dimensão reabilitadora (com um processo criador de superação de diferenças e promoção de uma convivência multicultural com espaços relacionais partilhados).

O mediador intercultural deverá orientar a sua ação no sentido de facilitar a comunicação entre as partes divergentes, tentando reduzir o ruído provocador de desentendimento, assessorando os agentes sociais no estabelecimento de relações comunicativas entre os mesmos e os grupos minoritários em matéria de interculturalidade e diversidade(s) cultural(ais). Terá a seu cargo o papel de acompanhar estes grupos minoritários nas suas relações institucionais com a cultura hegemónica, funcionando como um tradutor entre culturas muitas vezes separadas pelas burocracias e instituições fechadas em si mesmas. O acesso aos serviços e recursos públicos e privados também deve ser promovido, pugnando pela igualdade de direitos de acesso e pelo princípio da não-discriminação. Deve ainda participar na construção da cidadania, com acompanhamento próximo dos percursos pessoais com vista à inclusão e integração social, favorecendo a participação social e comunitária dos que se sentem à margem. O mediador diagnostica, planifica e avalia a sua intervenção, com base no diálogo intercultural, por meio da gestão e mediação de conflitos. Tem de ser uma pessoa polivalente e com capacidade de adaptação a várias situações e contextos, sensível à escuta e que acredite no Outro desconhecido. Terá de ser confiável e paciente, respeitando os ritmos pessoais e assegurando a confidencialidade. O mediador tem de ser capaz de uma constante redefinição, com versatilidade, ajustando as suas ferramentas às pessoas e situações em causa. Tem de ser uma pessoa interessada pelas diferenças e que as compreenda, para que os mediados se sintam percebidos e incluídos no processo de mediação. Para além de características pessoais e sociais, o mediador tem de estar munido de instrumentos técnicos e princípios éticos que norteiem a sua atuação.

O mediador é um facilitador de relações. É uma figura que incorpora as culturas dos mediados, numa posição de *multiparcialidade* (Torremorell, 2008, p. 24), nunca neutra, num nexó dialógico de aproximação das partes. A mediação intercultural procura conhecer o Outro, valorizando a sua diferença e aproveitando o potencial de conhecimento e descoberta positiva que encerra o conflito. É através deste diálogo intercultural, que une grupos diversificados de indivíduos mestiços culturalmente (Vieira & Vieira, 2016, p. 37), que se promove a partilha de experiências e se combate a exclusão social.

O mediador deverá estar sempre vigilante e conservar o seu discernimento para evitar imiscuir-se na liberdade das partes mediadas, sob pena de lhes retirar a sua liberdade decisória. A lógica ternária da mediação, aberta, permite o lugar de muitas vozes, mensagens e verdades. É um processo no qual todos os intervenientes participam ativamente. O mediador age, facilitando o diálogo e a negociação e aprendendo com cada sessão e cada situação como melhor atuar no próximo passo. Os mediados agem, pois é neles que se coloca o ónus da resolução do conflito, analisando a situação, colocando-se no lugar do Outro e chegando a um acordo que seja positivo para ambas as partes. Este é, assim, um processo dinâmico e diligente para todos os intervenientes no processo de mediação, com bases nos seus três eixos (pessoa, conflito e processo) num modelo de mediação intercultural transformativo.

Os processos de mediação têm como objetivo último o da mudança social, com a coexistência em paz e transformação positiva. Neste sentido, de acordo com Torremorell (2008, p. 41), os processos de mediação têm sofrido alterações e têm-se reinventado, devido a novas configurações sociais que alteraram as hierarquias e que se baseiam hoje no conhecimento e na informação, numa necessidade de relação e comunicação presenciais. Estas relações, para que se estabeleçam de forma clara e eficaz, dependem da (in)formação dos seus participantes. A reinvenção dos processos de mediação traduz-se numa prática ativa pois fomenta o diálogo entre todos os sujeitos envolvidos no processo, aceita várias verdades, incorpora o mediador e cria informação conjunta que serve o propósito último da transformação. É um processo plural, no qual intervêm as partes em conflito e que, com a presença do mediador como facilitador de comunicação, renova o conflito no seu potencial inovador de metamorfose. É aqui que se celebra “a diferença em vez de a penalizar” (*Idem*, 2008, p. 81), quando os intervenientes, cientes das diferenças entre eles, aceitam as mesmas como potenciadores

positivos e como marca da diversidade inerente à multiplicidade humana. A mediação estrutura a via da autodeterminação, servindo de ponto de encontro entre pessoas diferentes e que se querem diferentes, fugindo à tendência para encontrar apenas os pontos em comum. É um processo *multiparcial* no qual participa o mediador que nunca pode ser “neutro” pois, de acordo com a citada autora, o ser neutro só se consegue estando-se morto. O mediador estabelece um modelo de comunicação dialógico e horizontal que facilita a relação entre sujeitos, entre estes e o conflito e entre todo o processo comunicativo. Os sujeitos ou protagonistas são livres de participarem no processo, reconhecendo a alteridade e aceitando a *pedagogia para a convivência* (Jares, 2007, p. 28) com o Outro divergente.

INTERVENÇÃO SOCIAL

Como pudemos observar no ponto anterior, a mediação intercultural é um meio crucial para o restabelecimento de laços e construção de novas histórias de vida. A posição do mediador é de igualdade e de escuta, pondo todas as culturas no mesmo patamar de relevância, dando voz a todos os intervenientes, num ambiente seguro e de confiança. Criando esse “terceiro lugar” (Vieira, 2013, p. 121), o mediador intervém socialmente, contribuindo para o fortalecimento e pacificação de ligações, relevando a “função transformadora das relações entre pessoas e entre culturas” (Matias & Vieira, 2018, p. 34).

No entanto, são muitas as vicissitudes com que o mediador intercultural e outros trabalhadores sociais se deparam no seu trabalho de intervenção social. De acordo com Margarido (2012, p. 59) o sujeito que age de forma totalmente livre não é mais que uma abstração, dado que todo o indivíduo é um ser composto de individual e coletivo (Vieira, 2009, p. 12), facto pelo qual tem a sua atuação condicionada. O trabalhador social, não excluindo as suas premissas pessoais, é também influenciado por estruturas, campos e modos de atuação, assim como por relações de poder que condicionam a sua atuação profissional. Este trabalhador muitas vezes tenta equilibrar as orientações estruturais com as do seu próprio sujeito, o que leva ocasionalmente a transgressões das normas impostas. De acordo com Chopart (2000, p. 276), a crise dos valores da sociedade põe em xeque as práticas de ação de solidariedade que tinham vindo a ser

construídas desde o século XIX. Os projetos sociais de ação interventiva perdem a sua força e, “em nome da urgência”, o acompanhamento de qualidade dá lugar a medidas avulsas de assistencialismo de “remendos”, substitui-se o objetivo da promoção da melhoria de vida de indivíduos e grupos através de uma mediação transformadora por uma assistência social ao nível da “ortopedia social” (designação que Foucault utilizou para designar esta perspetiva remediadora em oposição ao ideal emancipador da criação de um novo Eu). Os ideais de solidariedade foram deslocados e a assistência aos mais desfavorecidos atinge funções mínimas de funcionamento. Existe uma fragmentação entre os profissionais que tentam resolver problemas atrás das suas secretárias e os que lidam com as pessoas e com as suas adversidades. As relações de proximidade são cada vez mais impessoais e os projetos de intervenção desajustados das realidades. O trabalho social sofre também muitas contingências ao nível da desprofissionalização, quando o Estado procura recorrer a voluntariado e a associações para realizar o trabalho que deveria ser feito por profissionais sociais. Estes profissionais sociais esbarram também em redes burocráticas, impedimentos, regras não explicáveis, exigências que não se podem cumprir. As barreiras frias do sistema oficial e informatizado, aliadas a profissionais sociais que as seguem cegamente, atiram muitas pessoas para situações de isolamento social total e irreversível, com a perpetuação de ciclos de pobreza pouco digna de sociedades modernas. Como se não bastassem as contrariedades de vidas foragidas, o próprio país abandona à sua sorte os seus filhos “bastardos”, os que não ficam bem na fotografia, que se varrem para debaixo do tapete quando se tem visitas. O trabalhador social tem a árdua tarefa de combinar todas as funções mediadoras na sua intervenção social e ainda conciliar as diferenças intrínsecas do profissional e do sujeito, que fazem com que as situações de intervenção sejam sempre diferentes e impossíveis de inventariar. O trabalhador social vive num paradoxo ininterrupto entre o exercer de uma autoridade inerente à profissão – como uma figura de poder e de obrigatoriedade em seguir as regras – e o ser empático e perceber o Outro: é nesta dicotomia que o trabalhador/mediador procura o seu lugar. Existe sempre uma influência no outro mesmo que inconsciente, tentando levá-lo a tomar as decisões que consideramos mais acertadas. No entanto, terá de se ter prudência para que não se caia na tentação no etnocentrismo técnico, no qual o trabalhador social tende a pensar que sabe *a priori* do que os outros precisam sem os conhecer, centrando as necessidades dos outros na sua visão do mundo.

As intervenções sociais podem ser realizadas de forma direta ou indireta, esta última frequentemente menosprezada, mas igualmente importante. Os vários tipos de intervenção, *in loco* e atrás da secretária, misturam-se e complementam-se, sobrepõem-se e cruzam-se no mesmo trabalhador social, tendo este de ser criativo na combinação dos mesmos.

A ação desenvolvida pelo interventor e trabalhador social é complexa, múltipla e transdisciplinar. É uma experiência a todos os momentos renovada e aumentada, devido ao caráter único do seu objeto de ação que é ao mesmo tempo sujeito da mesma. O alvo da intervenção social não é um objeto imutável sobre o qual se pode “agir” unilateralmente, mas sim um ser dotado de estruturas e características individuais que o tornam sempre distinto do próximo. O conjunto das experiências colecionadas desde o nascimento, vivências, influências várias, interfere e concorre para a escrita da sua história de vida, sempre diferente, sempre única, sempre multifacetada. Segundo Robertis (2011, p. 53), “o sujeito-objeto da intervenção não é uma página em branco; a sua ação vai ser construída a partir de si próprio enquanto ator que desenvolve uma estratégia, que mobiliza recursos, que tem uma história e que possui representações da sociedade, do trabalho social e dos seus direitos, inscritas numa dada envolvente.” Ora, esta é, de acordo com a autora, a relação do interventor social com o seu sujeito-objeto, movimentando o seu papel de mediador, “aproveitando” as características únicas dos indivíduos de forma afirmativa na intervenção social, que pretende a mudança positiva da realidade dos mesmos.

A intervenção social é trabalho conjunto e de equipa, que conjuga vontades, meios e finalidades. Por vezes nesta equipa têm de ser assumidos diferentes papéis, como o de líder (aquele que empodera a sua equipa, impulsiona e suscita mudança) e o dirigente (numa vertente mais objetiva e de gestão). A mesma pessoa tem de ter estas duas vertentes, integrando diferentes tipos de roupagens culturais na sua profissão. A organização do trabalho em equipa é crucial para o sistema pragmático e comunicativo, valorizando a heterogeneidade de sensibilidades e competências dentro desta mesma equipa, dado que “a diversidade e a diferença enriquecem a reflexão e as práticas e contribuem para o equilíbrio dinâmico de uma equipa, tendo, no final, um impacto positivo sobre o que é produzido” (Weber, 2011, p. 231).

Em todas estas redes de relações deparamo-nos com questões éticas. Este é também um conceito de difícil definição, devido à sua natureza polissémica. Muito utilizado nos

dias de hoje para justificar decisões marcantes de vida e comunhão relacional, este termo relaciona-se com o aperfeiçoamento e excelência da convivência com o outro, como o conjunto de valores que norteiam o comportamento do Homem socialmente. Está muitas vezes relacionado e confundido com o conceito de “moral” que se caracteriza como um conjunto de costumes e hábitos culturais, deveres e normas de conduta de um cariz mais pessoal, enquanto a ética apresenta uma índole mais social e/ou profissional (com o nome de “deontologia”, dentro de um grupo profissional). O trabalhador social vê-se constantemente deparado com a necessidade de desafiar e relativizar a moral, como forma de aperfeiçoamento de convivência. O seu *modus operandi* está reiteradamente a ser alvo de questionamento, de readaptações, de tomadas de decisão em confronto com dilemas morais e éticos.

O trabalhador social é também ele um ser social, porquanto ativa todas as suas preponderâncias prévias na forma de lidar com os desafios que lhe são impostos quotidianamente. Consequentemente, todas as experiências e oportunidades de intervenção social são únicas e irrepetíveis, pois não existem dois seres iguais, com relações e contextos iguais, em momentos históricos e contextos sociais iguais. Assim, sendo o interventor um sujeito igualmente ímpar, toda a sua ação será também subjetiva, não se podendo afastar a ação realizada da forma como ela é efetivada. A forma como se faz o trabalho social, como se age, depende sempre dos “valores e princípios éticos aos quais o trabalhador social adere” (Robertis, 2011, p. 138), sendo que estes influenciarão a sua conduta e relação com o Outro. A “forma de fazer”, o “como fazer”, pertence à esfera pessoal e cada trabalhador social, munido das suas escolhas éticas, terá um posicionamento diferenciado, reagindo de forma diferente e movimentando estratégias únicas para se relacionar com os diferentes polos de intervenção em conflito: o utente, os quadros legislativos, a instituição empregadora e a própria deontologia profissional e valores humanistas (Pascal, citado por Robertis, 2011, p. 139). O trabalhador e interventor social está, portanto, em contínuas adaptações e ajustamentos, mantendo em jogo todas estas variantes e variáveis, que tornam cada intervenção e cada experiência relacional uma situação singular e exclusiva.

As profissões e áreas de intervenção foram sofrendo ramificações, tendo surgido novas especializações e campos profissionais. As profissões de mediação e de intervenção sociocultural tocam-se muitas vezes, o que dificulta o balizamento das identidades profissionais. Estas cruzam-se, convergem e sobrepõem-se, tornando a categorização

das profissões sociais num processo intricado. Os profissionais da mediação e os profissionais da intervenção social têm em comum o seu campo de trabalho, as situações de encontro e interação com o Outro, ambos são profissionais da relação. Este exercício baseia-se em “técnicas” relacionais que visam um objeto da ação muito particular, o outro ser humano que necessita de intervenção. Encontramos muitas vezes técnicas da mediação na intervenção social. Para Dubechot (2003, p. 152), no entanto, existem fatores que distinguem estas duas identidades profissionais: na mediação existem três funções principais para com o mediado que são a função de acolhimento, a função de diagnóstico e a função de orientação; na intervenção social, existe uma abordagem mais específica pois, para além de todo o trabalho de interação com o público de cariz prático, tem a seu cargo tarefas administrativas e de pendor burocrático, com uma atuação em domínios mais concretos como a saúde, escolaridade, habitação, alimentação, etc. É natural a confusão entre os papéis destes dois profissionais da relação, muitas vezes até para eles próprios. No entanto, podemos inferir que, de uma forma generalizada, embora ambos atuem na relação próxima com o público, o interventor social tem um papel mais burocrático, de relação com normas e ordem estabelecida e o mediador atua preventivamente e reflete sobre essa mesma ordem. Um trabalhador social pode (e muitas vezes deve, se conseguir) sintetizar ambas as valências destas identidades profissionais.

A intervenção social em muito depende da mediação. A mediação, como referido anteriormente, questiona a ordem estabelecida, os quadros normativos e legais que balizam as profissões sociais. O mediador coloca-se sempre numa posição mediana (porque está no meio), que procura estabelecer pontes entre margens (mundos, comunidades, línguas, sistemas de valores), reconstruindo laços e potenciando a inclusão e o acolhimento. O trabalhador social faz essa mediação, estabelece a ligação, entre a ordem estabelecida e as pessoas com as quais trabalha.

A chamada “ordem estabelecida” carece de uma atitude de questionação constante e espírito crítico por parte de quem a ela tem de responder. Só com uma atitude interventiva se poderá dar lugar à transformação potenciadora da equidade que se procura, com vista ao fim da exclusão social. Ao estar num espaço “entre”, o mediador poderá estabelecer a relação entre o “sistema”, as normas e regras, e a vida real dos seres humanos que necessitam da intervenção social nas suas vidas. Trata-se de uma constante tentativa de “humanização” das entidades governativas, muitas vezes vistas e

sentidas como frias e monolíticas, alheias às vidas sofridas dos indivíduos aos quais se destinam, dando uma dimensão mais espontânea e individualizada à conexão entre esses dois mundos aparentemente opostos.

O *campus* do trabalho social é imensamente vasto como pudemos perceber, composto por especificidades e vicissitudes que apenas uma especialidade em intervenção social não resolve. O ideal será o desenvolvimento de um trabalho multidisciplinar que conjugue as várias áreas do social, com intervenientes diferenciados e funções a desempenhar específicas, assumindo que frequentemente os diversos trabalhos sociais se vão cruzar e complementar, dada a não existência de uma compartimentação identitária rígida nas profissões da intervenção social. Se essa coexistência for vista como potenciadora de resultados positivos, todas as profissões sociais poderão aprender e beneficiar mutuamente, produzindo uma intervenção social concertada que resulte na efetiva transformação da vida dos sujeitos.

ASSOCIATIVISMO E INTERVENÇÃO SOCIAL NO CONCELHO DE LEIRIA – QUADRO GERAL

O associativismo é uma forma de organização civil vital para a promoção da cidadania e reforço de sentimentos de pertença. Concorre para a configuração identitária e promove a integração e a inclusão social. As organizações voluntárias dos mais variados fins (associações de moradores, coros, clubes desportivos, cooperativas, associações culturais e sociais, etc.) assentam na livre adesão por parte dos seus associados e as interações entre os mesmos têm um carácter horizontal, facilitando a emergência do compromisso cívico (Albuquerque, 2008, p. 103). Segundo Fung (2003, citado por Ferreira, 2008, p. 109), as associações contribuem da seguinte forma para a dinamização da vida democrática: são a tradução da liberdade de expressão; são espaços de sociabilização cívica, política e cultural; têm um papel de contra poder em casos de autoridade ilegítima do Estado ou interesses dúbios; representam os interesses dos associados junto dos decisores políticos; são espaços públicos de deliberação coletiva; e têm envolvimento direto em assuntos do estado social que ultrapassam o controlo da ação governamental, chamando os cidadãos à participação. Ora, num contexto de reiterado afastamento dos cidadãos em relação às formas de participação política

convencionais, o associativismo assume um papel fulcral na promoção da participação ativa dos indivíduos nas suas comunidades, criando um sentimento de pertença. Acaba mesmo por ser uma ponte, uma **mediação**, entre as vozes dos seus associados e representados e as esferas políticas mais altas. Assim, o governo democrático sai reforçado quando tem por base uma sociedade civil dinâmica.

De acordo com Putnam (1993, p. 90, citado por Albuquerque, 2008, p. 115), as associações têm efeitos positivos num plano quer interno quer externo: no plano interno, induzem nos seus membros hábitos de cooperação, solidariedade e predisposição para a *res publica*; no plano externo, uma rede ativa de associações contribui para uma colaboração social efetiva. Defende ainda que as associações mais bem-sucedidas na sua atividade são aquelas que derivam de iniciativas participadas em comunidades locais relativamente coesas e que o contexto social e histórico influi significativamente na eficiência das instituições, em comunidades modernas. Embora outros autores apontem para o facto de os grupos mais participativos em termos associativos serem aqueles que detêm *a priori* mais capital social, reforçando desigualdades já existentes nomeadamente em termos de estatuto socioeconómico e sociabilidades (segundo as teorias de reprodução de desigualdades, como a análise de Bourdieu), Putnam defende que a existência de redes associativas permite adquirir confiança, com a aceitação e observância de normas, com base em valores comuns e uma reciprocidade entre todos estes elementos, fazendo com que, com agregação e sociabilização, indivíduos que estavam “fora” destes círculos os comecem a integrar e a incluir mais pessoas das suas redes relacionais, numa constante contaminação participativa crescente.

O concelho de Leiria é bastante rico relativamente à presença, aparecimento e renovação associativa na sua delimitação geográfica. De acordo com os dados oficiais fornecidos pelo município, a 31 de dezembro de 2021 o concelho de Leiria conhecia cerca de 100 respostas de cariz cultural (como filarmónicas, ranchos, grupos musicais, coros, grupos de teatro, escolas de dança e associações culturais) e 34 da área desportiva, com sede ou representação no concelho. Em termos da área social, segundo os dados constantes da Carta Social que analisa a Rede de Serviços e Equipamentos Sociais (RSES) e pretende dar a conhecer as respostas sociais no âmbito da ação social tuteladas pelo Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social (MTSSS) – na rede pública, solidária e privada-lucrativa – e que se encontra em atualização em 2022 - em 2020 o distrito de Leiria contava com 121 respostas ao nível de Creches, 20 Centros

de Atividades e Capacitação para a Inclusão, 20 Lares Residenciais, 120 Centros de Dia, 162 Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas e 139 Serviços de Apoio Domiciliário. Ao nível do concelho, Leiria conta com 72 respostas sociais que contemplam IPSS (Instituições Particulares de Solidariedade Social) e Associações de cariz de intervenção social.

Existe da parte do Município um regulamento de apoio ao associativismo, o PRO Leiria, que define as áreas, procedimentos e critérios utilizados na atribuição de apoios financeiros e não financeiros. Este documento dirige-se às entidades e organismos vários legalmente constituídos, como Associações, IPSS, Federações ou outras que prossigam atividade de interesse municipal e que respondam a determinados requisitos formais para uma contribuição à sua atividade.

De acordo com o estudo do Observatório do Associativismo Popular sobre o distrito de Leiria (Chainho-Pereira et al., 2021, p. 43), as associações de cultura, recreio e desporto do distrito de Leiria contribuem de forma significativa para um envelhecimento mais ativo da população. Segundo este documento, a presença dos associados homens é preponderante e num estrato etário mais avançado desempenham funções mais fiscalizadoras, enquanto os mais novos, funções mais executivas. A participação sénior nas atividades das associações é em menor número do que para as outras balizas etárias e as associações que colhem a sua preferência são as que promovem atividades de lazer e bem-estar. O tecido associativo diversifica-se em relação ao tipo de programas que desenvolve e não se limita à sua área de atuação, desenvolvendo atividades em vários âmbitos (culturais, desportivos, sociais, etc.), acumulando valências. Sendo este um estudo do distrito, e considerando a média dos resultados obtidos, poderemos inferir um reflexo destas conclusões ao nível do concelho.

No Plano Estratégico Municipal da Cultura para o Concelho de Leiria está bem patente a preocupação com a participação cultural e social de todos os membros da comunidade concelhia, redescobrimo a comunidade e valorizando a identidade, “com a descoberta da função social do Bem Comum, em ordem à partilha de um destino comum”, no entanto “nunca dissociando identidade de cultura de tolerância, de diálogo intercultural e afirmando sempre identidades culturais plurais.” Este cuidado com a diversidade de participações identitárias enquadra “os traços socioculturais que caracterizam as comunidades que aqui habitam, adotando um entendimento dinâmico de uma cultura-identidade, associada a um território”, incluindo o que se revela “nas suas práticas, nas

suas crenças, nos objetos que produz e que definem, no seu conjunto, um caráter próprio e único, sempre em renovação.”

CAPÍTULO 2:

Metodologia da Investigação

CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO: TEORIA E EPISTEMOLOGIA

A evolução do conceito de “ciência” coloca desafios à epistemologia, nomeadamente os relacionados com o conhecimento científico, com a sua segurança e natureza. De acordo com Boavida e Amado (2006, p. 17) há lugar à problematização acerca do que é o conhecimento verdadeiro – válido para todos - por oposição à opinião – particular e pessoal. Segundo os autores, esta distinção teve lugar pela primeira vez na Grécia (séculos V e IV a.C.) pelo que podemos verificar a antiguidade destas complexidades conceptuais. Os pensadores pré-socráticos procuravam já um conhecimento verdadeiro e não ilusório, constante e universal, que não dependesse de opiniões subjetivas e intuições sensíveis que teriam um valor científico muito limitado por oposição ao almejado conhecimento adequado e de verificação. Esta distinção entre o “conhecimento científico” como “seguro, rigoroso, objetivo e universal” (Boavida & Amado, 2006, p. 18) e “conhecimento não científico” do domínio da “opinião (...) resultante de impressões e interpretações pessoais não sujeito a análise rigorosa” (*Idem*, 2006, p. 19) ainda hoje é debatida e pertinente no questionamento sobre as bases do conhecimento assim como a forma de alcançar esse conhecimento científico, o que nos leva à discussão dos métodos científicos. É esta, pois, uma das grandes questões das diversas ciências: conseguir seleccionar os métodos (científicos) adequados à realidade que se quer estudar.

O surgimento das chamadas “ciências sociais” foi fruto de um processo de procura de conhecimento semelhante aos das chamadas “ciências naturais” e que conheceu o seu paradigma metodológico no modelo positivista e determinista teorizado por Auguste Comte (1789-1857) sob o qual se acreditava que o dado observado seria completamente independente do olhar do observador. Era um modelo causal, em que o cientista em nada se queria que interviesse no resultado da experiência, funcionando como um relator das realidades empíricas observadas. O sociólogo francês Durkheim (1858-1917) dá continuidade a esta linha de pensamento procurando demonstrar que os factos sociais

são passíveis de ser estudados de forma objetiva, ou seja, que a “coisa social” tem existência por si só e que pode ser analisada de forma exterior, pois o indivíduo é condicionado socialmente e age por imposições externas e não por subjetividades internas. Foi este teorizador que legitimou de forma mais preponderante a análise dos factos sociais pois defendia que a investigação científica deveria começar pela rutura com noções pré-concebidas elaboradas pelo conhecimento comum, pois o homem “(...) não pode viver no meio das coisas sem fazer delas ideias segundo as quais regula o seu comportamento” (Durkheim, citado por Silva, 2014, p. 29).

A reação contra estas conceções positivistas das ciências deu-se por duas vias: pela via filosófica e pela via no aparecimento das chamadas “contra-ciências” (Boavida & Amado, 2006, p. 82). A figura mais importante da via filosófica foi Dilthey (1833-1911) que procurou demonstrar “a oposição entre os princípios e métodos das ciências do espírito e os que presidiam ao desenvolvimento das ciências da natureza” (Luz, 2002, p. 79 citado por Boavida & Amado, 2006, p. 82). Era uma corrente de pensamento que negava a primazia da determinação da causalidade sobre todos os objetivos do conhecimento científico visto que as regras usadas para situações do âmbito da natureza não poderiam ser usadas quando o espírito entrava na equação. Assim, essa causalidade não era própria do estudo da vida emocional e intelectual das ciências humanas que, devido às suas características subjetivas, de procura de compreensão e interpretação da ação humana, não poderia seguir as regras de estudo das ciências naturais. Para Max Weber (1864-1920) era importante estabelecer a dicotomia entre explicação e compreensão. Atesta a condição da limitação e relativização do conhecimento da realidade, dado ser tão reduzido, e reconhece a subordinação do objeto em relação ao sujeito que o estuda, que o escolheu e que o interpreta. Mais tarde, a sociologia dá outro passo em frente, com Georges Gurvitch (1894-1965) afirmando que, embora de cariz determinista, a explicação do real pode ser um saber construído. Ora, para ser fruto de uma construção, tem de haver obrigatoriamente a intervenção do observador/ sujeito nesta integração de dados na realidade. Assim se questiona a primazia da esfera do objetivo e do exterior na realidade das ciências sociais. Para a ultrapassagem das divisões entre empiristas e inatistas foram fundamentais as contribuições deixadas por Kant (1724-1804) com a noção de que “os nossos conhecimentos começam pela experiência sensível, mas esta é mediatizada por conceitos, é organizada e estruturada

por quadros categoriais próprios do nosso espírito” (Silva & Pinto, 2014, p. 9), definindo as coordenadas modernas para o problema filosófico sobre o conhecimento.

O papel do observador será sempre subjetivo, daí a “ruptura epistemológica” citada por Cristina Robertis (2011, p. 44). Se noutras ciências o sujeito consegue diferenciar totalmente o seu trabalho das suas construções subjetivas e pessoais (embora tal pareça quase impossível), o sujeito das ciências sociais, que observa para procurar a resolução dos problemas que identifica, nunca poderá olhar para o objeto só para o ver, de forma desinteressada. Quando o sujeito observa, está já a atuar no objeto observado, passa a fazer parte dele porque nele interfere e dele vai beber para a sua construção da realidade. Assim, como referiu Edgar Morin (citado por Robertis, 2011, p. 44), o sociólogo nunca pode excluir-se da sua visão do objeto, do real. Todo o olhar é construído e apenas no olhar já intervém a subjetividade. De acordo com a lógica mecanicista e determinista, existiria uma causalidade linear e unívoca entre intervenientes, em que o ambiente do objeto é-lhe negado e este tem lugar independentemente das condições externas. Ora, como é facilmente observável, é impossível isolar o objeto das experiências das ciências sociais. O tecido social é composto de relações e interações tão complexas e interdependentes que não se consegue quantificar, isolar, medir apenas um fenómeno. Para Morin, o sujeito intervém no campo do objeto, modificando-o; integra o sujeito que conhece no objeto a ser conhecido, estabelecendo complexas ligações entres estes dois polos do conhecimento e contemplando a intervenção do subjetivo e do objetivo simultaneamente.

Sendo os Homens seres sociais, as suas ações refletem-se em práticas materiais e simbólicas, em constante interação com o seu meio natural e redes relacionais, grupos de várias dimensões e alcances, desde núcleos familiares a organizações em comunidades, como referido no Capítulo 1 deste trabalho. No desenvolvimento da sua vida social, o Homem estrutura-se em instituições – como as políticas ou associativas em estudo no presente exercício – modos de conduta no tempo e espaço, criando “materialidades sociais com propriedades estruturais próprias e que, por seu lado, condicionam decisivamente a produção das práticas que as produzem e reproduzem” (Silva & Pinto, 2014, p.13).

O universo das ciências sociais como hoje o definimos é resultado de processos históricos, intelectuais, sociais, filosóficos que atravessaram séculos. Na década de 1920-30, Marcel Mauss apresentou o conceito de “fenómeno social total” que se

baseava em dois princípios: que qualquer facto que ocorra em qualquer sociedade é sempre complexo e pluridimensional; e que todo o comportamento remete e só se torna compreensível dentro de uma totalidade (*Idem*, 2014, p. 17). Assim se torna mais clara a necessidade de diálogo entre várias disciplinas, escolas, perspetivas, recursos para uma melhor compreensão e conhecimento mais profundo do fenómeno social. Muitas vezes as fronteiras entre essas diversas disciplinas são de difícil definição dado que tratam de uma perspetiva diferente o mesmo objeto de estudo social, a mesma realidade, daí a necessidade de confluência, cruzamento, apotações de várias contribuições disciplinares, multiplicando prismas e métodos, problemáticas e paradigmas investigativos.

Na ótica de Cristina Robertis (2011, p. 55), concorrem para o trabalho social diversas disciplinas, com contribuições valorosas. Estas estão divididas em: a) filosofia; b) ciências sociais teóricas; c) ciências da ação; d) campo da realidade social. A contribuição da filosofia situa-se no domínio da filosofia moral, com o questionamento de valores morais universais e a ética e consequente resposta deontológica. No campo das ciências sociais, as suas disciplinas fundamentais têm como objeto de estudo o “humano social”, em oposição ao “humano biológico” - a diferença encontra-se nos diversos pontos de vista sobre este mesmo objeto. Exemplifiquemos. A sociologia procura fornecer explicações sobre a interação entre o microssocial e o macrossocial e demonstra como a realidade social é uma construção social e age sobre essa realidade, produzindo modelos de intervenção sobre a mesma. A psicologia foi sempre uma disciplina predominante no trabalho social devido à sua reflexão sobre a relação com o Outro e as apotações dos conceitos de empatia, escuta e algumas técnicas de diálogo, assim como o trabalho no domínio da cognição e dos afetos. A economia ajuda a contextualizar a situação económica dos utentes do trabalho social, para que os “observadores” possam compreender de melhor forma aquela relação específica com dados mais globais como o emprego, tipo de atividade, índices de produção, etc., assim como fornece ferramentas importantes para a interpretação de orçamentos e situações económicas desfavoráveis, na relação do Homem com os recursos existentes. A psicologia social interfere no trabalho social no campo da intervenção e trabalho social de grupo, de identificação de representações e papéis sociais e na criação de métodos de intervenção. No campo das ciências da ação, as ciências da educação e da informação contribuem ao nível epistemológico nos aspetos formativos e comunicacionais. No

campo da realidade social, o direito e a saúde contribuem com aprofundamento de conhecimentos mais gerais e específicos: o direito com o quadro político, jurídico e administrativo que permeia o trabalho social e a saúde com conhecimentos avaliativos e de saúde pública. Tanto as ciências sociais teóricas como as de ação valorizam o trabalho social com os seus mais diversos contributos, numa transdisciplinaridade enriquecedora a que os trabalhadores sociais podem recorrer (a uma ou a várias simultaneamente) no decorrer de cada intervenção específica. Completando, todas as disciplinas sociais são – ou deveriam ser – quer antropológicas quer históricas. Antropológicas porque são conscientes da diversidade cultural, do perigo do etnocentrismo, de que não há objeto humano independente de contextos reais variados e de que não existem formas de vida superiores a outras. Históricas, pois têm consciência da mudança inegável das sociedades ao longo de muitos tempos sociais, com factos irreversíveis e únicos que atravessam estruturas sociais historicamente profundas.

Existem outros desafios que se colocam às disciplinas sociais. Um deles é o facto de serem frequentemente “contaminadas” com interpretações que derivam do senso comum. O campo do social aparenta uma familiaridade e proximidade que produzem conteúdos de uma leveza que se tornam obstáculos à análise científica. Isto porque “os factos humanos são sempre factos interpretados, o que os distingue radicalmente dos eventos físicos; a consciência dos atores é o elemento constitutivo decisivo do mundo social” (Silva, 2014, p. 31). Por outro lado, o senso comum é também central na análise social, dado que é produto de conhecimento prático e herança de comunidades de forma diatópica e diacrónica. É um nível de representação mais imediato e prático sobre a realidade que é trabalhado por outro nível de concepções mais elaboradas e precisas, enquadradas em doutrinas e ideologias. Assim, poderemos inferir que o senso comum é suscetível a interpretações de carácter naturalista, etnocentrista e individualista dos acontecimentos sociais humanos e que pode obstaculizar o rigor do conhecimento científico. Para Silva (2014, p. 37) o senso comum é erradamente muitas vezes confundido com ignorância popular que seria ultrapassável através da educação. No entanto, o autor refere que a origem da questão é mais profunda e que se relaciona com a imagem que os sujeitos produzem sobre a realidade social que conhecem, com as representações simbólicas e ideológicas que criam e às quais estão sujeitos na sua ordem social.

O individualismo e o etnocentrismo frutos do senso comum são grandes dificuldades com que se depara o cientista social e que necessitam de desconstrução. O indivíduo e sociedade não são dois conceitos antagônicos nem podem ser separados, os seres humanos são atores sociais desde que existem, pois existem sempre em relação com o Outro. Para Bourdieu (citado por Silva, 2014, p. 41) a organização social existe sob duas formas que não são separáveis: as instituições e as disposições adquiridas de ser e fazer que encarnam nos corpos. Assim, Bourdieu afirma que “O corpo socializado (o que se chama indivíduo ou pessoa) não se opõe à sociedade: é uma das suas formas de existência”, negando então o individualismo *per se*, daí termos referido já anteriormente, na esteira de Ricardo Vieira, que o eu é um nós (Vieira, 2009 e 2014). O conceito de etnocentrismo tem-se relacionado com a sobrevalorização cultural de um grupo e sua universalização, com a conseqüente depreciação das outras culturas ou organizações sociais que não a do grupo de pertença. Trata-se de uma questão identitária que opõe o “nós” aos “outros”, que carrega semânticas de poder, afirmações legitimadoras no plano do conhecimento e representações simbólicas. Ora, esta oclusão do que é valorizado em termos de conhecimento, partindo de um princípio de que há conhecimentos mais importantes que outros e a defesa de um padrão único para o conhecimento dos outros, são representações interiores sociais e grupais que toldam o verdadeiro conhecimento antropológico e científico, pois levam os sujeitos a projetarem os seus quadros mentais em realidades que não podem ser interpretadas sob esse prisma. Só com a assunção de que, numa relação de conhecimento, ambos os polos são ativos e igualmente importantes poderemos chegar mais perto da verdade acerca da realidade estudada. Em ciência, neste caso nas ciências sociais, tem de se ter em atenção a luta contra preconceitos, axiomas, hipóteses, leis ou afirmações puramente ideológicas, pois são entraves ao conhecimento da verdade.

Assim, na linha de Gaston Bachelard (citado por Silva, 2014, 52), no processo de produção do conhecimento científico temos três “atos epistemológicos”: a rutura com as “evidências” do senso comum, a construção do objeto de análise e teorias explicativas e a verificação da validade dessas mesmas teorias confrontando-as com informações empíricas. Nesta relação, a construção teórica da formação científica tem um papel central. Podemos enfim concluir que “cada paradigma teórico rompe (...) com as pré-noções de senso comum e os operadores ideológicos que obstem, do ponto de vista

desse paradigma, à produção de conhecimentos científicos sobre o social” (*Idem*, 2014, 52) e que os factos sociais só podem ser explicados por sistemas de relações entre eles.

MÉTODOS E TÉCNICAS – DA TEORIA À AÇÃO

No início de uma formulação científica temos a sua problemática teórica. Esta problemática baseia-se num conjunto de questões relacionadas entre si e é o ponto de partida para todas as pesquisas que se realizam e acolhe os problemas de investigação para os quais se procura resposta. Para responder a estas perguntas, temos à nossa disponibilidade as teorias que as disciplinas foram desenvolvendo e os instrumentos técnicos de recolha e tratamento de dados que são organizados pelos métodos de investigação (Almeida & Pinto, 2014, p. 63).

O método etnográfico como método científico (e não apenas como técnica de recolha de informações) remete-nos para a ideia de “descrição de culturas” e implica obrigatoriamente a interação entre o investigador e o(s) sujeitos(s) num processo de investigação, num dado tempo e espaço – num tempo prolongado e num espaço social. É um método investigativo que centra a sua atenção no papel do investigador e nos métodos por si utilizados para adquirir conhecimento fidedigno sobre o seu objeto de estudo – um sujeito participante e produtor de conhecimento. O método etnográfico da investigação insere-se no paradigma hermenêutico, fenomenológico ou interpretativo e faz uma aproximação à postura ecológica, dado que procura investigar os sujeitos no seu contexto de vida, no seu habitat natural, para que os resultados sejam o mais fiéis possível à realidade das suas vidas quotidianas. O trabalho do investigador etnográfico não se limita a interpretar as respostas dos sujeitos em entrevistas, por exemplo, mas incorpora também a observação direta das suas práticas que, por vezes, podem entrar em contradição. É esta a principal virtude deste método, pois permite confrontar as respostas e o que é veiculado pelos sujeitos estudados e a sua prática, dando azo a interpretações e pesquisas mais completas. A etnografia é, assim, “genericamente entendida como um método de investigação assente no contacto direto e prolongado com os atores sociais cuja interação constitui o objeto de estudo” (Silva, 2003, p.27).

A presente investigação fundamental insere-se no paradigma interpretativo e baseia-se numa metodologia investigativa etnográfica e de cariz exploratório pois parte de uma

realidade histórica, social e cultural existente numa comunidade para, numa lógica de continuidade, desenvolver um conhecimento qualitativo mais abrangente e autêntico acerca dessa mesma realidade. Para tal, temos de recorrer a instrumentos técnicos variados. Primeiramente, é realizada uma investigação e levantamento de dados disponíveis para consulta, de forma a fornecer uma contextualização em relação às respostas de intervenção social das instituições eleitas para este trabalho. Seguidamente, os instrumentos de recolha de dados privilegiados serão as entrevistas, a observação participante e os questionários abertos/ conversação espontânea, tendo em mente que “nem o modo de perguntar nem a ordem das perguntas é importante, pois o apelo à racionalidade do ator permite a proximidade no vocabulário e a sequência” (Guerra, 2006, p. 53). Assim, as entrevistas e conversas não obedecerão a uma sequência rígida, apenas a um guião de base que será adaptado consoante o tipo de discurso e fluência da conversa. As entrevistas serão algumas gravadas, outras escritas, outras com recurso a apontamentos finais do investigador, para não quebrar a cadência. De acordo com Amado (2014, p.314), será um “procedimento aberto” na medida em que se constrói um “sistema de categorias puramente induzido a partir da análise, ainda que subordinado ao background teórico do investigador”.

A cada uma das três instituições escolhidas é dirigida uma entrevista semiestruturada, tendo sido solicitado às mesmas que escolhessem quem responderia a essa entrevista, dado que as próprias instituições é que detêm conhecimento de quem está mais por dentro das questões para as quais se procura resposta: da parte da Câmara Municipal de Leiria, a Chefe de Divisão do Desenvolvimento Social e Saúde; da parte da SAMP, a Coordenadora de Projetos de Intervenção; e da parte da InPulsar, a sua Diretora Geral de projetos de intervenção social. É ainda importante referir que foi colocado a estas instituições o ónus da escolha em relação ao seu projeto de intervenção social com maiores potencialidades de mediação.

Após a escolha dos diversos projetos, a investigadora tem contacto pessoal com os mesmos, recorrendo à observação participante e à conversa espontânea e coloquial com o público-alvo desses mesmos projetos. Considera-se ainda pertinente, se possível, o recurso a informadores privilegiados, interlocutores preferenciais, como forma de ultrapassar os condicionamentos inevitáveis inerentes à presença de uma pessoa estranha (o investigador) que contamina as respostas obtidas. Os atos de fala dependem frequentemente de estruturas linguísticas e de interações sociais que provocam tensões e

que conduzem ao silêncio, a atitudes defensivas e à escolha de certos porta-vozes que não veiculam o ponto de vista de todos mas o que “parece bem”, levando ao enviesamento de respostas e obstáculos investigativos. Recorrendo a estes “informantes privilegiados” (Costa, 2014, p. 132) é possível ter acesso a informações sobre aspetos a que não se pode aceder diretamente estando “de fora”, são fontes contínuas de informação vantajosa sobre as pessoas, pormenores de contextualização importantes ao estudo e acontecimentos quotidianos a que o investigador não consegue ter acesso. No final desta recolha, os dados das entrevistas são organizados em sinopses, de acordo com os formatos utilizados para cada uma.

O método de pesquisa qualitativo que aqui se refere por ser o mais adequado ao presente trabalho é uma estratégia de pesquisa que articula e seleciona instrumentos e técnicas como os suprarreferidos. Os métodos e técnicas qualitativos acordam no sentido em que “o principal instrumento de pesquisa é o próprio investigador” (*Idem*, 2014, p. 132) e que na observação participante é necessária a sua presença no contexto social em estudo e o contacto direto com “as pessoas, as situações e os acontecimentos” (*Idem*, 2014, p. 137). Para Morris Zelditch (citado por Costa, 2014, p. 140), “a observação direta participante (...) incluindo a conversa e entrevista informais, é a técnica mais adequada para a captação de acontecimentos, práticas e narrativas”, assim como “a entrevista a informantes é a técnica preferencial para a recolha de (...) conhecimento geral no contexto social em estudo”. Assim, embora a observação participante tenha os melhores resultados investigativos na obtenção de dados comportamentais e observáveis, esta informação poderá ser completada com recurso a informantes privilegiados quando o investigador não pode estar presente. A entrevista estruturada ou semiestruturada é mais eficiente na veiculação de vozes e normas instituídos, de um conhecimento mais geral e verbalizável.

O etnógrafo, como a etimologia assim o indica, descreve culturas e preocupa-se “tradicionalmente com entender o ponto de vista do Outro – *the native’s point of view*, na designação clássica de Malinowsky” (Silva, 2003, p. 30). A etnografia reflexiva “aceita o etnógrafo como interferindo, influenciando – pela sua mera presença no “terreno” – a “realidade” por si investigada”, tornando-se “parte integrante da rede de relações sociais que pretende investigar” e “parte e parcela do todo que pretende compreender e interpretar” (*Idem*, p.35). O investigador pode por vezes representar uma interferência à sua própria pesquisa de campo, mesmo que os métodos sejam não

intrusivos. É comum apenas a presença de alguém estranho ao meio alterar noções, depoimentos, noções da realidade. A conversa espontânea e informal, assim como a entrevista, são meios de recolha de conhecimento que implicam situações sociais, com a presença forte do investigador e que geram naturalmente interferência. Não sendo possível eliminar totalmente a interferência, é preciso tê-la em conta aquando da interpretação dos dados recolhidos. É através da interferência no espaço do outro que se chega ao conhecimento e ignorar esse facto é perder a importância das circunstâncias e da subjetividade nas ciências sociais. Por outro lado, as características sociais do investigador também interferem e condicionam o processo investigativo e, ao contrário de o esconder como se fosse um problema, este facto deve ser assumido claramente sob pena de faltar à verdade no resultado da sua análise. Sabemos que não existem textos neutros e que as interpretações do investigador são sempre influenciadas pela pessoa que é (Silva, 2003). É através do esforço de distanciamento científico até onde ele é possível que se processa, nas palavras de Pierre Bourdieu, “conhecimento das condições de conhecimento” e a “objetivação da relação objetiva e subjetiva” que existe entre o investigador e os sujeitos “investigados” (Costa, 2014, p. 148).

É frequente a confusão conceptual quando se fala em observação participante e trabalho de campo. Para Raúl Iturra (2014, p. 149), é clara a diferenciação pois a observação participante depreende um envolvimento direto do investigador com um grupo social em estudo seguindo as normas desses mesmo grupo e o trabalho de campo chama a si mais aspetos da vida social, com observação do comportamento manifesto, i.e., a primeira é mais isolada, pontual e o último mais contextualizado e envolvente. A observação participante, instrumento de recolha de dados selecionado para a presente investigação, pauta-se pelo “envolvimento que despe o investigador do seu conhecimento cultural próprio, enquanto veste o do grupo investigado; é o exercício que tenta ultrapassar o etnocentrismo cultural espontâneo com que cada ser humano define o seu estar na vida” (Iturra, 2014, p. 149). É uma “técnica compósita em que o contacto (...) com o “terreno”, o objeto de estudo, era controlado de modo a evitar, o mais possível, transformações nele” (Esteves, 2014, p. 269) e, no caso de essas interferências serem óbvias, deverem ser levadas em conta na análise de resultados. Neste tipo de observação, o investigador tenta perceber ao máximo os sujeitos que, por seu lado, tentam ajudar o investigador a percebê-los (idealmente). No entanto, por muito que haja esta entreajuda, “o observador jamais deixará de ser um estrangeiro” (Iturra, 2014, p.

155) em relação ao grupo que estuda; terá de acreditar nos seus testemunhos, nas suas contextualizações, reunir várias versões e fazer a sua interpretação colidindo diversas perspetivas e opiniões – no fundo, várias verdades sobre a mesma realidade.

O método investigativo etnográfico é o que se adequa a esta investigação social porque “o espaço da etnografia é, em primeiro lugar, um espaço social” (Marques et al, 2016, p. 131): é sempre num determinado espaço e num contexto que ocorrem as interações, relações, hierarquias sociais e de poder. Este espaço pode ser fisicamente delimitado, como um espaço social específico (uma aldeia, uma escola, um grupo ou um concelho, no presente caso) e/ou como um grupo social determinado (uma família, um grupo etário, uma classe trabalhadora ou determinadas instituições e seus projetos – com respetivos públicos-alvo, como nesta investigação). No entanto, a raiz definidora da etnografia, assim como da microssociologia, é a interação social presencial e os processos envolvidos nestas interações. Estes processos poderão ter lugar num espaço físico de certa forma circunscrito, mas que abarque uma deambulação de indivíduos entre vários espaços dentro desse espaço. Estas relações estabelecidas entre os indivíduos, porque relações humanas, estão sempre impregnadas de possíveis hierarquizações sociais ou posições de prestígio na comunidade. As características sociais dos grupos a estudar, poderão até “empurrar” o etnógrafo para fora do espaço delimitado para que possa ter uma ideia mais global da realidade, pois o espaço é “plástico” e heterogéneo e acarreta sempre vertentes físicas e comunitárias.

Este é um método de conhecimento da realidade de que o investigador dispõe em sociedades contemporâneas, marcadas pela diversidade cultural e realidades pluridimensionais. É um processo que permite um olhar mais global em relação a uma realidade objeto de estudo, que possibilita a entrada em aspetos distintos da verdade dos sujeitos com quem se pretende interagir e conhecer. Contudo, para uma verdadeira investigação intercultural (não sujeita aos limites de tempo, espaço e produção da presente e humilde dissertação), é profícua a integração de vários métodos investigativos complementares, com aportações de várias disciplinas transversais, que permitam um estudo mais ecuménico e que englobe diferentes perspetivas, dada a complexidade do objeto de estudo que é a realidade social dos sujeitos. Quanto mais completa e profunda for a investigação, com recurso a diversas técnicas e modelos, mais vasto será o conhecimento obtido e a investigação terá um real valor de estudo etnográfico do mundo, dando-nos “*the big picture*”, com sustentação fíavel e duradoura.

CAPÍTULO 3:

O Papel do Estado na Intervenção Social

O Estado Português, como principal responsável pela defesa dos direitos dos seus cidadãos, tem nos seus órgãos de administração regionais e locais a melhor forma de conhecer e agir socialmente ao nível comunitário. A Área de Desenvolvimento Social e Saúde da Câmara Municipal de Leiria afirma ter como missão

“assegurar a minoração de situações de carência, com vista à promoção e salvaguarda dos interesses próprios dos munícipes, potenciando a intervenção social e promovendo a inclusão social dos grupos sociais em situação de vulnerabilidade, em articulação com organizações públicas e privadas, quer através de programas e projetos, quer através de iniciativas de carácter pontual”

(www.cm-leiria.pt/areas-de-atividade/desenvolvimento-social-e-saude, 2021)

com vista a tornar Leiria um Município Inclusivo, com base em redes de parcerias, recursos e equipamentos sociais que minimizem as situações de exclusão social dos seus habitantes. Ao nível mais específico do desenvolvimento social, o município tem como objetivos que todos os programas e serviços sejam do conhecimento geral, sendo para tal necessária a promoção da informação e acessibilidade a todos os que se encontram em situação de desvantagem social (idosos, pessoas portadoras de deficiência, crianças e jovens); é também fulcral a dinamização do voluntariado de forma sistemática e estruturada como forma de responsabilidade social promotora de inclusão, cooperando com os diversos organismos públicos de promoção de inserção profissional e capacitando ao nível do desenvolvimento pessoal e familiar os cidadãos que se encontrem em risco psicossocial.

O Programa Rede Social - enquadrado pela Resolução do Conselho de Ministros 197 de 18 de novembro de 1997 (regulamentada pelo Dec. Lei 115/2006 de 14 de junho) - é um instrumento importante no planeamento da intervenção social e sua difusão, dado que se constitui como uma plataforma de articulação e congregação de esforços entre os agentes e parceiros sociais públicos e privados no combate à pobreza e exclusão social, promoção do desenvolvimento social integrado e promoção da inclusão e coesão social.

Esta Rede corporiza-se nos Conselhos Locais de Ação Social (CLAS) e nas Comissões Sociais de Freguesia (CSF) que elaboram e aprovam os seus regulamentos internos e salvaguardam a aplicação dos princípios da Rede Social. A metodologia deste programa assenta numa estratégia participada de planeamento, conferindo maior eficácia à intervenção dos agentes e à aplicação de medidas, projetos e programas de combate à pobreza e exclusão social, promovendo o desenvolvimento social.

Um instrumento basilar para um bom planeamento estratégico é o Diagnóstico Social, que permite a compreensão da realidade da comunidade, identificando as necessidades e problemas prioritários – e respetivas causas – assim como recursos e potencialidades locais de resposta e desenvolvimento. Outros Instrumentos de Planeamento participativo para a ação local são o Plano de Desenvolvimento Social e o Plano de Ação.

Leiria integra o projeto Rede Social e o seu CLASL elaborou o seu Diagnóstico Social do concelho para os anos de 2022-2025, com o contributo de alguns parceiros selecionados convidados. Este processo de partilha baseia-se numa articulação contínua e de reforço de parcerias, com a participação ativa dos vários agentes sociais locais – públicos e privados – visando o aprofundamento, construção e implementação de estratégias adequadas como resposta efetiva às necessidades dos grupos sociais mais vulneráveis da população do concelho. Nesta análise, são contempladas seis grandes áreas de intervenção social: 1. Família e Comunidade – que se divide em subgrupos de intervenção como Idosos, Infância e Juventude, Pessoas em situação de Sem-Abrigo, Migrantes, Comunidades Ciganas, Violência Doméstica; 2. Habitação; 3. Emprego e Formação Profissional; 4. Deficiência e Inclusão; 5. Saúde/ Doença Mental e Dependências; e 6. Parcerias.

Os resultados deste Diagnóstico Social não foram ainda à data publicados na sua versão final. No entanto, transparece nos interventores do mesmo a preocupação na elaboração de um instrumento de carácter dinâmico, sempre aberto a novos dados e consequentes atualizações, que convirja numa ferramenta útil quer aos mecanismos de resposta camarários, i. e., a resposta estatal, como às associações tão importantes neste trabalho de parceria e articulação, para uma intervenção social mas ampla e concertada, promovendo o envolvimento da comunidade nas questões sociais e dinamizando o associativismo, que é garante de uma comunidade atenta, desperta e interventiva. De acordo com Guerreiro (2008, p.5) “não existe um único processo de desenvolvimento,

mas tantos quantos os locais existentes.” Assim, o desenvolvimento comunitário deverá ser construído com a participação das comunidades e seus atores, os quais “poderão definir melhor que ninguém quais os seus principais problemas, que estratégias adotar e operacionalizá-las, conjugando a mobilização dos seus recursos endógenos e o estabelecimento de parcerias públicas-privadas entre os diferentes atores locais.”

O PAPEL DA MEDIAÇÃO INTERCULTURAL NA INTERVENÇÃO SOCIAL DA CML

A presença da mediação intercultural é fundamental num contexto de diversidade e diversificação cultural que se vive hoje no concelho de Leiria. De acordo com um levantamento recente, Leiria é dos concelhos no país com maior número de nacionalidades nos seus residentes. Para Ana Filipa Soledade, Chefe de Divisão do Desenvolvimento Social e Saúde da Câmara Municipal de Leiria (C.M.L.), este facto solidifica ainda mais a importância fulcral de uma intervenção social integrada e transversal. Dado que há questões sociais comuns a todas as culturas, a importância da mediação intercultural inicia-se logo nos primeiros anos escolares como estratégia de mudança de mentalidades e estereótipos. Através da partilha de culturas, trabalhando desde cedo com todas as diferenças e semelhanças, construindo uma convivência com todas as suas complexidades, este é um primeiro passo para a alteração de comportamentos e tratamentos.

A área do Desenvolvimento Social e Saúde da Câmara Municipal de Leiria dispõe de um Gabinete de Atendimento Social (GAS) que desde 2010 presta informação sobre todos os serviços e apoios disponibilizados quer pelo município quer por outras instituições. Os técnicos que fazem esse atendimento procedem a um diagnóstico do agregado com estratégias de mediação e facilitação, recorrendo ao diálogo intercultural, convocando toda uma rede de parceiros antes da ação social direta, considerada como de “fim de linha”. Este trabalho inicial visa facilitar o acesso à informação sobre os direitos e deveres sociais, pondo em marcha estratégias para atuar na situação que provoca o problema, procedendo-se a uma triagem de soluções, com serviços e respostas dentro e fora da C.M.L. Esta forma de receber os problemas e necessidades das pessoas que procuram o GAS procura uma maior sensibilidade e humanização dos serviços estatais que tratam de processos que são as vidas das pessoas.

Para Ana Filipa Soledade, a mediação intercultural está sempre presente em todos os processos de inclusão, convocando estratégias diversas consoante os contextos e intervenções. Um dos projetos em vigor chama-se “Mediar para Incluir” e é pioneiro em termos de trabalho camarário na área. É um projeto apresentado ao Alto Comissariado para as Migrações (A.C.M.), financiado pelo POISE, no âmbito do projeto de Mediadores Municipais Interculturais de Leiria e é um programa de mediação intercultural com a comunidade cigana local. Tendo para já a presença de uma mediadora de pares a trabalhar com a C.M.L. nos bairros Social da Integração e da Cova das Faias, para Ana Soledade faria todo o sentido mais um mediador, com outro *background*, para se poder trabalhar com outras diversidades. Este trabalho é realizado em rede, no qual a parceria com a InPulsar é fundamental no projeto “Giro ó Bairro”, que tem o mesmo público-alvo. Refere que a maior parte das vezes a sinalização de casos de conflito e de tensão surge por parte das escolas e dos colegas das crianças ciganas e que quando esse problema é reportado está já numa fase de problema instalado no qual se empregam estratégias de emergência quando o que se ambiciona é precisamente o contrário, trabalhar de forma preventiva mobilizando a família, a escola e a comunidade, utilizando a educação como forma de mudança de mentalidades. A título de exemplo, refere a iniciativa “No Amor Não Há Culturas”, uma exposição que pretendeu demonstrar como o Amor é vivido por todas as comunidades, com suas especificidades e pontos em comum. A comunidade cigana teve oportunidade de mostrar, através de fotografia, vídeo e texto, a forma como vivem e vêm o amor, havendo posteriormente uma meta-análise dos impactos da ação nas comunidades e na convivência entre ambas.

De acordo com a Chefe de Divisão, os processos de mediação são facilitadores da relação e devem estar presentes em todos os momentos de todos os projetos. Dá como exemplo o programa “SOS Ucrânia” para o acolhimento de refugiados ucranianos, com os quais se tentou identificar os conflitos antes da sua escalada para situações de tensão social, trabalhando a interculturalidade quer esta estivesse óbvia, explícita ou implícita. Referencia também o projeto “Sou InterCOOLtural”, um programa de rádio no qual jovens de várias origens nacionais e culturais respondiam às mesmas perguntas, trocando ideias sobre os pontos que os uniam e os que os separava. Esta foi uma forma de abrir a conversa à comunidade, sendo esse o objetivo destas iniciativas, o caminhar na direção de uma mediação mais comunitária e preventiva. Em todas estas atividades

há preocupação com a integração, mas não uma integração do momento, antes “uma integração vista como um processo sustentado e transdisciplinar, fundamentado numa metodologia de intervenção através da mediação intercultural”.

Ana Filipa Soledade assinala ainda o CLAIM (Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes), um protocolo que o ACM estabelece com as autarquias cujo trabalho é desenvolvido pelo município, tendo em vista reforçar a resposta especializada às pessoas migrantes residentes no município, desenvolvendo sinergias com parceiros locais, numa lógica de proximidade. É um atendimento que se baseia num diagnóstico das situações de forma individualizada e que permite aferir da diversidade cultural presente no concelho. Os maiores desafios que esta iniciativa encontra relacionam-se maioritariamente com as relações com outras instituições que são demasiado burocráticas e morosas. As situações mais frequentes são as de legalização assim como as de acesso à habitação através da ação social, procurando, através de uma rede de parcerias, encontrar soluções para os problemas que surgem.

Ana Soledade defende o alcance de se “trabalhar as identidades diversas na complexidade, não incorrendo na tentação da homogeneização por parte da sociedade majoritária”. É importante ter em linha de conta que, existindo vários intervenientes, vão existir várias expectativas diferentes e que para lidar com estas são fundamentais estratégias não formais de mediação, indispensáveis para a promoção da mudança. Acima de tudo, advoga a importância de respostas integradas e de continuidade, que interliguem projetos, numa lógica de intervenção comunitária precoce, com a presença de todos os intervenientes.

A MEDIADORA DE PARES

Guiomar Diamantina Silva tem 47 anos e é mediadora municipal intercultural. Embora seja um papel que admite assumir há algum tempo, esta parceria tornou-se oficial em outubro de 2021, quando assinou contrato com a Câmara Municipal de Leiria, trabalhando a par com a Divisão de Desenvolvimento Social. Os motivos que levaram Guiomar a adotar esta função prendem-se com a sua preocupação com a sua comunidade, de etnia cigana, na tentativa de “criar uma forma de visão diferente da sociedade em relação à comunidade cigana, os seus jovens e a cultura. Principalmente criar pontes entre várias entidades parceiras e as pessoas mediadas.” Como exemplo das

preocupações com a sua comunidade, a mediadora de pares avança com as condições das habitações sociais disponíveis e com a abertura de postos de trabalho sem restrições étnicas para que todos possam ter equidade no acesso ao emprego e luta por uma vida digna. Outra área de intervenção à qual está atenta é a da alimentação das pessoas sem possibilidades e defende a distribuição de bens alimentares e de higiene como uma forma possível de combate à precariedade social que conhece.

Em relação ao seu trabalho com mediadora de pares e mediadora intercultural municipal, Guiomar considera que esta atividade “faz toda a diferença porque por vezes é necessário haver alguém que saiba como falar e entrar na comunidade”.

Avaliando o trabalho desenvolvido até ao momento, Guiomar não se sente confortável a estabelecer metas ou a fazer avaliações pois o projeto é ainda recente e muitos poderão ser os resultados decorrentes e “é necessário avaliar com calma”, com forma de constante aprendizagem e readaptação de metodologias, objetivos e efeitos de transformação social.

CAPÍTULO 4:

A Mediação Intercultural em Associações de Intervenção Social no Concelho de Leiria

A diversidade cultural presente nas sociedades modernas tem tanto de enriquecedor como de problematizador de relações humanas. Os concelhos, as cidades, funcionam como amostra de um mundo globalizado no qual se cruzam a grande velocidade pessoas de todas as origens territoriais e sociais, com expressões, credos, valores e modos de viver díspares entre si. É este o grande desafio da pedagogia da convivência como parte integrante da vida em sociedade, assim como a aceitação do possível conflito que a acompanha (Jares, 2007, p.27). Assim, os territórios na sua organização mais reduzida em termos de extensão são o exemplo do que se passa ao nível macro, com as mesmas preocupações, desafios e procuras de possíveis caminhos de diálogo social.

O período histórico contemporâneo conhece dois principais modelos de políticas sociais: o Anglo-Saxónico (ou neoamericano) que se baseia nas leis do mercado capitalista, e o Social Europeu (o tão conhecido Welfare State) no qual o Estado assume os seus deveres de proteção social. Sendo neste último que nos inscrevemos, o Estado-Providência europeu pauta-se pela promoção do bem-estar social, com a importância da segurança social como garante de justiça (social). No nosso país, segundo Pereirinha e Carolo (2009, pp.4-5) citados por Margarido et al (2011), o desenvolvimento deste modelo de proteção social conheceu três fases: de 1935 a 1974, com a criação de seguros sociais obrigatórios, à semelhança do que já se fazia na Alemanha de Bismarck; de 1974 a 1986, com a democratização da sociedade e fortalecimento dos direitos sociais e participação cívica; e de 1986 à atualidade, com a entrada de Portugal na CEE, passando a reger-se por diretivas supranacionais.

Portugal não conseguiu acompanhar o desenvolvimento dos demais países europeus, resultado de uma crise económica e financeira, auscultando-se um sentimento de desconfiança em relação às capacidades do Estado em responder aos emergentes problemas sociais. É neste contexto que emerge o Terceiro Setor, como uma alternativa aos dois (setores) já existentes – o público e o privado. Na segunda metade do século XX, assistiu-se a uma “proliferação do movimento associativo e a multiplicação do

surgimento de cooperativas. É também neste período que as Instituições Particulares de Solidariedade Social conhecem um crescimento sem precedentes” (Santos, 2013, p. 32). Aquele que é designado por Terceiro Setor é comumente composto por instituições e organizações da área associativa e corporativa que se tem vindo a desenvolver com base nas lacunas detetadas na sociedade e para as quais não há estratégia social. São instituições que privilegiam o capital humano sobre o financeiro, baseando a sua ação na cooperação e que pugnam pela efetivação dos direitos sociais das comunidades em que se inserem.

As sociedades têm sofrido transformações gritantes no decorrer dos tempos. Estas mudanças refletem-se nas relações entre pessoas, nomeadamente nas relações sociais e familiares. As vivências são hoje diferentes e muitas vezes não se tocam, abrindo fossos relacionais que podem levar à exclusão social. Como já referido anteriormente neste trabalho, de acordo com Margarido et al (2011), “O associativismo emergiu enquanto estratégia civil de união e coesão social” e (as associações) “(...) suportam uma função de mediação entre os setores privado e público”, “ (...) entre o governo, a economia e a sociedade civil”. Estas relações têm-se pautado pela cooperação entre setores, com as associações a desempenharem um papel fundamental no combate à exclusão social e às desigualdades. Em tempos de alterações estruturais nas vidas das populações - com desemprego, impossibilidade de assistência a familiares (crianças e idosos), novos horários laborais, etc. – estas instituições fornecem estas respostas sociais de acordo com os recursos dos indivíduos, geram postos de trabalho e colmatam ausências que frequentemente levam à degradação do bem-estar das pessoas, evitando a generalização da exclusão social.

O concelho de Leiria tem uma presença associativa forte. Poderemos inferir que traduz a preocupação da sociedade civil com o bem-estar das comunidades. Estas associações dedicam o seu trabalho às mais variadas áreas da vida em sociedade, contribuindo com projetos, ações e partilhas que tentam colmatar o que se sente em falta no círculo onde se inserem. As associações e o poder local têm uma relação estreita e de complementaridade, não existindo umas sem o outro e vice-versa. São inúmeros os exemplos de parcerias, partilhas e sinergias estabelecidas, em prol de uma sociedade mais sã e completa. As instituições eleitas para o presente estudo, como referido na Introdução do mesmo, traduzem, a meu ver, esta ligação estreita com a comunidade em que se inserem, intervindo localmente, como forma de mudança social global. São

associações com projetos ímpares, que não só se cruzam em diversas atividades, como ambas estabelecem parcerias com a Câmara Municipal de Leiria, dando corpo à ideia primordial da colaboração imperativa entre organizações.

A SAMP

A Sociedade Artística Musical dos Pousos – SAMP – é uma Instituição de Utilidade Pública fundada em 1873 na freguesia de Pousos, concelho de Leiria. Foi seu primeiro presidente o Barão de Viamonte, figura importante na vida pública e política leiriense e nacional, pertencente aos partidos regenerador e progressista e que ocupou o cargo de Governador Civil do Distrito de Leiria por duas vezes (SAMP, 2012, p. 4). Eça de Queirós foi um dos seus sócios beneméritos, dando desde logo a perceber o papel de relevo que esta Sociedade tinha no cenário cultural da cidade.

De acordo com os seus estatutos, a SAMP tem como objetivo “promover e potenciar as práticas culturais, em especial através da música e de outras artes performativas, incentivar a formação e produção artísticas e oferecer quaisquer outras atividades no âmbito da instrução e recreio dos seus associados” (*Idem, ibidem*). A sua Banda Filarmónica centenária esteve na génese da fundação desta associação e, apesar dos contextos históricos e sociais inóspitos que se conheceram desde 1873, continua a sua atividade, sem nunca a ter interrompido. No seguimento desta Banda, seguiu-se a formação da Escola de Artes com ensino oficial de Música e de várias formações corais e instrumentais. Nos seus programas de ensino artístico, a SAMP desenvolve atividades intergeracionais com públicos-alvo que vão desde a primeira infância (como o projeto “Berço das Artes”, pioneiro ao nível nacional) à população sénior, com programas terapêuticos através das artes – especialmente pela Música – pondo em evidência o forte pendore de intervenção social presente nos projetos que desenvolve em parceria com outras instituições (públicas e privadas) e com organismos estatais. Esta sua presença constante nos meios por vezes mais esquecidos, seja numa aldeia remota, seja numa prisão a cantar ópera, seja num concerto com bebés, faz da SAMP uma instituição de referência no âmbito da intervenção social e pela mediação intercultural que opera constantemente, de forma renovada e reinventada, adaptada a cada nova realidade. Assim, a escolha da SAMP para figurar um exemplo da presença da mediação cultural nas respostas de intervenção social do concelho de Leiria torna-se obrigatória.

OS PROJETOS E PROGRAMAS SAMP

A SAMP é uma instituição de génese familiar e de proximidade, que contrasta com a projeção nacional e internacional que atesta o sucesso dos seus projetos de intervenção social. Com corpos sociais em regime de voluntariado – frequentemente pais de alunos e alunos da SAMP – o seu corpo docente também não é totalmente exclusivo da casa e as necessidades quotidianas vão sendo discutidas de forma próxima recorrendo a reuniões para elaboração de planos e estabelecimento de objetivos e equipas. A seu favor, a SAMP conta com a amplitude do seu público-alvo (em termos etários, sociais, económicos, culturais, etc.), o dinamismo e diversidade de atividades impulsionadas pelos seus profissionais, o caráter inovador destas mesmas atividades e o relacionamento que a instituição mantém com a(s) comunidade(s) em que se insere, assim como com os parceiros dos diversos projetos.

Em termos de formações residentes, a SAMP tem a sua Banda Filarmónica, os seus Coros (Coro SAMP, Coro Juvenil SAMP e Coro Infantil SAMP), a orquestra SwingSAMP e os Filarmónicos Pais & Filhos (um projeto de prática instrumental e vocal que reúne os alunos entre os 6 e 10 anos de idades e os seus pais ou encarregados de educação).

No que diz respeito à Escola de Artes, criada em 1992, a SAMP proporciona o contacto com a música desde o ventre da mãe. É o departamento com maior afetação em termos de recursos financeiros e humanos, tendo obtido paralelismo pedagógico em 2002, vinculada ao Conservatório de Música de Coimbra, e funcionando atualmente com autonomia pedagógica determinada pelo Estatuto do Ensino Particular e Cooperativo. O programa basilar desta Escola é o “Berço das Artes”, projeto educativo único ao nível nacional e europeu. Engloba um programa de estudos de ensino vocacional das artes para a primeira infância, do qual depois derivaram outros projetos como os internacionalmente conhecidos “Concertos para Bebés”. São vários os percursos artísticos disponíveis na Escola das Artes, da infância à idade adulta, sob forma de maior investimento profissional ou simplesmente por gosto, com ou sem conhecimentos musicais ou objetivos artísticos, através de diversos Cursos Livres à disposição, onde se chegam a juntar avós, filhos e netos.

Um projeto da SAMP que conheceu uma projeção extraordinária foi o “Ópera na Prisão”, uma proposta no âmbito da música erudita que resultou numa parceria com o

Estabelecimento Prisional de Leiria – Jovens, com o financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian através da iniciativa “Partis – Práticas Artísticas para a Inclusão Social”. De acordo com a SAMP, a “Ópera na Prisão” almejava potenciar o autocontrolo, autoestima e a formação pessoal e cívica dos jovens reclusos através da criação artística musical, da ópera em especial. Pretendia-se que resultasse na integração social de cada jovem, com recurso a estruturas presentes nas suas comunidades de origem ou noutras que demonstrassem essa vontade. Para além das entidades parceiras já referidas, a SAMP contou ainda com o apoio da Fundação Caixa Agrícola de Leiria, do Município de Leiria e da Escola de Dança Clara Leão. A este primeiro momento sucedeu-se o “Pavilhão Mozart”, numa lógica de continuidade, com o intuito de desenvolver novas respostas para problemas sociais e baixar os níveis de reincidência criminal desses (e outros) jovens. Pretendia-se assim a inclusão social dos intervenientes, com a criação de uma ópera em conjunto com os seus familiares e amigos, assim como a gestão de um novo espaço físico dentro do estabelecimento prisional. Este espaço pretende funcionar como um Centro de Artes performativas com espetáculos disponíveis aos reclusos intramuros, mas também à comunidade extramuros, funcionando como uma ponte entre dois mundos que raramente se tocam. O local, a arte que lá tem lugar e todas as construções de conjunto medeiam as culturas que se encontram de costas voltadas, funcionando como agentes promotores de mudança de comportamentos, perceções e formas de estar em família, redes de amigos e comunidades. O “Pavilhão Mozart”, para além dos parceiros atrás referidos, foi financiado através do POISE da Iniciativa Portugal Inovação Social, Programa Partis II. Numa fase posterior, o “Ópera na Prisão” internacionalizou-se e munuiu-se das mais avançadas tecnologias de realidade virtual, aliando a ópera à tecnologia digital, num novo projeto designado por “Traction”. Este funcionará como elo entre profissionais da ópera e comunidades específicas em risco de exclusão social, promovendo a transformação das mesmas e o caminho na direção da inclusão nas suas comunidades. Esta fase é financiada pelo programa Horizonte 2020 e, para além da sua Escola de Artes atrás apresentada, conta com a companhia do Gran Teatre del Liceu de Barcelona e da Irish National Opera, liderada pela empresa tecnológica basca VICOMTECH.

No âmbito do tema do presente trabalho, interessa-nos especialmente o trabalho desenvolvido pela SAMP no seu projeto “SAMP Contigo”, o núcleo agregador e do qual resultam inúmeras iniciativas e planos artísticos com objetivos de integração e

reabilitação social, promovendo a intervenção social através das artes em públicos em situações emergentes como a população refugiada, populações segregadas ao nível social e/ou religioso ou populações que se debatem com a solidão e com o isolamento. O início deste caminho teve lugar em 1991 e desde 2004 conta com uma panóplia mais diversificada de ações dedicadas a populações carenciadas ou marginalizadas. Com o crescimento e diversificação destas respostas de intervenção social, a equipa SAMP aprofundou modelos de intervenção e procurou a formação especializada dos seus recursos humanos, criando um núcleo de profissionais que gere de forma sustentada a implementação, organização e articulação de ideias e objetivos. Estes profissionais são da área da Música, Teatro, Dança, Educação Especial, Terapias Expressivas e Musicoterapia e depois, de acordo com a especificidade de cada projeto em causa, têm a companhia de profissionais de outras áreas complementares como a Psicologia, o Serviço Social, a Medicina e a Investigação Académica.

Como modelo de intervenção social, a SAMP defende a constante adaptabilidade e reinvenção. No encontro com um grupo que seja considerado como possível beneficiador desta intervenção pela Arte, seja por iniciativa da SAMP ou sugestão de outras entidades, os profissionais estudam o modelo de projeto mais indicado para o seu público-alvo dentro dos já existentes ou, no caso de nenhum responder aos objetivos em causa, criam um novo programa de intervenção e adequam os modelos existentes. Segue-se então a fase de procura de investidores sociais para o projeto, delineando o modelo de avaliação e técnicas a validar. O “SAMP Contigo” tem assim uma rede alargada de parceiros que se envolvem nas diversas vertentes dos diferentes projetos em curso. Os projetos decorrentes deste projeto “mãe” são tão diversificados como os seguintes: Allegro Pediátrico, Amar os Sons, Aqui Contigo, Caixinha das Artes, Cantares de Amigo, ConSentir o Som, EISA – Encontro Nacional Saúde com Arte, Il Trovatore: Os Roma do Lis, Laboratório de Musicoterapia, Museu na Aldeia, Novas Primaveras, Palco em Casa, Unidos pela Arte – UpA, 100 Limites ao Som, SAMP Contigo. Estes projetos abarcam uma enorme diversidade de públicos e debruçam-se com cuidado sobre as necessidades e especificidades de cada um.

A ARTE COMO POTÊNCIA DE MUDANÇA SOCIAL

O conceito de Arte é tendencialmente indefinível e as inúmeras abordagens à sua conceptualização pouco acrescentariam ao levantamento presente. O que se afigura como pertinente neste contexto é a relação entre Arte como forma de intervenção social e sua função de mediadora intercultural. Para Dmitry Leontiev (Castelão, 2011, p. 15) a arte apresenta uma tripla função: recreação, socialização e desenvolvimento pessoal. No domínio da socialização, defende o mesmo autor, a arte fornece-os de informações sobre o mundo, valores culturais, valores normativos e padrões de socialização, assim como modelos de representação pessoal. Em Portugal, a Educação Pela Arte deu os primeiros passos em 1956 com a criação da Associação Portuguesa de Educação pela Arte por nomes como Almada Negreiros, J. F. Branco ou António Pedro e veio a dar origem ao Conservatório Nacional. Nos dias de hoje, o Movimento Português de Intervenção Artística e Educação pela Arte inspira-se naquela associação pioneira e tenta manter vivas as diretrizes, ideias e ações da mesma, através da prática da educação artística. Num contexto de sociedades modernas multiculturais, o papel da arte na educação é de uma riqueza incalculável. A heterogeneidade das identidades culturais e possíveis conflitos que daí advêm tornam urgente e pertinente a utilização do potencial da arte enquanto forma de intervir socialmente pelos vários atores sociais existentes, sejam eles pais, encarregados de educação, professores, mediadores interculturais, trabalhando com o público “mediado” a procura de caminhos que levem à consciência informada, ao respeito pela diferença e à justiça social. Tendo com base a teoria construída por Friedrich Schiller, (Moreira, 2007, citado por Castelão, 2011, p. 25) defende que a vida humana atinge a sua plenitude na relação entre sensibilidade e racionalidade, sugerindo que a intervenção educativa pelas artes terá o poder de munir o ser humano da sensibilidade necessária à obtenção de mudanças sociais. A arte, enquanto espaço de natureza relacional, apresenta uma função de mediação “intrínseca ao próprio processo artístico que se efetiva através de ações mediadas pelas e nas próprias obras” (Coutinho & Lia, 2018, p. 147). Assim, o recurso a práticas artísticas como forma de intervenção social “surge como uma resposta a necessidades sociais, numa lógica de inclusão e justiça social”, contribuindo para “o desenvolvimento de competências sociais, pessoais e cognitivas e da promoção do exercício da cidadania” (Gomes, 2015, p. 2). Esta abordagem do reconhecimento das potencialidades artísticas

como reparadoras de laços sociais é materializada em programas de apoio tanto de índole pública como privada. Os programas mais abrangentes que podemos destacar neste contexto é, da parte do apoio das políticas governamentais para a inclusão, o programa “Escolhas” – iniciado em 2014, integrado no Alto Comissariado para as Migrações (ACM, I.P.) e que tem como objetivo a promoção da inclusão social de crianças e jovens de contexto socioeconómicos desfavoráveis, com vista à igualdade de oportunidades e reforço da coesão social – e da parte dos programas privados o programa PARTIS (Práticas Artísticas para a Inclusão Social) da Fundação Calouste Gulbenkian – que apoia projetos de práticas artísticas que promovam evidências de inclusão social.

A ideia de inovação social, que anteriormente se relacionava quase exclusivamente com o meio tecnológico, está, nos dias de hoje, em contacto próximo com as políticas de intervenção social, como forma de encontrar novas respostas para os desafios sociais que nos colocam as sociedades modernas. Para Gomes (2015), o conceito de inovação social é tanto um produto como um processo que depende de uma ação coletiva: um produto porque assenta numa metodologia que é transferível e um processo porque pretende uma mudança social de grupos em situação de vulnerabilidade da sociedade (André & Abreu, 2006, citados por Gomes, 2015, p. 22). A avaliação do impacto social dos projetos é também cada vez mais uma ferramenta valorizada pelas entidades financiadoras, como forma de aferir do grau de mudança social conseguido por determinado projeto na sua zona/ comunidade de intervenção, é a “análise sistemática das mudanças – duradouras ou significativas, planeadas ou não – na vida das pessoas e ocasionadas por determinada ação ou série de ações” (Roche, 2000, p. 37).

A mudança social é o propósito último dos projetos de intervenção social através de práticas artísticas, em dinâmicas que envolvem os artistas e o público com o qual se trabalha. É uma mudança provocada por agentes externos que pretende uma mudança interior dos indivíduos, dotando-os de capacidades de autoconhecimento e autovalorização que por vezes só a arte consegue despertar dentro das vidas adormecidas.

A MEDIAÇÃO INTERCULTURAL NOS PROJETOS SAMP – UMA VOZ DE DENTRO

A SAMP tem uma longa história da utilização da Arte, mais propriamente a música, na transformação da relação com o Outro. Quem o atesta é Raquel Gomes, coordenadora de projetos da SAMP, numa entrevista dada de forma escrita por motivos de confinamento, para quem esta casa é “uma instituição HUMANA que utiliza a ARTE ao mais alto nível, para INOVAR. Com a qualidade Artística e a Inovação juntas, acontece a Transformação, em nós e no Outro. Uma instituição de Encontros. Onde cabe toda a gente, qualquer ser humano, vindo de onde vier e em que condição estiver.” Nascida da vontade do Barão de Viamonte, detentor de muitas terras, em oferecer aos seus trabalhadores instrumentos musicais para que pudessem usufruir dos seus momentos de lazer, daqui germina a Banda Filarmónica hoje centenária que corporiza esta convivência entre gerações e estatutos sociais, com a constante preocupação com o Outro. Conta-nos Raquel Gomes que desta Filarmónica nasce uma Escola de Artes, com a junção da Dança, do Teatro e das Artes Plásticas. Percebendo a potencialidade da conjugação de todas estas artes surge o Berço das Artes - Música, Teatro e Dança para bebés e crianças dos 0 aos 5 anos e suas famílias – projeto que tem como base tudo o que é a SAMP e do qual se bebeu para fazer acontecer outros programas de intervenção pela Arte que foram surgindo, com outros públicos-alvo:

- Auditório 1 – Grávidas;
- Caixinha das Artes – Intervenção Precoce;
- Amar os Sons – Salas de Multideficiência;
- Allegro Pediátrico – Pediatria;
- ConSentir o Som – Psiquiatria Aguda (Internamento);
- 100 Limites ao Som – Psiquiatria Crónica (Internamento);
- DoiMenor – Unidade de Dor;
- Il Trovatore – Os Roma do Lis – Bairros de Etnia Cigana;
- Ópera na Prisão | TRACTION – Prisão-Escola;
- Novas Primaveras – Lares, Centros de Dia, Unidade de Cuidados Continuados e Apoio Domiciliário;
- Aqui Contigo – Com pessoas em Fim de Vida / Cuidados Paliativos;
- Musicoterapia – Público em Geral;

- Palco em Casa – Concertos em casa de pessoas em situação de Isolamento e Solidão;
- Museu na Aldeia – A Cultura de e para aldeias Isoladas;
- UpA – Unidos Pela Arte – Para profissionais de Saúde e Cuidadores;
- Cantares de Amigo – Arte com Dor Crónica.

Para Raquel Gomes,

“se no início se poderia considerar que a maior área de intervenção social seria numa população mais humilde, rural, acrescentando e direcionando mais tarde o foco para os bebés e suas famílias, atualmente é difícil definir qual a maior área de Intervenção Social. Estamos presentes do nascimento à morte. Na gravidez e no Funeral. No cigano e no recluso. No Bebé e no Idoso. No doente e no Profissional da Saúde. No deficiente e nos cuidadores. Na classe alta e na classe baixa. Na criança, jovem, adulto. No empresário e no agricultor. Estamos onde existe o Ser Humano sedento de Arte.”

Como modelo de trabalho, a coordenadora distingue o facto de a SAMP ser uma instituição com um conjunto de profissionais muito diversificado: músicos profissionais, músicos amadores, professores, musicoterapeutas, terapeutas expressivos, doulas de fim de vida, artistas comunitários, bailarinos, atores, cineastas, psicólogos, museólogos, sociólogos, voluntários, etc. Consoante as características e necessidades do público-alvo, estes profissionais são divididos pelos diferentes projetos que a SAMP desenvolve. Existe uma base comum a todos eles, a valorização do “Estar Com”, do “Cuidar”, da “Música”, da “Arte”, da “Qualidade”, da “Criatividade”, da “Inovação”. Praticamente em todos os projetos existe uma dupla de profissionais. Um seguramente da área da música e o outro poderá variar entre dança, teatro, música, poesia, etc. - depende do projeto a procura pela solução mais adequada.

Todos os programas SAMP se baseiam no mesmo ritual, ritual este considerado como fundamental para a promoção da Empatia e, por sua vez, da Entrega e disponibilidade para dar e receber:

- Uma canção de Olá – “Onde nos damos a conhecer. Que ajuda no cumprimento individual de cada um. Que faz perceber ao outro que aquele momento é para ele e não

para um todo. Um momento que abre portas para a Empatia, abre portas para Dar e Receber mutuamente.”

- Momentos de fruição artística - “É importante oferecermos o melhor que Arte tem. A Fruição do Belo. Que o outro sinta o poder da Arte por si só. Como nos influencia pela positiva fruir de algo de Belo.”
- Momentos de Interação – “A interação tem pelo menos dois objetivos. Um, de fazer com que o Outro perceba que esta (Arte), está ao seu alcance. Qualquer pessoa pode sentir o prazer de fazer Arte. O outro objetivo é o de fazer sentir à pessoa como nós nos elevamos quando estamos expostos à criação. Independentemente da nossa condição física, conseguirmos criar, imaginar, sentir algo de novo, de diferente, é poderoso.”
- Uma canção de Adeus – “É importante definir o fim do momento. Acabou, mas o Sol fica cá dentro. É um até já. É um voltaremos; é uma conclusão do momento que vivemos juntos e uma demonstração do desejo do reencontro.”

É interessante estabelecer aqui um paralelismo entre este ritual e as diversas fases do encontro de mediação apontadas por Torremorell (2008): a entrada, a interação (a troca de histórias, sentimentos, pontos de vista das partes envolvidas, com feedback emocional por parte do mediador) e um último passo de conclusão.

Quando se pergunta a Raquel Gomes, o que diferencia a SAMP de outras instituições, a sua resposta é clara. O que diferencia a SAMP é que esta

“não cria “Palcos e sub-Palcos”, não há “o Sr. Doutor e o Zé da esquina”, todos têm igual importância; a SAMP é autêntica, sem máscaras nem artimanhas. Chega a variadíssimos públicos-alvo e não se limita ao facilitismo, gosta de desafios, demonstrando uma grande Inovação em tudo o que faz. Aceita o erro e com ele aproveita para Amadurecer. Cuida a qualidade artística e a qualidade de relacionamento com o Outro e coloca a Empatia acima de tudo. Tem sede de aprender, procura sempre crescer mais e conquista parceiros para partilha de conhecimentos e ações. A SAMP não se contenta com pouco mas valoriza a Simplicidade.”

A promoção da interculturalidade é vista como fundamental e vital para uma instituição como a SAMP. A diversidade de públicos-alvo a que se direcionam os seus projetos traz

uma enorme riqueza à forma como os seus profissionais olham a Vida e, por consequência, influencia também o seu modo de intervenção. Procura-se “interagir com todos os envolvidos de uma forma horizontal e sinérgica”, articular convivências, públicos diferentes, onde nenhum dos grupos se deve encontrar acima de qualquer outro, favorecendo assim a integração e a convivência das pessoas através do respeito pela diversidade. É também esta matriz de atuação faz a SAMP ser valorizada e respeitada: (está) “longe de políticas, mas convivendo com elas. Longe de religiões, mas convivendo com elas. Longe de ideologias, mas convivendo com elas. Respeitando a todos com a mesma intensidade e dedicação, seja ele o recluso ou o financiador.”

Quanto à presença da mediação desta interculturalidade, embora a mediação esteja presente em tudo o que fazem, Raquel Gomes destaca dois projetos: o “Ópera na Prisão” e o “Museu na Aldeia”. O “Ópera na Prisão” pela sua internacionalização (Portugal, Espanha, Irlanda, Inglaterra) e pela junção de reclusos, famílias, guardas e diretores prisionais, vereadores, ministros, juízes, psicólogos, músicos profissionais e comunitários, compositores, encenadores, funcionários institucionais, num mesmo projeto; ligando o Gran Teatre del Liceu, de Barcelona e a Irish National Opera da Irlanda; integrando, ainda, algumas das mais prestigiadas universidades e institutos de investigação europeus, projetos internacionais de referência, empresas internacionais, investigadores, especialistas. Para a SAMP, “com a sua forma de olhar a Vida e valorizar qualquer Ser Humano como Ser Especial, trabalhar e articular com tamanha diversidade de pessoas, olhares, estados de Alma é de uma riqueza incalculável”.

O “Museu na Aldeia”, pela expansão territorial em 26 municípios. É um projeto que

“une o idoso isolado ao artista de palco, ao autarca local e da Câmara Municipal, ao jornalista, ao Diretor do Museu, à família, ao sociólogo, ao psicólogo, etc....

e acima de tudo ligação entre municípios, entre autarquias de cores diferentes.

Diversidade em prol de um mesmo objetivo.”

Atualmente, a equipa de profissionais da SAMP é constituída também por dois psicólogos, um sociólogo e um museólogo, com o objetivo de se fazerem estudos científicos de Avaliação de Impacto nos diversos projetos, através da aplicação de instrumentos de avaliação e do seu tratamento da recolha de dados, em articulação com universidades portuguesas e estrangeiras que ajudam a validar o estudo.

Os maiores desafios com que a SAMP se depara nascem muitas vezes de fatores externos à mesma. A situação pandémica foi um bom exemplo disso, em que surgiu o problema de como chegar às populações vulneráveis numa altura de pandemia, em que se tornam ainda mais vulneráveis. Ao desenvolverem projetos dentro de Lares, Hospitais, Prisões, estão também sempre sujeitos às regras internas que perturbam a continuidade do processo de intervenção.

Para a sua coordenadora, a SAMP atualmente encontra-se num patamar bastante elevado em relação aos projetos que desenvolve. No entanto, mantém uma estrutura de organização, apoio e suporte, muito “primitiva”. Se por um lado é importante e vital manter o espírito “família” e de “voluntariado” na casa, por outro lado, esse tipo de gestão/direção limita-a no seu crescimento. “No meu entender, existe a necessidade urgente de se encontrar uma forma de gerir a casa com este misto de profissionalismo e familiar.” Outra grande fragilidade apontada está relacionada com a dependência de financiamentos de candidaturas, defendendo que “existem projetos que deveriam fazer parte de uma prática obrigatória de saúde pública. A Arte deveria estar dentro dos Hospitais, Prisões, Lares, Escolas, Aldeias isoladas, sem necessidade de candidaturas. Um bem necessário à Sociedade.”

A gestão de recursos é considerada “uma grande obra de engenharia”. Em relação aos recursos humanos, é difícil encontrarem-se profissionais que se enquadrem facilmente nestes projetos pois “para além das suas formações e qualidades profissionais, terão que igualmente serem pessoas “Humanamente” desenvolvidas. É preciso apaixonarem-se por esta casa, pela sua essência, pelos projetos e pela Vida. Muitas vezes é necessário darem muito de si, sem pedir nada em troca.” Os recursos materiais também não abundam e por isso existe a necessidade de articular muito bem os poucos recursos existentes, com a ajuda de parcerias.

Parcerias essas que são fundamentais, como o apoio das autarquias (Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia), com fundos públicos:

“Quando estiver internada quero ter alguém que cuide da minha Alma, das minhas emoções. Se tiver um filho preso quero que ele tenha a oportunidade de ter uma experiência que lhe pode vir a abrir horizontes e fazê-lo mudar de vida. Quando estiver a morrer quero ter a possibilidade de ser olhada, acarinhada com respeito, com dignidade. Se tiver um filho com um problema mental ou eu

própria cair numa situação de demência não me quero sentir “extraterrestre” quero ter oportunidade de ter uma vida dignificada com direito a tudo o que todos têm direito. E nós, SAMP, sabemos que a Arte em geral e a Música em particular tem este Poder de mexer com o Outro. Cuidar, causar bem-estar, aproximar. Trazer ao de cima o melhor de cada Ser Humano. Por isso, sim, o Estado deveria ter esta obrigação e apoiar financeiramente todos estes projetos que ajudam a uma sociedade mais saudável e condigna.”

A parceria com empresas locais com alguma estrutura financeira é também fundamental, com a existência de alguns mecenas, assim como as parcerias entre associações, outros projetos, Instituições são sempre muito saudáveis, pois ajudam a crescer e a criar momentos mais influentes e marcantes no público-alvo.

Em termos de projetos para o futuro, a SAMP encontra-se já numa rampa internacional.

“O nosso objetivo é sempre ajudar a uma mudança para melhor. Ajudar a uma maior valorização e respeito da Vida Humana. O grande foco é na comunidade que nos rodeia, mas sentimos que somos muito limitados, se por aqui ficarmos. Para uma mudança de fundo, de política, de olhares, de sentires, temos que crescer mais, temos que sair, viajar muito, articular, falhar, aprender, etc. É com esta experiência, e muitas vezes com o reconhecimento internacional, que os dirigentes, decisores, que estão ao nosso lado conseguem passar a olhar-nos com outro respeito. E as perspetivas são essas, de conseguir crescer cada vez mais com estes e outros projetos. Ter reconhecimento suficiente para que não nos angustiemos quando chegarmos ao fim de um ano em que supostamente um projeto considerado por nós muito válido, não tenha de ficar arrumado numa gaveta. A SAMP conseguir contribuir para uma mudança de políticas.”

O MUSEU NA ALDEIA

O projeto Museu na Aldeia é financiado pelo POISE - Portugal 2020, através da Iniciativa Portugal Inovação Social e tem como investidor social a Câmara Municipal de Leiria, juntando ainda parceiros como as Câmaras Municipais e Museus da Rede Cultura 2027 - Leiria, entre outros. Para efeitos de avaliação do impacto gerado do projeto, conta com o apoio do Instituto Politécnico de Leiria.

O projeto SAMP “Museu na Aldeia” tem como objetivo proporcionar a fruição da cultura a públicos que normalmente não têm acesso à mesma. Baseia-se num programa sequencial e integrado com visitas entre museus e aldeias, originando uma rede de coesa entre os municípios e as ofertas culturais e artísticas que possuem. Tem como público-alvo idosos autónomos com mais de 65 anos, residentes num dos 26 municípios a Rede Cultura 2027 e que vivam em zonas rurais isoladas, com pouca acessibilidade a oferta cultural.

Numa articulação constante, os profissionais SAMP e os autarcas e os profissionais dos museus (13) dos municípios (13) envolvidos levam peças de museu às diferentes comunidades rurais. Este primeiro momento origina abordagens diversificadas, transformações e reinterpretações das peças museológicas pelos habitantes das aldeias. Através de vários encontros criativos e de partilha, esta peça de museu é recriada pelos residentes, através das mais diversas inspirações. Posteriormente, a aldeia visita o museu de onde proveio a peça original, aí apresentando a sua criação, num momento de partilha e cocriação cultural.

A Rede Cultura 2027, através do seu grupo de trabalho, identificou uma das causas da solidão nos 26 municípios da região centro com a insuficiência de oferta cultural e artísticas nas zonas apartadas dos centros urbanos. Surge assim a necessidade de intervir nestas populações através da arte nos meios mais rurais como forma de inverter esta tendência.

Este projeto pretende promover a criatividade na população sénior, fomentando o sentimento de pertença através de práticas comunitárias, combatendo o isolamento físico e emocional e fortalecendo laços entre pessoas da mesma comunidade e entre estas e instituições, familiares e outras comunidades através da arte e da cultura. Numa realidade de crescente solidão das populações mais isoladas e envelhecidas, situação agravada pela pandemia junto de quem já sofria com este afastamento, considera-se

pertinente esta quebra de distanciamento incluindo neste processo os Museus, instituições que, de acordo com a sua missão e valores norteadores, estão ao serviço do público como agentes de transformação social. Este é um incentivo ao acesso e aproximação ao património cultural e às instituições museológicas, que muitas vezes são vistas como pertencentes apenas a certos grupos etários e sociais. É também uma forma de participação comunitária de adultos, que se distancia da educação formal e que se identifica com um “processo de participação social útil, propício a uma continuidade da vida social e comunitária”, contrariando “um processo de insularização dos atores, dos recursos e dos fatores de identidade” (Amiguinho, 2014, pp. 5 e 8).

O público-alvo é selecionado através de parcerias com instituições locais que sinalizam as populações mais isoladas e carentes de fruição cultural. Estas comunidades recebem uma peça de referência de um museu e reinterpretam-na, em conjunto com uma equipa multidisciplinar. Este processo criativo gera uma dinâmica contínua ligada à reinterpretação e às memórias dos indivíduos, dado que uma mesma peça terá tantas interpretações quantos sujeitos que a interpretam.

No final do projeto, ficará disponível uma plataforma com todas as peças originais e produzidas, com a respetiva infografia, funcionando como um museu virtual que une todas as comunidades participantes. Esta será uma forma de explorar e divulgar o património cultural e as novas criações.

A ATEANHA - UM LUGAR DO OUTRO

Uma das localidades selecionadas para este projeto foi o lugar de Ateanha, freguesia de Alvorge, concelho de Ansião, distrito de Leiria. Esta localidade é a mais isolada geograficamente de todas as que configuram este projeto, com apenas 30 habitantes. É um local, como referido por Paulo Lameiro – coordenador da Rede Cultura 2027 e profissional das Artes SAMP - onde só vai quem quer mesmo ir, com apenas uma estrada, a mesma para chegar e para partir. O facto de não ser um lugar de passagem vota Ateanha a um maior nível de isolamento geográfico e social, com a desertificação do território.

Num primeiro momento, devido à sua geminação com o Centro de Artes das Caldas da Rainha, a Ateanha recebeu na sua paisagem uma peça museológica de nome “David’s Bench” (o banco de David) da autoria da escultora alemã Susanne Paucker. Com a

equipa da SAMP, os habitantes acolheram esta peça, falando sobre as suas interpretações, sentimentos, memórias. Tiveram sessões em que partilharam histórias e vivências, opiniões e visões do mundo. Mais tarde, foram para a natureza procurar inspiração para a sua peça. Foi no meio da paisagem geológica que perceberam o que pretendiam: queriam construir um banco seu mas que desse para ser utilizado dos dois lados: de um lado apreciando a paisagem natural e do outro olhando a aldeia, num encontro entre o dentro e o fora. Ao seu banco deram o nome de “Banco da Amizade”, inscrevendo um “A” no mesmo, significando tanto a palavra “Amizade” como o nome de “Ateanha”. Este nome foi escolhido pelos seus criadores porque é o símbolo da união dos membros da comunidade, uma comunidade que, embora pequena, não vivia de forma muito próxima e que sentiu os seus laços e relações fortalecidos e renovados com as atividades decorrentes do projeto. O “Banco da Amizade” representa a ponte entre culturas anteriormente afastadas, revitalizando a valorização do meio rural e do sentimento identitário de união comunitária e de pertença, com a vontade dos moradores em mostrarem de onde vêm. O Banco veio também espoletar uma preocupação da comunidade com a preservação da peça recebida e, posteriormente, com a peça criada, numa união de esforços de todos os habitantes, unindo-os.

Os habitantes de Ateanha que participaram mais ativamente neste projeto reconhecem que nunca imaginaram que um dia fariam parte de algo do género. Através de entrevistas semiestruturadas e conversas informais pudemos testemunhar isso mesmo. Para M., se um dia lhe dissessem que iria fazer parte da construção de uma obra de arte dizia que “era impossível” e “no início estava um bocado reticente, mas depois vi que era interessante e que queria participar”. Refere ainda que sentiu imensa “surpresa em fazer parte de coisas que só se veem na televisão” e que gostou “de tudo, [...] de todo o processo” e considera “(o banco) importante porque é um marco, é a continuação do que passou por aqui” e porque “a nossa aldeia ficou mais conhecida”, reconhecendo assim a valorização da aldeia. Tendo sido a primeira vez que contactou com um museu, M. afirma que o projeto uniu mais as pessoas da aldeia pois as mesmas não tinham o hábito de se reunir sem ser na missa, tendo vindo a Arte a criar novos hábitos de reunião, o grupo que participou tornou-se mais unido após o projeto, combatendo assim a solidão e o isolamento e contribuindo para um envelhecimento ativo. “A Ateanha está a evoluir”, afirma com orgulho.

Para J., quando houve o primeiro contacto com o projeto a sua reação foi de estranheza e descrédito pois “não conseguia imaginar o que aquelas pessoas pretendiam com o resultado final, tinha dificuldade em perceber o que se queria, achei que não era possível”.

No decorrer do processo, estes novos criadores foram abrindo os seus pontos de vista e trocando ideias, trazendo sempre novas e valorosas contribuições para as discussões. Abriram as portas das suas casas para receber profissionais e vizinhos, em momentos de criação, confraternização e amizade.

Se no início a sensação foi de surpresa, no final do projeto o sentimento que transparece é de “pena por ter terminado”, como refere L., referindo ainda que “vou passar a olhar para as pedras de outra forma”, devido ao processo de criação.

Para A., a “aldeia (agora) é mais visitada”, por pessoas que aparecem porque ouviram falar do projeto. Considera que a vida na aldeia “mudou para melhor” e foi positivo para contrariar a tendência de isolamento com a idade. O que mais a marcou foi a convivência entre residentes e entre os mesmos e a equipa SAMP: “parecia que voltámos a crianças, voltámos a brincar”.

Globalmente, em relação às mudanças operadas em si e na comunidade através deste projeto, os habitantes referem ter sido significativas. Se, por um lado - o humano -, houve um estreitamento de laços entre os membros da comunidade, que passaram a conviver mais e a estar mais presentes uns para os outros, combatendo a solidão, por outro lado, a visibilidade do projeto chamou também a atenção do poder político, impulsionando outras transformações na comunidade há muito necessárias, como obras estruturais e de valorização patrimonial.

Aquando da apresentação do “Banco da Amizade” no Centro de Artes das Caldas da Rainha, a vereadora da área da Cultura da Câmara Municipal das Caldas da Rainha, Dr.^a Maria da Conceição Pereira, referiu que “A Arte serviu de ponte entre duas comunidades que de outra forma dificilmente se encontrariam.”

Houve também reações de surpresa e admiração por parte dos familiares mais novos em relação à participação dos seus pais e avós neste projeto, com o estabelecimento de novas conversas, com temas mais diversificados, cruzando-se assim mundos de gerações diferentes agora com um interesse em comum, com a conseqüente valorização dos mais velhos e das suas contribuições, saberes, olhares sobre o mundo, numa vertente de mediação intergeracional que norteia também estas atividades.

Podemos então inferir da capacidade mediadora da Arte neste programa em específico, ou de como podemos encarar a Arte como forma de mediação, com os profissionais SAMP a mediar sentimentos, percepções e transformações intra e interpessoais, intra e intergrupais e sociais (Torremorell, 2008, p. 70).

A INPULSAR

A InPulsar – Associação para o Desenvolvimento Comunitário é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), fundada em Leiria em 2012, que pauta a sua atuação pela intervenção social nas áreas da pobreza e exclusão social. Tem como missão a contribuição para a inclusão social e económica de setores da sociedade vulneráveis e em situação de exclusão social, procurando a aproximação e o envolvimento da(s) comunidade(s) nestas situações, pondo em relevo as potencialidades dos grupos, dos cidadãos e da(s) comunidade(s) na(s) qual(is) se inserem. O seu modelo de intervenção social é centrado no ser humano, nas suas capacidades, direitos e emancipação.

Os valores que norteiam o trabalho da InPulsar são: a equidade; articulação e participação; inovação e impulso; responsabilidade; flexibilidade. De acordo com o Relatório e Contas da instituição, em dezembro de 2021, contava com uma equipa de 24 trabalhadores, com 88 associados e 47 voluntários, divididos pelos seus diversos projetos de intervenção. Estes projetos de intervenção social e comunitária focam-se especialmente nas comunidades ciganas, comunidades migrantes, pessoas em situação de pobreza e exclusão social, como por exemplo os cidadãos em situação de sem-abrigo.

Os dez anos de existência da InPulsar têm sido em crescendo, por etapas, por projetos, avançando no terreno sem nunca esquecer onde se começou. É uma instituição que procura por em prática e transmitir a todos os que por lá passam as boas práticas de que não abrem mão: a primazia da intervenção pela proximidade, colocando sempre a pessoa no centro de toda a qualquer intervenção, com abordagens colaborativas centradas nas soluções e não nos problemas, recorrendo a práticas artísticas como ferramenta para a intervenção social, com recurso à educação e mediação de pares, sempre na defesa e promoção dos Direitos Humanos. De acordo com a apresentação

realizada por Lisete Cordeiro aquando da cerimónia de comemoração do décimo ano de vida da InPulsar, neste momento são já mais de 6000 as pessoas acompanhadas pela instituição, com 10 projetos principais em curso e com presença em mais de 100 ações/ eventos/ seminários neste domínio temático.

A InPulsar rege a sua forma de estar na intervenção social pela dimensão participativa da ação, “impulsionando” as capacidades e competências das comunidades envolvidas, visando o empoderamento do indivíduo, procurando encontrar respostas e alternativas de forma integrada, recorrendo a contributos transdisciplinares e pontos de vista diferenciados.

OS PROJETOS INPULSAR

Ao longo dos 10 anos de existência da InPulsar, o trilhar de novos caminhos e projetos tem-se feito de forma sustentável, para que todos possam ter lugar sem prejudicar os demais. Cronologicamente, estes são os projetos da associação até março de 2022:

- Giro ó Bairro – iniciado em 2013, tem como objetivo promover a inclusão social de crianças, jovens e suas famílias, designadamente de etnia cigana, através da mediação comunitária no Bairro Social Cova das Faias em Leiria, com recurso a metodologias participativas, criativas e que fomentem competências sociais e pessoais, desenvolvendo a sua autonomia e sentimento de pertença, levando à mudança social. É um projeto financiado pelo Município de Leiria e que teve o apoio do programa Parcerias para o Impacto – Portugal Inovação Social entre 2017 e 2020.

- Giros na Rua – com início em 2014, este projeto procura contribuir para o diagnóstico e melhoria das condições sociais e sanitárias de pessoas utilizadoras de substâncias psicoativas, com vista ao seu encaminhamento terapêutico e, por fim, à sua inclusão social. É financiado pelo Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD).

- Daqui p’ra Cá – nascido em 2014, foi concluído em 2015. Foi um projeto de intervenção local realizado na cidade de Leiria, com crianças dos 8 aos 13 anos de diferentes contextos sociais, que primou pela inclusão com base na educação artística e na transdisciplinaridade. Durante este ano, crianças residentes no Bairro Cova das Faias interagiram com crianças da mesma idade da Escola de Dança Clara Leão, aproximando os dois mundos através da dança, teatro, fotografia e vídeo. Além desta dimensão

artística, foi desenvolvida a dimensão social com potencialização de competências e acompanhamento psicológico. Teve como parceiros a Escola de Dança Clara Leão, a Câmara Municipal de Leiria, a União das Freguesias de Santa Eufémia e Boavista e a Rede Europeia Anti-Pobreza Portugal (EAPN – Núcleo de Leiria).

- Redes na Quint@ - este projeto surge da candidatura ao Programa Escolhas e tem sido financiado pelo mesmo nas suas posteriores edições e pela Câmara Municipal de Leiria nos seus intervalos, garantindo a sua continuidade. É um projeto de intervenção local junto de crianças e jovens provenientes de contextos socioeconómicos vulneráveis na União de Freguesia de Marrazes e Barosa, em Leiria, nomeadamente na Urbanização Quinta do Alçada. Através do mesmo, pretende-se a promoção da inclusão com recurso ao diálogo intercultural entre crianças e jovens desta comunidade através de práticas participativas e de proximidade, promovendo hábitos de vida saudáveis, competências escolares e de TIC e de relacionamento interpessoal e social.

- Sob o Mesmo Céu – teve início em janeiro de 2019 e tem como público-alvo 40 crianças e jovens com idades entre os 7 e os 15 anos, residentes na Urbanização Quinta do Alçada. Sendo complementar ao Redes na Quint@, tem o seu foco nesta comunidade e, com recurso a práticas artísticas multidisciplinares, procura desenvolver espaços de cidadania partilhada, em que os habitantes transformam o local onde habitam, tirando partido da multiculturalidade ali presente. Conta com parceiros artísticos como o Coletivo TIL e os Casota Collective para estas sessões de exploração artística e com diversas parcerias com associações locais, dependendo das atividades em vigor.

- Morada Certa – O Morada Certa – Leiria Housing First teve início em 2019 e visa proporcionar acesso direto a uma habitação individualizada, estável e integrada a pessoas em situação de sem-abrigo na cidade de Leiria. É financiado pelo Município de Leiria, empresa Lusiaves e Instituto de Segurança Social.

- CLDS D’el Rei 4G – nascido em março de 2020, tem o seu término em março de 2023. É um projeto de promoção da inclusão social de grupos populacionais que revelem maiores níveis de fragilidade social, nomeadamente o território de intervenção da União de Freguesias de Marrazes e Barosa, União de Freguesias de Parceiros e Azoia e Freguesia de Maceira. Conta com um total de 13 atividades, distribuídas por 3 eixos de ação: intervenção familiar e parental, preventiva da pobreza infantil; promoção do envelhecimento ativo e apoio à população idosa; e auxílio e intervenção emergencial às populações inseridas em territórios afetados por calamidades e/ou capacitação e

desenvolvimento comunitários. Este projeto surgiu de um convite da Câmara Municipal de Leiria à InPulsar, na sequência da aprovação dos Contratos Locais de Desenvolvimento Social de 4ª Geração para Leiria.

- GIP IMIgrante – o Gabinete de Inserção Profissional para a população migrante tem início a 1 de janeiro de 2021 e surge de um convite do Alto Comissariado para as Migrações (ACM), na sequência do trabalho desenvolvido pela InPulsar junto das comunidades migrantes no concelho de Leiria. Este Gabinete procura promover o acesso às oportunidades educativas, formativas e desenvolver uma atitude empreendedora de abordagem ao mercado de trabalho; complementar a atividade do serviço público de emprego, numa lógica de proximidade, garantindo o desenvolvimento das ações contratualizadas com os serviços de emprego; e reforçar o apoio aos desempregados e outros grupos em situação de desfavorecimento na definição ou desenvolvimento do seu percurso de inserção ou reinserção no mercado de trabalho. Tem como parceiros o ACM, o IIEFP e a Câmara Municipal de Leiria.

- Gira Comigo – com início em 2021, este projeto visa promover a inclusão social das crianças, jovens e adultos ciganos/as, através de oficinas para o desenvolvimento de competências sócio-emocionais, a mobilização de saberes e costumes da cultura cigana e a dinamização de espaços de participação cívica, por forma a aumentar o seu sucesso escolar e profissional, fomentar uma maior participação na comunidade maioritária e reduzir o estigma associado às comunidades ciganas. É um projeto complementar ao Giro Ó Bairro, sendo financiado pelo programa Cidadãos Ativ@s (Activ Citizens Fund), gerido em Portugal pela Fundação Calouste Gulbenkian em consórcio com a Fundação Bissaya Barreto. Tem como parceiros a Escola das Emoções e a Ribaltambição – Associação para a Igualdade de Género nas Comunidades Ciganas.

- Aqui Mundos – o mais recente projeto da InPulsar teve início em 2021 e visa promover a integração e autonomia de vida de Jovens Estrangeiros Não Acompanhados (JENA), requerentes de proteção internacional que entraram no espaço europeu sem família. Incorpora ações de acompanhamento especializado e promoção da integração e autonomia dos JENA em território nacional, mais concretamente em Leiria, Nazaré e Alcobaça, após período de permanência nos Centros de Acolhimento Especializados (CAEs). A intervenção realizada neste projeto desenvolve-se através da intervenção junto dos JENA, com capacitação e intervenção da equipa do projeto, com base numa constante gestão e comunicação entre os diversos intervenientes.

O OBJETIVO ÚLTIMO DA INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA COMO MUDANÇA SOCIAL

A noção de desenvolvimento de uma comunidade relaciona-se, segundo Carmo (1999, p.67), com outros conceitos-base, nomeadamente com desenvolvimento, comunidade, organização comunitária e serviço social de comunidades. O sentido de **desenvolvimento** é polissêmico e de difícil definição, sendo para o contexto do presente trabalho pertinente a perspetiva de Le Bret (citado por Ander-Egg, 1980) como “uma série de passagens, para uma população determinada, de uma fase menos humana para uma fase mais humana, ao ritmo mais rápido possível, ao custo financeiro e humano menos elevado possível, tendo em conta a solidariedade entre todas as populações”, tratando-se portanto de um processo dinâmico, prático e de solidariedade social. Para melhor entendimento da noção de desenvolvimento comunitário parte-se da definição de **problema social**, sendo para Abecassis (citado por Carmo, 1999) uma “situação que afeta um número significativo de pessoas e é julgada (...) como fonte de dificuldade ou infelicidade e considerada suscetível de melhoria” e para Rubington & Weinberg (*Idem, ibidem*) como uma “alegada situação incompatível com os valores de um significativo número de pessoas as quais concordam ser necessária uma ação transformadora”. Esta dimensão macro do problema social e de consciência de possível melhoria confluem para uma clarificação do que se encontra de errado numa sociedade, partindo deste diagnóstico para a procura por estratégias adequadas aos problemas.

A globalização inerente à sociedade moderna transforma a questão da solidariedade num “imperativo de sobrevivência” (Carmo, 1999), em vez da dimensão de dever moral e de voluntarismo do passado. Assim, as sociedades procuram organizar-se num processo de articulação de meios materiais e humanos, tendo em vista a criação de condições sociais para um determinado grupo de pessoas. É preciso então empoderar estas comunidades através de uma estratégia de serviço social que reconheça a tal situação- problema, que assuma uma posição crítica sobre a mesma gizando alternativa e agindo por forma a modificá-la. Durkheim defendia que nas sociedades onde existia uma solidariedade “mecânica” existia uma coesão que derivava de um padrão comportamental entre os indivíduos, baseada na semelhança e nas sociedades com solidariedade “orgânica” esta estava baseada na interdependência, diversidade e

complementaridade, encarando a transformação social como um movimento progressivo e irreversível (Worsley, 1977, p. 351).

As associações de cariz social são fulcrais nesta intervenção para o desenvolvimento local, cabendo aos profissionais das mesmas um papel facilitador de incremento de competências socioeducativas, com recurso a processos metodológicos próprios e com elevado grau de envolvimento com as comunidades do público-alvo e envolvimento desses indivíduos nos processos de resolução de problemas sociais.

Como já referido no Capítulo 1 deste trabalho, no subcapítulo sobre Intervenção Social, estes trabalhadores da área social devem conhecer a cultura do público-alvo dessa intervenção e que se conheça bem a si próprio, vigiando os seus próprios atos e regulando a sua ação moldada pela cultura da sua educação de base. Sendo o interventor uma pessoa e, como tal, de impossível inocuidade, deve o mesmo assumir essa posição autocrítica como forma de evitar ações erradas, imbuídas de preconceitos ou estereótipos em relação às comunidades com as quais trabalha. Esta intervenção comunitária tem como objetivo o “*empowerment*” das comunidades, num passo dado em direção à tão almejada mudança social. O ser humano possui a característica única à sua espécie de conseguir pensar acerca de si próprio e alterar o seu comportamento de acordo com as suas experiências e é “esta característica específica que torna muito difícil fazer extrapolações acerca de comportamentos futuros na base de uma investigação do passado” (Worsley, 1977, p. 87).

A MEDIAÇÃO INTERCULTURAL NOS PROJETOS INPULSAR – UMA VOZ DE DENTRO

Dar resposta aos grupos da sociedade em situação vulnerável foi o objetivo impulsionador da criação da InPulsar, atesta Lisete Cordeiro, 41 anos, fundadora desta instituição. Assim, Lisete está presente na associação desde o seu início, primeiro como Presidente – por 4 anos – e depois como Diretora Geral, cargo que ocupa de momento. Revela que os motivos subjacentes à sua constituição se prenderam com o facto de considerarem (a Lisete e os restantes fundadores da associação) ainda haver espaço para a mesma na sociedade leiriense, com públicos-alvo não abrangidos pelas associações existentes e que com a InPulsar se foram alargando. Do seu ponto de vista, a InPulsar tem vindo a crescer de forma sustentável desde então, muito devido à forma como

organizam o seu trabalho, funcionando por projeto, mobilizando as equipas necessárias, mantendo-se sempre fiéis ao trabalho que fica feito para trás, quer em termos de ação como de equipas técnicas mobilizadas.

De acordo com a sua Diretora Geral, as maiores áreas de intervenção social da InPulsar são a comunidade cigana, a comunidade imigrante, as pessoas em situação de sem-abrigo dependentes de substâncias psicoativas e, mais recentemente, os refugiados. As necessidades são organizadas através dos diversos projetos em curso já apresentados neste capítulo. Cada projeto conta com um coordenador e com uma equipa técnica que, depois de identificar o(s) problema(s), procura respostas e estratégias para dar visibilidade ao problema, para chegar a um possível caminho de “solução”. Por vezes, a equipa “residente” não é suficiente; então recorrem a candidaturas para a possível incorporação de novos técnicos nos projetos. Existe uma grande relação de proximidade entre todos os projetos InPulsar, o que constitui um ponto forte da sua adequação. Para Lisete, a relação positiva com as pessoas com quem trabalham, baseada numa abordagem humanista e o acompanhamento do percurso das pessoas são também fatores diferenciadores da sua ação na comunidade.

No que diz respeito à presença da mediação intercultural nos projetos da InPulsar, para a sua Diretora Geral a importância é inequívoca. Dada a forte presença da associação em territórios e comunidades com culturas muito vincadas e diferenciadas, a mediação é fundamental para se possam estabelecer pontes entre indivíduos de culturas diferentes, entre comunidades e entre pessoas e serviços. A mediação ajuda na defesa e preservação das comunidades e das culturas presentes nas mesmas. Com recurso a mediadores de pares, a InPulsar consegue chegar a populações muitas vezes ocultas, pois estes constituem-se como facilitadores de relações. Como exemplo, temos Jorge Cardinali, o primeiro mediador de pares da InPulsar junto da comunidade em situação de sem-abrigo.

Na opinião de Lisete Cordeiro, o projeto InPulsar que melhor traduz a importância da presença da mediação intercultural é o “Giro ó Bairro”. Embora todos os projetos tenham a sua componente mediadora, neste caso é marcante dado que o bairro no qual se trabalha (Cova das Faias) “está muito distante de tudo”, com esta barreira física para além das psicológicas que existem. E o espaço tem de estar aberto, porque tem de haver diálogo com a escola e com a comunidade fora do bairro e este diálogo entre o “dentro” e o “fora” do bairro depende muito dessa mediação intercultural. Este é um caminho

que se vai fazendo, com muito trabalho por parte da equipa do projeto, notando-se já mais abertura da parte de quem recebe o projeto no seu bairro. O projeto “Redes da Quint@” tem também potencialidades neste domínio dado que se procura valorizar a diferença como algo positivo e construtivo, com abordagens mais focadas nos indivíduos enquanto seres únicos e potencialidades singulares.

Ao nível da intervenção comunitária, Lisete avalia a ação da InPulsar de forma positiva, admitindo que quanto maior é a dimensão do trabalho e sua visibilidade maior é também o escrutínio público acerca do mesmo. Os maiores desafios que se colocam a esta atividade são sempre a questão financeira ou o modelo de financiamento. As regras de contratação pública, seus constantes atrasos e falta de agilização nos processos são também obstáculos burocráticos com que se deparam constantemente. Isto faz com que sejam sempre necessários mais técnicos não afetos aos projetos para lidar com estas questões administrativas, que são morosas e complexas.

A InPulsar procura gerir os seus recursos recorrendo a concursos e candidaturas, assim como a apoios públicos e privados. Conta com parcerias fulcrais para os seus projetos como a Câmara Municipal de Leiria, as Juntas de Freguesia, Agrupamentos de Escolas, CPCJ, ReFood, etc. Depois, todos os projetos têm os seus parceiros locais específicos de acordo com os objetivos dos mesmos.

Em relação ao futuro, Lisete assevera que é fundamental consolidar os projetos mais recentes e garantir a continuidade dos já existentes há mais tempo. Defende que seria muito importante a abertura de um gabinete de rastreios que estivesse aberto à comunidade e que contasse também com uma equipa para realizar os mesmos na rua, assim como alargar as respostas na área das situações de sem-abrigo na cidade de Leiria.

O GIRO Ó BAIRRO

Como atrás referido, o Giro ó Bairro é um projeto InPulsar que visa promover a inclusão social de crianças, jovens e famílias do Bairro Social Covas das Faias, em Leiria, nomeadamente de etnia cigana, com recurso a metodologias participativas, criativas e de inclusão pela arte. Procura-se que os participantes desenvolvam as suas competências ao nível pessoal e social, como as relacionais e cognitivas, com vista à sua autonomia e sentido de pertença a uma comunidade global, operando mudança social. A

música é aqui o elemento facilitador e promotor da almejada inclusão social, através da aprendizagem de instrumentos e formação de uma orquestra – a Giro_Orquestra – o que permite o desenvolvimento da cooperação, entreajuda e trabalho em equipa.

Este projeto baseia-se em três alicerces: o bairro, a ponte e a comunidade; estes interrelacionam-se fomentando a aproximação entre o bairro e a comunidade mais alargada no qual se insere, contribuindo para a desconstrução de preconceitos e estereótipos de grupos. Em vários marcos temporais, os participantes têm apresentações públicas nas quais dão nota do trabalho que desenvolvem, mostrando as suas potencialidades à comunidade, estreitando assim esta relação bairro/comunidade/bairro. Em parceria com a ETP Sicó, são disponibilizados nas instalações do projeto cursos de formação para desempregados de longa duração e promovem-se eventos desportivos como forma de estreitar laços e combater o sedentarismo. Faz-se o apoio ao estudo, atividades lúdico-pedagógicas para a promoção da cidadania e atendimento social e familiar.

Os elementos diferenciadores deste projeto são o envolvimento e a participação dos intervenientes, com recurso a mediação, envolvendo as famílias e aparecendo como uma resposta inovadora devido ao cruzamento das raízes musicais ciganas com outros estilos musicais diferenciados.

Ângela Damásio é a coordenadora deste projeto e integra o mesmo desde 2019. Em entrevista respondida de forma escrita, afirma que, no seu entender, os motivos que subjazem ao aparecimento deste projeto prendem-se com o facto de existir ainda muita desconfiança entre pessoas ciganas e não ciganas:

“estas situações alimentam estereótipos e preconceitos que se traduzem na vulnerabilidade das pessoas ciganas e dificuldades no exercício de vários direitos como o acesso à educação, saúde, emprego e participação cívica, pelo que, é necessário promover competências sociais e pessoais conducentes a uma participação ativa que requer, por sua vez, a consciencialização de um conjunto de direitos e deveres.”

O papel do projeto é fundamental ao nível escolar, pois

“no BSCF (Bairro Social Cova das Faias), em termos educacionais, as crianças frequentam o agrupamento de Escolas Correia Mateus e o Agrupamento de

Escolas da Caranguejeira e Santa Catarina da Serra no Pré-escolar, 1º, 2º e 3º Ciclo e Secundário na Escola Francisco Rodrigues Lobo. Verifica-se um elevado absentismo, insucesso e abandono escolar precoce ainda que com tendência decrescente desde 2013, data do início da intervenção da InPulsar com o projeto Giro ó Bairro. Os Agrupamentos de Escolas relatam situações de incumprimento de regras, dificuldade em cumprir compromissos e fraca participação das crianças e suas famílias nas diversas atividades educativas. De registar também que muitas destas crianças têm o seu primeiro contacto, com crianças não ciganas em contexto escolar, com a entrada no 1º CEB, verificando-se situações de inadaptação no contexto escolar. Por seu turno, as escolas nem sempre sabem como promover o sucesso escolar destas crianças e a valorização da sua cultura (situação que se agravou com a pandemia da Covid19). Estas situações refletem-se no percurso profissional dos jovens e adultos, frequentemente caracterizado pela desocupação ou pela opção por atividades precárias e sazonais, o que reforça estereótipos e preconceitos que dificultam a integração da comunidade cigana na comunidade maioritária.”

Dado que num total de 78 desempregados/as, 69 pessoas estão em situação de longa duração, maioritariamente mulheres,

“o projeto privilegia a aposta na promoção de um conjunto de competências transversais e o enfoque em novas formas de educação que permitem aos beneficiários tornarem-se mais participativos e conscientes dos seus direitos e deveres com impactos positivos ao nível da integração das comunidades ciganas.”

De acordo com a coordenadora, as fases de implementação do projeto começaram pelo diagnóstico de necessidades e, perante essas necessidades, procedeu-se a várias candidaturas para o financiamento do mesmo, sendo primeiro parceiro a Câmara

Municipal de Leira e o financiador o Programa PARTIS – Fundação Calouste Gulbenkian com o nome de Daqui P’ra Cá (2014 a 2015). De seguida realizou-se uma nova candidatura para financiamento, desta vez no Programa Parcerias para o Impacto – Portugal Inovação Social, com o nome de GIRÓ_ORQUESTRA (2017 a 2020). A última candidatura foi para Cidadãos Ativ@s (Activ Citizens Fund) da Fundação Calouste Gulbenkian, em consórcio com a Fundação Bissaya Barreto com o nome de Gira Comigo (2021 a 2022). Nos três financiamentos referidos houve diversas parcerias para levar a cabo as variadas atividades, sendo o parceiro principal sempre a CML.

Na opinião de Ângela Damásio, a mediação intercultural é fundamental

“para diminuir conflitos escola/família, famílias/municípios, famílias/serviços de ação social. A título de exemplo, para uma população com baixa escolaridade como a comunidade cigana, o apoio no preenchimento ou leitura de documentos é fundamental. O trabalho de proximidade e mediação pretende descentralizar a intervenção e envolver outros bairros/grupos evitando o isolamento da comunidade. A promoção do diálogo intercultural e o exercício de uma cidadania ativa implica direitos e deveres e contribui para ultrapassar preconceitos e aproximar comunidades com impacto positivo ao nível da coesão social.”

Neste contexto social, a intervenção das profissionais da InPulsar é fulcral. Devido às barreiras culturais entre a comunidade cigana e a comunidade maioritária, estas profissionais servem de ponte entre as duas linguagens, principalmente na relação com os serviços e com as escolas. O apoio escolar é muito importante para o acompanhamento dos trabalhos e o combate ao absentismo escolar, e a parceria com o Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus tem sido fundamental.

Em relação aos maiores desafios colocados pelo programa, a sua coordenadora refere, entre outros, as dificuldades sentidas no cumprimento de regras e

“na grande dificuldade (...) em assumir compromissos perante as atividades propostas e por vezes o desinteresse em participar, pois na sua cultura, envolvência, família não sentem necessidade de abordar determinadas temáticas

sendo que quando participam rapidamente perdem o interesse usando desculpas para abandonarem a atividade”.

As limitações de financiamento são sempre barreiras presentes, numa constante adaptação das respostas aos meios disponíveis, havendo “a necessidade de ter mais técnicos no projeto para uma melhor eficácia nos objetivos pretendidos”. Ao nível de parcerias, é claro o envolvimento do Município nesta iniciativa da InPulsar: “A Câmara Municipal é o nosso único parceiro/financiador, que suporta todas as despesas do espaço físico do projeto e salários dos técnicos, sem esta parceria deixará de ser possível o projeto continuar a existir.”

A MEDIAÇÃO: ESTAR CÁ E ESTAR LÁ

Como vimos anteriormente, o papel dos profissionais da InPulsar nos seus projetos reveste-se de uma importância inegável e são estes que estabelecem as pontes entre os vários grupos presentes na sociedade, pondo diferentes comunidades em contacto e em diálogo. São pessoas que se desdobram em vários papéis sociais, consoante os públicos com que estão a trabalhar e as características do mesmo, numa mediação intercultural constante.

No caso do projeto Giro ó Bairro, a comunidade cigana presente no concelho é o grupo-alvo do mesmo e pretende-se que as crianças deste grupo tenham o acompanhamento adequado, consistente e integrado para que possam adquirir ferramentas pessoais, académicas e sociais que lhes permitam tornarem-se mais autónomos e parte da sociedade, numa constante luta contra o absentismo escolar que grassa dentro da comunidade étnica.

A relevância das atividades realizadas no projeto é unânime para as cinco crianças entrevistadas no âmbito deste projeto. Todas elas referem as “atividades”, a “escolinha”, como aquilo de que mais gostam no Giro ó Bairro. Para C., o mais importante é a confiança que ganhou com as profissionais do projeto, notando-se a dimensão humana presente no trabalho e a relação que se estabelece entre profissionais e utentes.

Para K., o projeto significa estudar, trabalhar, principalmente quando há trabalhos de casa. Quando não há, há lugar para as atividades organizadas pelas profissionais e as que prefere é jogar ao Uno, pintar e fazer puzzles. Já para E., o melhor é mesmo jogar à

bola com os amigos, jogar às escondidas e à apanhada. Concordam que as atividades dinamizadas ajudam na leitura e na escrita mas, embora K. prefira passar o seu tempo livre no Giro ó Bairro, E. preferia quando ficava em casa. Quando questionado sobre esta preferência, responde que não sabe o porquê da sua resposta.

J.M. gosta de jogar à bola no pátio e das atividades que a InPulsar organiza no projeto. Relembra umas Olimpíadas especialmente divertidas. Antes de frequentar o Giro ó Bairro, costumava passar o seu tempo a jogar à bola com os irmão e amigos, algo que também faz no projeto, mas prefere estar neste porque lhe “entretém mais a tarde”. Admite que aprendeu várias coisas novas como a jogar às cartas, ao Uno, e que há regras, sendo a mais importante “a educação”.

L. diz estar no projeto há 10 anos: “eu nasci aqui”. As atividades que prefere são as de verão, como a piscina e os balões de água, mas também aponta a escolinha como favorita. Antes de ir para o projeto, passava o tempo livre em casa com os irmãos, “à luta”, elegendo estar na escolinha a estar em casa. Para ela, é importante estar no Giro ó Bairro e, embora não consiga explicar as razões, diz simplesmente que gosta e porque “já estivemos aqui muitos anos”.

A missão de motivação e de acompanhamento destas crianças é desafiante e ensina tanto quanto se dá, obrigando a constantes readaptações de métodos e abordagens. É um encontro de mundos que muitas vezes não se tocam; embora partilhem os mesmos espaços macrossociais, i.e., a cidade, no que diz respeito a espaços geográficos mais específicos existe distanciamento e desconfiança, o que leva a barreiras culturais. Só com um trabalho estruturado em que se privilegie o diálogo intercultural, estabelecendo redes de parcerias, se poderá mediar estas relações tantas vezes carregadas de conflitos latentes, intervindo socialmente e modificando a realidade, tendo sempre em vista o caminho para a convivência pacífica e edificadora no espaço social.

CONCLUSÃO

O trabalho aqui apresentado procurou caracterizar diferentes tipos de resposta de intervenção social presentes no concelho de Leiria, com recurso à mediação intercultural. Para tal, considerou-se pertinente chamar à colação quer o trabalho desenvolvido pelo Município – como exemplo da resposta estatal às questões sociais da sua jurisdição – quer o trabalho de duas associações que estão no terreno e que mobilizam estratégias mediadoras de forma clara nas suas respostas de intervenção social e nos projetos que idealizam, projetam e concretizam em comunidades diferenciadas. Embora o termo “comunidade” apresente conceitos muito diversificados e múltiplos, entendemos que pode ser entendido como “formas particulares de relações sociais coletivas e a uma variedade de maneiras segundo as quais os indivíduos podem estar interligados e dependentes uns dos outros para além das que decorrem de viverem na mesma vizinhança” (Worsley, 1977, p. 377).

Pudemos perceber que o paradigma de resposta social aos desafios que todos os dias emergem da sociedade plural, intercultural e multicultural por parte da Câmara Municipal de Leiria está em processo de mudança e de adaptação, sendo um objetivo da equipa que o tipo de intervenção social na comunidade se pautar cada vez mais pela prevenção do conflito e estratégias de atuação contínuas, por forma a abandonar o cariz assistencialista que impregna as abordagens sociais e as instituições que estão responsáveis pelas vidas das pessoas. Exemplo desta mudança é a existência de uma mediadora de pares a trabalhar com a C.M.L. e a assunção de que este é o caminho a seguir para uma intervenção social de prática mais mediadora.

No que respeita ao papel das associações selecionadas para o presente estudo – a SAMP e a InPulsar – foi realizado um levantamento das suas respostas, caracterizando projetos e ouvindo as diversas vozes presentes nestes processos de intervenção: as coordenadoras, uma técnica e ainda as vozes dos “mediados”. Os projetos focados foram eleitos pelas responsáveis das associações, pois pretendíamos colocar nas mãos das mesmas a escolha tendo em vista a sua sensibilidade e conhecimento em relação à presença da mediação intercultural nos mesmos.

Ficou claro que estas associações estão muito dependentes de candidaturas com fases e pressupostos próprios e com cronologias que recorrentemente dificultam a atuação dos

profissionais. Os projetos de mediação e intervenção social têm de seguir essas etapas de elaboração: deverão partir de uma ideia de projeto, com um diagnóstico das necessidades reais da comunidade em causa, com estudo de possibilidades de financiamento (com recurso a programas de financiamento específicos para a área da intervenção social), com definição clara de objetivos, planeamentos e estratégias, esboçando um plano de atividades que permita a visualização da atividade geral do projeto nas suas variadas etapas. Estudam-se então as parcerias possíveis para o projeto, com diversas entidades públicas e/ou privadas, com base num orçamento predeterminado e uma posterior avaliação do impacto social do projeto na comunidade. Todas estas etapas não são estanques e poderão (e deverão) ir sendo ajustadas consoante a aplicação no terreno da ideia formulada para o projeto de mediação e intervenção social.

Seguindo os modelos de mediação preconizados por Torremorell (2008) parece-nos claro que os tipos de resposta estudados no presente trabalho de investigação seguem o modelo de mediação transformativa, sendo aquela que “permite às partes capitalizar os conflitos como oportunidades de crescimento” (Horowitz, 1998, citado por Torremorell, 2008). Como a própria designação indica, a transformação, a mudança paradigmática, apresenta um papel central e não alternativo, e o ser humano tem um papel fulcral no processo de mediação, “pondo assim em relevo a co-construção das situações conflituosas a partir de uma lógica (...) ternária.” (Torremorell, 2008, pág. 49). A mudança é a transformação do conflito ao nível pessoal, relacional, estrutural e cultural e a ação do mediador centra-se nas pessoas que são as verdadeiras protagonistas de todo o processo, como podemos claramente verificar nos projetos de intervenção estudados. Esta mudança é o motor de novas potencialidades comunitárias, com novos agentes empoderados pertencentes a essas comunidades, num processo contínuo de interações e acompanhamento. Estas intervenções são parte de um complexo mais amplo que não apresenta início e fim estanques, é uma prática sequente que se alimenta de pequenos objetivos conseguidos e que só teria o seu final aquando do conflito zero, ou seja, nunca. De acordo com Worsley (1977, p. 70) “uma sociedade é um sistema na medida em que é constituída de partes que se interligam” e “a mudança de uma das partes terá efeitos sobre as outras”.

No decurso do trabalho realizado, tornou-se óbvia a enorme potencialidade do trabalho realizado em rede, quer entre as diversas associações quer entre a C.M.L. e as

associações com projetos de intervenção. Graças às parcerias estabelecidas e sinergias daí decorrentes, é possível chegar a um maior número de pessoas com necessidade destes projetos de intervenção, sendo desta forma que a comunidade se une à resposta estatal e às associações sociais civis. Os trabalhadores sociais destas estruturas são obrigados a uma mediação constante, seja entre grupos numa mesma comunidade, seja entre membros de comunidades diferentes, seja entre a instituição e os parceiros sociais e investidores. São estas pessoas que, graças à sua resistência e vontade de transformar a sociedade, não desistem de construir pontes entre mundos diferentes e pugnam diariamente por uma sociedade mais justa, coesa e pacífica.

A tipologia de metodologias utilizadas para levantamento de dados foi também bastante diversificada para conseguir caracterizar da forma mais completa possível as respostas de intervenção social em causa, com constante adequação às situações específicas e às necessidades presentes nas mesmas.

Não havendo até à data um levantamento ou estudo com esta génese em relação à presença da mediação intercultural nas respostas de intervenção social no concelho de Leiria, consideramos que o presente estudo cumpriu os seus objetivos investigativos, podendo servir de base para futuras aprendizagens acerca da realidade social leiriense e novas formas de intervir nas comunidades, trabalhando com as pessoas e proporcionando novas formas de convivência intra e extracomunitária, mediadoras e transformadoras. Pois, nas palavras do Professor Doutor Boaventura de Sousa Santos (2003, p. 56), todos “temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades”.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (2008). *Mediación Intercultural, una propuesta para la formation*. Editorial Popular.
- Albuquerque, R. (2008). *Associativismo, Capital Social e Mobilidade. Contributos para o estudo da participação associativa de descendentes de imigrantes africanos lusófonos em Portugal*. [Tese de Doutoramento em Sociologia]. Universidade Aberta. <https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/179891/Tese+41.pdf>
- Almeida, V. (2009). *O Mediador Sócio-Cultural em Contexto Escolar: contributos para a compreensão da sua função social*. Edições Pedagogo.
- Almeida, J., & Pinto, J. (2014). Da Teoria à Investigação Empírica. Problemas Metodológicos Gerais. In Silva, A., & Pinto, J. (orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais*. (pp. 55–78) Edições Afrontamento.
- Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amiguinho, A. (2014). *Intervenção socio-educativa em meio rural: da educação dos adultos à educação das crianças*. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/5279/1/Abilio%20Amiguinho.pdf>
- Ander-Egg, E. (1980). *Metodología y Práctica del Desarrollo de la Comunidad*. UNIEUROPE.
- André, I. & Abreu, A. (2006) *Dimensões e Espaços da Inovação Social*. Finisterra
- Boavida, J. & Amado, J. (2006). *Ciências da Educação. Epistemologia, Identidade e Perspetivas*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Burgess, R. (1997). *A pesquisa de terreno: uma introdução*. Celta Editora.
- Câmara Municipal de Leiria. Divisão do Desenvolvimento Social. (2021). Listagem das IPSS e Associações de Cariz Social do Concelho de Leiria.

- Câmara Municipal de Leiria. Divisão da Cultura. (2021). Listagem dos Clubes e Associações Culturais do Concelho de Leiria.
- Câmara Municipal de Leiria. Divisão do Desporto (2021). Listagem dos Clubes e Associações Desportivos do Concelho de Leiria.
- Câmara Municipal de Leiria. (2021). *Plano Estratégico Municipal da Cultura para o Concelho de Leiria. Relatório Final Volume I – Diagnóstico do Sistema Cultural e Criativo de Leiria.* <https://www.cm-leiria.pt/areas-de-atividade/cultura/plano-estrategico-municipal-da-cultura-para-o-concelho-de-leiria>
- Capul, M., & Lemay, M. (2003). *Da educação à intervenção social*. Vol. I. Porto Editora.
- Carmo, H. (1999). *Desenvolvimento Comunitário*. Universidade Aberta.
- Carvalho, A. (2015). *Associativismo e Participação – o Caso da Associação Cultural Desportiva e Social da Ereira*. ESEC. <http://hdl.handle.net/10400.26/13378>
- Castelão, M. (2011). *A Mediação Cultural e o Trabalho com Equipas Criativas. [Relatório de Estágio]*. Universidade de Lisboa. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5872/1/ulfpie039863_tm.pdf
- Castro, A. (2010) (Coord.). *Projeto Mediadores Municipais*. CET - ISCTE-IUL.
- Chainho-Pereira, J., Martins, A., Martins, N., Querido, L., Pinto, P., Pratas, S., & Nunes, N. (2021). *Associativismo popular e envelhecimento ativo: o caso do distrito de Leiria*. Confederação Portuguesa das Coletividades de Cultura Recreio e Desporto. <http://hdl.handle.net/10071/22495>
- Chopart, J-N. (Org.). (2003). *Os Novos Desafios do Trabalho Social. Dinâmicas de um campo profissional*. Porto Editora.
- Coelho, S. L. (2008). *Participação social e associativismo em Portugal: breves apontamentos de um estudo de caso de uma associação de promoção do Comércio Justo*. Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/54835>

- Cohen-Emerique, M. (2011). *Pour une approche interculturelle en travail social – Théories et Pratiques*. Presses de l’EHESP.
- Constituição da República Portuguesa - <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx#art13>
- Coutinho, R., & Lia, C. (2018). A mediação cultural pela perspetiva da arte/educação: comentários sobre uma experiência. In Queiroz, J. & Oliveira, R., *Os Riscos da Arte: Formação e Mediação*. (pp. 143-154). Universidade de Lisboa.
<http://hdl.handle.net/10451/37403>
- Cosme, A., & Trindade, R. (2005). As responsabilidades sociais da escola pública. *A Página da Educação*. 24 (142). <https://www.apagina.pt/aba=7&cat=142&doc=10646>
- Costa, A. (2014). A Pesquisa de Terreno em Sociologia. In Silva, A., & Pinto, J. (orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais*. (pp. 129–148) Edições Afrontamento.
- Dubechot, P., Le Quéau, P., & Messu, M. (2003). Os empregos da Inserção e do Local. In Chopart, J. (Org.). *Os Novos Desafios do Trabalho Social*. (pp. 147-161) Porto Editora.
- Esteves, A. (2014). A Investigação-Ação. In Silva, A., & Pinto, J. (orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais*. (pp. 251– 278) Edições Afrontamento.
- Ferreira, P. (2008). *Associações e democracia: faz o associativismo alguma diferença na cultura cívica dos jovens portugueses?* CIES-ISCTE /CELTA.
<http://hdl.handle.net/10071/1203>
- Friedmann, J. (1992). *Empowerment: The Politics of Alternative Development*. John Wiley and Sons Ltd.
- Giménez Romero, C. (2010). *Mediação Intercultural*. ACIDI.
- Gomes, D. (2015). *A mudança social em projetos de intervenção social: o caso do projeto Bando à Parte*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Coimbra.
- Gomes, M., & Duriel, B. (2017). Os limites dos direitos humanos na batalha educativa contra as vozes extremistas – um estudo de caso. In Vieira, R., Marques, J., Silva, P.,

Vieira, A. & Margarido, C. *Concepções e Práticas de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. (pp. 57-74) Edições Afrontamento.

- Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e formas de uso*. Edições Principia.

- Guerreiro, M. (2008). *Associações de desenvolvimento local: que contributo para o desenvolvimento local? O estudo de caso da ADPM*. [Dissertação de Mestrado]. ISCTE. <http://hdl.handle.net/10071/1448>

- Henriques, J. (1990). *Municípios e Desenvolvimento – Caminhos Possíveis*. Escher Publicações.

- InPulsar (2022). Relatório e Contas 2021.

- InPulsar (2022). *Projetamos o futuro, impulsionando o Hoje! – 10 Anos de InPulsar*.

- Iturra, R. (2014). Trabalho de Campo e Observação Participante em Antropologia. In Silva, A., & Pinto, J. (orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais*. (pp. 149– 163) Edições Afrontamento.

- Jares, X. (2002). *Educação e conflito – Guia de educação para a convivência*. Edições ASA.

- Jares, X. (2007). *Pedagogia da convivência*. Profedições.

- Lenoir, R. (2004). *Choc ou Dialogue des Civilizations ?* Editions Yves Michel.

- Maalouf, A. (2009). *As Identidades Assassinas*. Difel.

- Margarido, C. (2012). *Entre a Estrutura e o Sujeito: Clarificação Conceptual*. In *Trajectórias Pessoais e Identidades Profissionais de Assistentes Sociais* [Tese de Doutoramento]. UCP.

- Margarido, C., Grilo, P., Vieira, R., & Costa, R. (2011). *A Dinâmica das Organizações Não Governamentais de Solidariedade Social no Distrito de Leiria*. Folheto, EAPN Portugal/Núcleo Distrital de Leiria e CIID-IPL.

- Marinovi, A. (2012). *Os estereótipos culturais e a identidade nacional com base na análise no livro Portuguesismo(s) de João Medina*. FLUL.

https://www.academia.edu/8513895/Os_estere%C3%B3tipos_culturais_e_a_identidade_nacional_com_base_na_an%C3%A1lise_no_livro_Portuguesismo_s_de_Jo%C3%A3o_Medina?email_work_card=title

- Marques, J., Faria, S., Silva, P., Vieira, R. e Lopes, S. (2016). A prática da investigação no estudo da interculturalidade. In Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. & Margarido, C. *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 125-155) Edições Afrontamento.
- Matias, C., & Vieira, R. (2018). Vidas de Rua: a Mediação no (Re)construção de Projetos de Vida. In Vieira, R., Marques, J. C., Silva, P., Vieira, A., & Margarido, C. *Da Mediação Intercultural à mediação Comunitária. Estar dentro e estar fora para mediar e intervir.* (pp. 25-433) Edições Afrontamento.
- Matias, J. (2009). *Identidade cultural europeia: idealismo, projeto ou realidade?* [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/13357>
- Matos, M. (2009). *Da Intervenção Comunitária à Mediação Comunitária.* Educação, Sociedade & Culturas, nº 29. FPCEUP. <https://hdl.handle.net/10216/61938>
- Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social. (2022). *Carta Social.* <https://www.cartasocial.pt/>
- Pereira, J., Samara, M., & Godinho, P. (org.). (2016). *Espaços, redes e sociabilidades. Cultura e política no movimento associativo contemporâneo.* IHC-FCSH/NOVA <http://hdl.handle.net/10362/18340>
- Pires, A. (2020). *A Presença da Mediação Intercultural na Intervenção Comunitária.* [Relatório de Estágio]. Instituto Politécnico de Leiria. <http://hdl.handle.net/10400.8/5021>
- Rocha-Trindade, M. B. (1995). *Sociologia das Migrações.* Universidade Aberta.
- Roche, C. (2000). *Avaliação de impacto dos trabalhos de ONG's: Aprendendo a valorizar as mudanças.* Editora Cortez.
- Robertis, C. (2011). *Metodologia da Intervenção em Trabalho Social.* Porto Editora.

- SAMP (2012). Plano Estratégico SAMP 2012-2014.
- SAMP (2021). Dossier de Imprensa – Museu na Aldeia.
- Santos, B. (2003). *Reconhecer para Libertar - Os Caminhos do Cosmopolitismo Multicultural*. Civilização Brasileira.
- Santos, T. (Coord.) (2013). *O Diretor Técnico na Sustentabilidade das IPSS - Atas do IX Encontro de Diretores Técnicos do Distrito de Leiria*. Ediliber.
- Schallenberger, E. (2003). *Cooperativismo e desenvolvimento comunitário*. Mediações – Revista de Ciências Sociais. <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2003v8n2p9>
- Schlichta, C., & Cunha, A. (2013). *A mediação na educação em arte: o que nos revelam os pesquisadores da ANPAP? 22º Encontro Nacional ANPAP Ecossistemas Estéticos*.
<http://anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/simposios/05/Amanda%20Siqueira%20Torres%20Cunha%20e%20Consuelo%20Alcioni%20Borba%20Duarte%20Schlichta.pdf>
- Serres, M. (1993). *O Terceiro Instruído*. Instituto Piaget.
- Silva, A. (2014). A Ruptura com o Senso Comum nas Ciências Sociais. In Silva, A., & Pinto, J. (orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais*. (pp. 29–53) Edições Afrontamento.
- Silva, A., & Pinto, J. (2014). Uma Visão Global sobre as Ciências Sociais. In Silva, A., & Pinto, J. (orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais*. (pp. 9–27) Edições Afrontamento.
- Silva, P. (2003). *Etnografia e Educação. Reflexões a Propósito de uma Pesquisa Sociológica*. Profedições.
- Simões, P., & Vieira, A. (2018). Da Mediação Intercultural num GAAF. In *Da Mediação Intercultural à mediação Comunitária. Estar dentro e estar fora para mediar e intervir*. (pp. 45 – 59) Edições Afrontamento.
- Torremorell, M. C. (2008). *Cultura da Mediação e Mudança Social*. Porto Editora.

- Viegas, J. (2004). *Implicações Democráticas das Associações Voluntárias – O caso Português numa perspetiva comparativa europeia*. Sociologia, Problemas e Práticas (46). <http://hdl.handle.net/10071/284>
- Vieira, A. (2013). *Educação Social e Mediação Sociocultural*. Profedições.
- Vieira, A., & Vieira, R. (2015). *Identidades, aprendizagem e mediação intercultural: uma análise antropológica*, Linhas Críticas 21, nº 44 (pp. 95 – 115) Universidade de Brasília. <http://hdl.handle.net/10400.8/2068>
- Vieira, R., & Vieira, A. (2016). Mediações socioculturais: conceitos e contextos. In Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A., & Margarido, C. (Orgs.), *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. (pp. 27-55) Edições Afrontamento.
- Vieira, R. (2009). *Identidades Pessoais. Interações, Campos de Possibilidades e Metamorfoses Culturais*. Edições Colibri.
- Vieira, R. (2011). *Educação e Diversidade Cultural. Notas de Antropologia da Educação*. Edições Afrontamento.
- Vieira, R., Margarido, C., & Marques, J. C. (Orgs.) (2013). *Partir, chegar, voltar... Reconfigurações identitárias de brasileiros em Portugal*. Edições Afrontamento.
- Vieira, R., Marques, J. C., Silva, P., Vieira, A., & Margarido, C. (2018). *Da Mediação Intercultural à mediação Comunitária. Estar dentro e estar fora para mediar e intervir*. Edições Afrontamento.
- Vieira, R., & Araújo, N. (2018). Políticas municipais para a inclusão social. Da mediação intercultural à mediação comunitária: mesa-redonda / *focus group* com as Câmaras da Batalha, Leiria, Marinha Grande e Pombal. In Vieira, R., Marques, J. C., Silva, P., Vieira, A., & Margarido, C. *Da Mediação Intercultural à mediação Comunitária. Estar dentro e estar fora para mediar e intervir*. (pp.127-173) Edições Afrontamento.
- Weber, P. (2011). *Dinâmicas e Práticas do Trabalhador Social*. Porto Editora.
- Worsley, P. (1977). *Introdução à Sociologia*. Publicações Dom Quixote.

Sítios consultados:

- <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/comunidade>
- <https://www.acm.gov.pt/-/117-claim-inaugurado-em-leiria>
- <https://www.samp.pt/escola-de-artes/ensino/>
- <https://www.acm.gov.pt/pt/-/escolhas>
- <https://www.inpulsar.pt/>
- <https://inovacaosocial.portugal2020.pt/>
- <https://www.seg-social.pt/rede-social>
- <https://www.cm-leiria.pt/areas-de-atividade/desenvolvimento-social-e-saude/rede-social>

APÊNDICES

APÊNDICE A - ENTREVISTA À REPRESENTANTE DA
CÂMARA MUNICIPAL DE LEIRIA

A.1 - GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA À REPRESENTANTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LEIRIA

Representante da CML _____

(Nome e cargo)

Categorias de dados	Objetivos	Questões possíveis
Contextualização da entrevista	- Explicitar os objetivos da entrevista; - Criar um ambiente propício ao desenvolvimento da conversa; - Pedir autorização para a gravação da mesma.	
Dados do/a entrevistado/a	- Recolher informações sobre o/a entrevistado/a relevantes para a sua ligação com o tema em causa.	1. Nome; 2. Cargo/função na CML; 3. Há quanto tempo está na Divisão e no presente cargo; 4. Motivações de ingresso na área social e nesta instituição em específico.
Presença da Mediação Intercultural na CML	- Recolher informações sobre a Mediação na CML.	1. Quais foram os primeiros contactos com a mediação intercultural na CML? 2. Quais os projetos pioneiros de intervenção social com mediação? 3. De que forma se tem desenvolvido esta presença da mediação ao longo dos tempos/ novos projetos? 4. Qual a importância da mediação nestes projetos e qual o projeto da CML em que a mediação está mais presente?

Intervenção Social da CML	- Recolher informações sobre a intervenção social na CML	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais são consideradas as áreas com maior necessidade de intervenção social? 2. De que forma é organizado o trabalho pelos vários projetos? 3. Como caracteriza estas respostas/valências? 4. Qual a importância do trabalho em rede?
Impacto e Desafios	- Aferir da avaliação quanto a desafios e oportunidades	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como avaliam a Vossa intervenção na comunidade? 2. Quais são os maiores desafios ao exercício da atividade? Que carências sentem? 3. Que parcerias existentes consideram mais fulcrais para a prossecução dos projetos? 4. Quais as perspectivas para o futuro em relação à mediação nos projetos de intervenção social da CML?

A.2 - ENTREVISTA À REPRESENTANTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LEIRIA, ANA FILIPA SOLEDADE

Nome: Ana Filipa Soledade

Cargo: Chefe de Divisão do Desenvolvimento Social e Saúde da Câmara Municipal de Leiria (C.M.L.)

Investigadora (I.): Quais foram os primeiros contactos com a mediação intercultural na C.M.L.? Existem projetos em curso? Qual a importância da mediação nos projetos de intervenção da C.M.L. e seu desenvolvimento ao longo dos tempos?

Ana Soledade (A.S.): Sim, temos sempre novos projetos. Neste momento temos o “Mediar para Incluir” apresentado ao A.C.M. (Alto Comissariado para as Migrações) que é um projeto de mediação intercultural com a comunidade cigana. Temos também o Atendimento Social em que é feita a mediação pelos técnicos que atendem e procedem ao diagnóstico do agregado com estratégias de mediação e com recurso a uma rede de parceiros antes de se chegar à fase da ação social direta, já de fim de linha. Utilizam-se processos de mediação e facilitação de acesso aos serviços, com informação sobre os direitos e os deveres, mobilizando estratégias para colmatar o que provoca os problemas, fazendo uma triagem para fora e para os serviços dentro da C.M.L. Com o tempo, penso que temos conseguido uma maior sensibilidade no tratamento dos processos, sensibilizando os técnicos para as situações de precariedade. Em todos estes empreendimentos, a mediação é muito importante. Para já, a C.M.L. tem uma mediadora de pares (de etnia cigana) mas queríamos mais... porque queremos responder à diversidade. Por exemplo, mesmo em relação à comunidade cigana, existem diferenças culturais acentuadas entre os habitantes do Bairro da Integração e o Bairro da Cova das Faias. Este projeto, “Mediar para Incluir”, é realizado com a parceria fundamental da InPulsar que trabalha já no Bairro da Cova das Faias com o Giro ó Bairro.

I.: Como é que é feito esse trabalho de sinalização das áreas de maior necessidade de intervenção social? De que forma é organizado esse trabalho?

A.S.: Muitas vezes a sinalização de casos problemáticos é feita pelas escolas ou pelos próprios colegas e a maior parte das vezes quando os casos nos chegam os problemas já explodiram, sendo mais difícil de agir de forma preventiva, acionando estratégias de emergência. Tem de haver sempre uma relação muito próxima entre os vértices do triângulo Família – Comunidade – Escola. Porque há questões que são transversais a todas as culturas e a presença da mediação intercultural nas escolas é fundamental para mudar as mentalidades ainda impregnadas de estereótipos e preconceitos. Preconceitos por parte de todos! Alunos, auxiliares e professores! Só com a partilha cultural, trabalhando desde cedo as diferenças e fomentando o conviver vivendo com a complexidade se poderá trilhar este caminho e a educação é fundamental para a mudança de mentalidades.

I. E a mediação é importante em todos esses processos...

A.S.: A mediação está sempre presente em todos os processos de inclusão. Existem diferentes estratégias para os diferentes contextos de intervenção. Porque os processos de mediação são facilitadores e permitem identificar conflitos antes de estes tomarem proporções demasiado grandes. É necessário trabalhar a interculturalidade apesar de ela estar óbvia, implícita ou explícita. Por exemplo, no caso do projeto “SOS Ucrânia”, procurámos identificar possíveis pontos de conflito, trabalhando de forma preventiva para evitar situações de tensão social. Outro exemplo é o projeto “Sou InterCOOLtural” que consistia num programa de rádio com jovens com várias origens e culturas, que respondiam às mesmas perguntas e assim podiam trocar impressões sobre o que os unia e o que os separava em termos culturais. Esta é uma forma de abrir a diferença à população, para que se possa caminhar no sentido de uma mediação mais comunitária e de prevenção de conflitos. A nossa preocupação é sempre com a integração. Mas não uma integração momentânea, uma integração vista como um processo sustentado e transdisciplinar, fundamentado numa metodologia de intervenção através da mediação intercultural. Ainda sobre a comunidade cigana, tivemos a iniciativa “No Amor Não Há Culturas” em que foi feita uma exposição por eles, com o intuito de mostrar a forma como o Amor é vivido e experienciado em diferentes culturas e a comunidade cigana fez vídeos, fotografias, escreveu textos, a mostrar o que é o Amor para eles. Estas ações permitem depois a meta-análise do impacto, positivo ou não, na comunidade e de que forma as relações ficam transformadas depois destas iniciativas.

I.: Atualmente, com as novas vagas de imigração, é necessário atuar preventivamente com estratégias mediadoras. As parcerias são importantes, como já referiu.

A.S.: Sem dúvida. Nesse domínio temos o CLAIM (Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes), que é um protocolo que o ACM estabelece com as autarquias e cujo trabalho é desenvolvido pelo município. Procura-se com este trabalho fortalecer a resposta especializada às pessoas migrantes que residem no município, estabelecendo parcerias e sinergias com parceiros locais, sempre numa lógica de proximidade pois é um atendimento que se baseia num diagnóstico das diferentes situações pessoais de forma distinta e que permite avaliar a diversidade cultural presente no concelho. Muitas vezes não se tem noção mas Leiria é dos concelhos do país com presença de mais nacionalidades.

I.: Devem existir bastantes desafios a essas respostas estruturadas.

A.S.: Sim, existem muitos desafios principalmente no que diz respeito às relações com outras instituições que são burocráticas e lentas. As situações mais frequentes que temos são as de legalização e as de acesso à habitação através da ação social. Nós procuramos, através de uma rede de parcerias, encontrar soluções para os problemas que vão surgindo diariamente, como por exemplo mediar situações com senhorios e inquilinos.

I.: Considera que o percurso tem sido positivo? Qual o caminho a seguir?

A.S.: Sim, tem sido positivo mas temos noção que há ainda um longo caminho a percorrer. Porque o trabalho na área social nunca está terminado e o que hoje são vitórias amanhã podem ser passos atrás. Para mim, existe um grande potencial em trabalhar as identidades diversas na complexidade, não incorrendo na tentação da homogeneização por parte da sociedade maioritária. Sabemos que existem tantas expectativas quantos intervenientes e para lidar com estas expectativas é necessário mobilizar-se estratégias não formais e informais fundamentais na mediação se queremos ver alguma mudança na sociedade. Penso que o futuro passará sempre por respostas integradas e de continuidade, onde se cruzem e interliguem projetos de vários promotores, para que se possa intervir na comunidade de forma precoce, em que todos os intervenientes tenham voz e estejam presentes e possam tomar o rumo das suas vidas de forma cada vez mais autónoma e independente.

A.3 – SINOPSE DA ENTREVISTA A ANA FILIPA SOLEDADE, CHEFE DE DIVISÃO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E SAÚDE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LEIRIA

Temas centrais de análise	Objetivos	Excertos
<p>A presença da mediação intercultural nos projetos da C.M.L.</p>	<p>Aferir da presença, importância e continuidade histórica da mediação intercultural nos projetos de intervenção social da C.M.L.</p>	<p>- “[...] o Atendimento Social em que é feita a mediação pelos técnicos que atendem e procedem ao diagnóstico do agregado com estratégias de mediação e com recurso a uma rede de parceiros antes de se chegar à fase da ação social direta, já de fim de linha. [...]”</p> <p>- “[...] Em todos estes empreendimentos, a mediação é muito importante. [...]”</p> <p>- “[...] Para já, a CML tem uma mediadora de pares (de etnia cigana) mas queríamos mais... porque queremos responder à diversidade. [...]”</p> <p>- “[...] A mediação está sempre presente em todos os processos de inclusão. Existem diferentes estratégias para os diferentes contextos de intervenção. Porque os processos de mediação são facilitadores e permitem identificar conflitos antes de estes tomarem proporções demasiado grandes. É necessário trabalhar a interculturalidade apesar de ela estar óbvia, implícita ou explícita. [...]”</p> <p>- “[...] A nossa preocupação é sempre com a integração. Mas não uma integração momentânea, uma integração vista como um processo sustentado e transdisciplinar, fundamentado numa metodologia de intervenção através da mediação intercultural. [...]”</p>

<p>A organização do trabalho de mediação intercultural</p>	<p>Verificar de que forma são planeados os projetos com presença de mediação intercultural, sua abrangência e impactos.</p>	<p>- “[...] a sinalização de casos problemáticos é feita pelas escolas ou pelos próprios colegas e a maior parte das vezes quando os casos nos chegam os problemas já explodiram, sendo mais difícil de agir de forma preventiva, acionando estratégias de emergência. [...]”</p> <p>- “[...] a presença da mediação intercultural nas escolas é fundamental para mudar as mentalidades ainda impregnadas de estereótipos e preconceitos. Preconceitos por parte de todos! Alunos, auxiliares e professores! Só com a partilha cultural, trabalhando desde cedo as diferenças e fomentando o conviver vivendo com a complexidade se poderá trilhar este caminho e a educação é fundamental para a mudança de mentalidades. [...]”</p> <p>- “[...]no caso do projeto “SOS Ucrânia”, procurámos identificar possíveis pontos de conflito, trabalhando de forma preventiva para evitar situações de tensão social. [...]”</p> <p>- “[...] o projeto “Sou InterCOOLtural” que consistia num programa de rádio com jovens com várias origens e culturas [...] é uma forma de abrir a diferença à população, para que se possa caminhar no sentido de uma mediação mais comunitária e de prevenção de conflitos. [...]”</p> <p>- “[...] a iniciativa “No Amor Não Há Culturas” em que foi feita uma exposição por eles, com o intuito de mostrar a forma como o Amor é vivido e experienciado em diferentes culturas [...]”</p>

<p>A importância das parcerias</p>	<p>Avaliar a importância das parcerias estabelecidas com outras instituições públicas e privadas para a realização de projetos de mediação.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “[...] Este projeto, “Mediar para Incluir”, é realizado com a parceria fundamental da InPulsar que trabalha já no Bairro da Cova das Faias com o Giro ó Bairro. [...]” - “[...] temos o CLAIM (Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes), que é um protocolo que o ACM estabelece com as autarquias e cujo trabalho é desenvolvido pelo município. [...]” - “[...] estabelecendo parcerias e sinergias com parceiros locais, sempre numa lógica de proximidade [...]” - “[...] procuramos, através de uma rede de parcerias, encontrar soluções para os problemas que vão surgindo diariamente [...]”
<p>Balanço, desafios e projetos para o futuro</p>	<p>Elencar as principais dificuldades, impactos e projetos futuros nas iniciativas com mediação intercultural ao nível municipal.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “[...] Estas ações permitem depois a meta-análise do impacto, positivo ou não, na comunidade e de que forma as relações ficam transformadas depois destas iniciativas. [...]” - “[...] existem muitos desafios principalmente no que diz respeito às relações com outras instituições que são burocráticas e lentas. [...]” - “[...] tem sido positivo mas temos noção que há ainda um longo caminho a percorrer. [...]” - “[...] o trabalho na área social nunca está terminado e o que hoje são vitórias amanhã podem ser passos atrás. [...]” - “[...] existe um grande potencial em trabalhar as identidades diversas na complexidade, não incorrendo na tentação da homogeneização por parte da sociedade maioritária. [...]” - “[...] para lidar com estas expectativas é necessário mobilizar-se estratégias não formais e

		<p><i>informais fundamentais na mediação se queremos ver alguma mudança na sociedade. [...]”</i></p> <p><i>- “[...] Penso que o futuro passará sempre por respostas integradas e de continuidade, onde se cruzem e interliguem projetos de vários promotores, para que se possa intervir na comunidade de forma precoce, em que todos os intervenientes tenham voz e estejam presentes e possam tomar o rumo das suas vidas de forma cada vez mais autónoma e independente.”</i></p>
--	--	--

APÊNDICE B - ENTREVISTA À MEDIADORA DE PARES
DA C.M.L.

B.1 - GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA À MEDIADORA DE PARES DA C.M.L.

Mediadora _____

Categorias de dados	Objetivos	Questões possíveis
Contextualização da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Explicitar os objetivos da entrevista; - Criar um ambiente propício ao desenvolvimento da conversa; - Pedir autorização para a gravação da mesma. 	
Dados do/a entrevistado/a	- Recolher informações sobre o/a entrevistado/a relevantes para a sua ligação com o tema em causa.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Nome; 2. Idade; 3. Cargo/função na CML;
Perfil da Mediadora	- Caracterização do perfil profissional da mediadora	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a sua atividade profissional? 2. Qual o seu percurso antes de ingressar no presente cargo? 3. Há quanto tempo desempenha a função? 4. Como surgiu esta oportunidade? Quais os motivos que a levaram a trabalhar nesta área? 5. Quais as principais funções no seu dia-a-dia?

Mediação na CML	- Recolher informações sobre a Mediação intercultural pela mediação de pares	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais são consideradas as áreas com maior necessidade de intervenção social? 2. Quais são os maiores objetivos do seu trabalho? 3. De que forma é importante o trabalho de mediação no projeto que acompanha?
Impacto e Desafios	- Aferir da avaliação quanto a desafios e oportunidades	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como avalia o trabalho realizado até ao momento? 2. Quais são os maiores desafios ao exercício da atividade? 3. Como vê o trabalho em rede/parceria com outras instituições? 4. Quais os maiores pontos de evolução e as maiores resistências que encontra na sua mediação? 5. A mediação trouxe alterações para a sua vida? Se sim, quais? 6. Quais são os objetivos para o futuro pessoal e profissional?

B.2 - ENTREVISTA À MEDIADORA DE PARES DA C.M.L., GUIOMAR SILVA

Nome: Guiomar Diamantina Silva

Idade: 47

Mediadora municipal intercultural

Já há bastante tempo, mas sem ser oficial.

Em outubro de 2021 assinei o contrato e passei a ocupar o cargo oficialmente na CML trabalhando em par com a Doutora Sónia Margarida Moreira.

Os principais motivos foi criar uma forma de visão diferente da sociedade em relação á comunidade cigana, os seus jovens e a cultura. Principalmente criar pontes entre várias entidades parceiras e as pessoas mediadas.

Por exemplo habitação social com condições

Abertura de postos de trabalho sem restrições étnicas

Combater a precaridade social por exemplo através da distribuição de bens alimentares e de higiene.

Faz toda a diferença porque por vezes é necessário haver alguém que saiba como falar e entrar na comunidade

Neste momento é uma pergunta que pode ter várias respostas que ainda não poderei ter pois tenho pouco tempo de trabalho e é necessário avaliar com calma.

B.3 – SINOPSE DA ENTREVISTA A GUIOMAR SILVA, MEDIADORA DE PARES DA C.M.L.

Temas centrais de análise	Objetivos	Excertos
Perfil da Mediadora	Caracterizar o perfil profissional da Mediadora	<ul style="list-style-type: none"> - “[...] Idade: 47[...] - “[...] Mediadora municipal intercultural [...]” - “[...] Já há bastante tempo, mas sem ser oficial. [...]” - “[...] Em outubro de 2021 assinei o contrato e passei a ocupar o cargo oficialmente na CML [...]”
Motivações para a profissão	Perceber as motivações subjacentes à profissão de Mediadora de Pares	- “[...] Os principais motivos foi criar uma forma de visão diferente da sociedade em relação á comunidade cigana, os seus jovens e a cultura. Principalmente criar pontes entre várias entidades parceiras e as pessoas mediadas. [...]”
A importância da intervenção social	Aferir das principais áreas com necessidade de intervenção social no concelho de Leiria e papel da mediação intercultural nessa intervenção	<ul style="list-style-type: none"> - “[...] Por exemplo habitação social com condições [...]” - “[...] Abertura de postos de trabalho sem restrições étnicas [...]” - “[...] Combater a precaridade social por exemplo através da distribuição de bens alimentares e de higiene. [...]” - “[...] Faz toda a diferença porque por vezes é necessário haver alguém que saiba como falar e entrar na comunidade [...]”
Balanco, desafios e projetos para o futuro	Elencar as principais dificuldades, impactos e projetos futuros na mediação intercultural municipal	- “[...] Neste momento é uma pergunta que pode ter várias respostas que ainda não poderei ter pois tenho pouco tempo de trabalho e é necessário avaliar com calma [...]”

APÊNDICE C - ENTREVISTA À REPRESENTANTE DA
ASSOCIAÇÃO SELECIONADA – SOCIEDADE
ARTÍSTICA MUSICAL DOS POUSOS (SAMP)

C.1 - GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA À REPRESENTANTE DA ASSOCIAÇÃO SELECIONADA – SAMP

Associação: Sociedade Artística Musical dos Pousos (SAMP)

Categorias de dados	Objetivos	Questões possíveis
Contextualização da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Explicitar os objetivos da entrevista; - Criar um ambiente propício ao desenvolvimento da conversa; - Pedir autorização para a gravação da mesma. 	
Dados do/a entrevistado/a	- Recolher informações sobre o/a entrevistado/a relevantes para a sua ligação com a Associação em causa.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Nome; 2. Idade; 3. Formação Profissional; 4. Cargo/função na Associação; 5. Há quanto tempo está na Associação e no presente cargo; 6. Motivos de ingresso na área e nesta instituição específica.
Caracterização da Associação	- Recolher informações sobre a Associação.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como definiria a Associação? 2. Quais os motivos subjacentes à sua constituição? 3. De que forma tem crescido ao longo dos anos?
Intervenção da Associação	- Recolher informações sobre a intervenção social da Associação	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais são consideradas as maiores áreas de intervenção social? 2. De que forma é organizado o trabalho pelos vários projetos? 3. O que diferencia a Associação de outras com respostas sociais

		<p>(sua relação com a comunidade, pontos fortes, etc.)?</p> <p>4. Qual a importância da mediação intercultural na atividade realizada?</p> <p>5. Na Vossa opinião, qual o projeto que melhor traduz essa mediação e como?</p>
Impacto e Desafios		<p>1. Como avaliam a vossa intervenção na comunidade?</p> <p>2. Quais são os maiores desafios ao exercício da atividade? Que carências sentem?</p> <p>3. De que forma gerem os recursos disponíveis?</p> <p>4. Que parcerias existentes consideram mais fulcrais para a prossecução dos projetos?</p> <p>5. Quais as perspetivas de futuro para a Associação?</p>

N.B. – A realização da entrevista semiestruturada ocorrerá após um levantamento de dados sobre as associações em causa, pelo que existirá desde logo um conhecimento prévio dos elementos concretos - dados de apresentação formal, números, projetos, formas de organização, área de atuação, etc. – que escusará perguntas de teor mais quantitativo e de contexto.

C.2 - ENTREVISTA À COORDENADORA DE PROJETOS DA SOCIEDADE ARTÍSTICA MUSICAL DOS POUSOS (SAMP), RAQUEL GOMES

Resposta escrita da Coordenadora de Projetos da SAMP

Categorias de dados	Objetivos	Questões possíveis
Contextualização da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Explicitar os objetivos da entrevista; - Criar um ambiente propício ao desenvolvimento da conversa; - Pedir autorização para a gravação da mesma. 	
Dados do/a entrevistado/a	- Recolher informações sobre o/a entrevistado/a relevantes para a sua ligação com a Associação em causa.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Nome; <i>Maria Raquel Macedo Gomes</i> 2. Idade; <i>49 anos</i> 3. Formação Profissional; <i>Professora de Música Terapeuta Expressiva Doula de Fim de Vida</i> 4. Cargo/função na Associação; <i>Coordenadora de Projetos</i> 5. Há quanto tempo está na Associação e no presente cargo; <i>Desde 2005 que me encontro ligada à SAMP. Entrei na altura pela porta do</i>

		<p>projeto Berço das Artes. Nesse ano fiz uma formação em Musicoterapia e iniciei como voluntaria na casa em projetos de foro terapêutico. Desde 2006/2007 foi-me dado o cargo de Coordenação dos projetos sociais e terapêuticos.</p> <p>6. Motivos de ingresso na área e nesta instituição específica.</p> <p>Desde nova que a música fazia parte da minha vida. Na adolescência era ela que me aliviava a alma. O cantar, o tocar e o compor era-me altamente terapêutico. A música acompanhava o riso e o choro. Ela era completa e necessária em todos os momentos da minha vida.</p> <p>Ajudar o outro, socializar, conviver, sempre fez parte da minha identidade. A ânsia de conseguir aliviar o sofrimento de alguém era algo muito presente em mim. Era inevitável que a minha realização pessoal tivesse que passar por aí.</p> <p>A SAMP foi a oportunidade que tive de juntar estes dois mundos. A Arte e o Outro. Por isso aqui estou desde 2005. Por isso deixei a carreira de professora no ensino público para me dedicar de corpo e alma a esta Casa, a estes projetos e a tantas pessoas. Porque acredito, de facto, que o meu lugar é aqui. Acredito que a Arte e o Amor são gigantes transformadores de Almas.</p>
<p>Caracterização da Associação</p>	<p>- Recolher informações sobre a Associação.</p>	<p>1. Como definiria a Associação?</p> <p>Trata-se de uma instituição HUMANA que utiliza a ARTE ao mais alto nível, para INOVAR.</p> <p>Com a qualidade Artística e a Inovação juntas, acontece a Transformação, em nós e no Outro.</p> <p>Uma instituição de Encontros. Onde cabe toda a gente, qualquer ser Humano, vindo de onde vier e em que condição estiver.</p> <p>2. Quais os motivos subjacentes à sua constituição?</p> <p>Um Barão, dono de muitas Terras. Oferece instrumentos aos seus trabalhadores com o objetivo de poderem descontraír, divertirem-se, conviver nas horas livres do trabalho. A SAMP nasce com este olhar cuidado pelo Outro. E usa a Arte como ferramenta terapêutica. Esta essência mantém-se até aos dias de hoje.</p> <p>3. De que forma tem crescido ao longo dos anos?</p> <p>A SAMP nasceu em 1873. Durante muitos anos foi uma Banda Filarmónica</p>

		<p>fundada por este Barão de Viamonte e pelos seus trabalhadores da terra.</p> <p>Há 30 anos atrás, desta Banda Filarmónica, nasce uma Escola de Artes. Para além da Música, surge o Teatro, a Dança, e as Artes Plásticas. Percebe-se que se ganhava muito com a junção destas artes. Queria-se chegar a mais pessoas. Era urgente colocar a Arte em geral e a Música em particular, na vida das pessoas. A Música precisava de ser vivida, usufruída logo desde a existência do Ser Humano. E por isso a importância de se criar o projeto Berço das Artes – Música, Teatro e Dança para bebés e crianças dos 0 aos 5 anos e suas famílias.</p> <p>O Projeto que tem como base tudo o que é a SAMP. Bebemos dele para fazer acontecer todos os outros programas que foram surgindo até hoje:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Auditório 1 – Grávidas • Caixinha das Artes – Intervenção Precoce • Amar os Sons – Salas de Multideficiência • Allegro Pediátrico – Pediatria • ConSentir o Som – Psiquiatria Aguda (Internamento) • 100 Limites ao Som – Psiquiatria Crónica (Internamento) • DoiMenor – Unidade de Dor • Il Trovatore – Os Roma do Lis – Bairros de Etnia Cigana • Ópera na Prisão TRACTION – Prisão Escola • Novas Primaveras – Lares, Centros de Dia, Unidade de Cuidos Continuados e Apoio Domiciliário • Aqui Contigo – Com pessoas em Fim de Vida / Cuidados Paliativos • Musicoterapia – Público em Geral • Palco em Casa – Concertos em casa de pessoas em situação de Isolamento e Solidão. • Museu na Aldeia – A Cultura de e para aldeias Isoladas. • UpA – Unidos Pela Arte – Para profissionais de Saúde e Cuidadores • Cantares de Amigo – Arte com Dor Crónica
<p>Intervenção da Associação</p>	<p>- Recolher informações sobre a intervenção social da Associação</p>	<p>1. Quais são consideradas as maiores áreas de intervenção social?</p> <p>Se no início se poderia considerar que a maior área de intervenção social seria numa população mais humilde, rural, acrescentando e direcionando mais tarde o foco para os bebés e suas famílias. Atualmente é difícil definir qual a maior área de Intervenção Social.</p> <p>Estamos presentes do nascimento à morte. Na gravidez e no Funeral. No cigano e no recluso. No Bebé e no Idoso. No doente e no Profissional da Saúde. No deficiente e nos cuidadores. Na classe alta e na classe baixa. Na criança, jovem, adulto. No empresário e no agricultor. Estamos onde existe o Ser Humano</p>

		<p>sedento de Arte.</p> <p>2. De que forma é organizado o trabalho pelos vários projetos?</p> <p>A SAMP é uma instituição com um conjunto de profissionais muito diversificado:</p> <p>Músicos profissionais; Músicos amadores; Professores; Musicoterapeutas; Terapeutas Expressivos; Doulas de Fim de Vida</p> <p>Artistas Comunitários; Bailarinos; Atores; Cineastas; Psicólogos; Museólogos; Sociólogos; voluntários, Etc...</p> <p>Consoante as características e necessidades do público alvo, estes profissionais são divididos pelos diferentes projetos que a SAMP desenvolve.</p> <p>Existe uma base comum a todos eles:</p> <p>Estar Com...;</p> <p>Cuidar...;</p> <p>Música...;</p> <p>Arte...;</p> <p>Qualidade...;</p> <p>Criatividade;</p> <p>Inovação;</p> <p>Praticamente em todos os projetos existe uma dupla de profissionais. Um seguramente da área da música e o outro poderá variar entre dança, teatro, música, poesia, etc... Dependendo do projeto, encontra-se a melhor solução.</p> <p>Todos os nossos programas têm o mesmo ritual. Ritual este fundamental para a promoção da Empatia e por sua vez da Entrega e disponibilidade para dar e receber:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Uma canção de Olá (onde nos damos a conhecer. Que ajuda no cumprimento individual de cada um. Que faz perceber ao outro que aquele momento é para ele e não para um todo. Um momento que abre portas para a Empatia, abre portas para Dar e Receber mutuamente. • Momentos de fruição artística (é importante oferecermos o melhor que Arte tem. A Fruição do Belo. Que o outro sinta o poder da Arte por si só. Como nos influencia pela positiva fruir de algo de Belo.
--	--	--

		<ul style="list-style-type: none"> • Momentos de Interação (a interação tem pelo menos dois objetivos. Um, de fazer com que o Outro perceba de que esta (Arte), está ao seu alcance. Qualquer pessoa pode sentir o prazer de fazer Arte. O outro objetivo é o de fazer sentir à pessoa de como nós nos elevamos quando estamos expostos à criação. Independentemente da nossa condição física, conseguirmos criar, imaginar, sentir algo de novo, de diferente, é poderoso). • Uma canção de Adeus; (é importante definir o fim do momento. Acabou, mas o Sol fica cá dentro. É um até já. É um voltaremos; é uma conclusão do momento que vivemos juntos e uma demonstração do desejo do reencontro). <p>3. O que diferencia a Associação de outras com respostas sociais (sua relação com a comunidade, pontos fortes, etc.)?</p> <p>A SAMP distingue-se por várias razões:</p> <p>Não cria Palcos e sub-Palcos. Não há “o sr Doutor e o Zé da esquina”;</p> <p>Todos têm igual importância;</p> <p>A SAMP é autêntica, sem máscaras e artimanhas;</p> <p>Chega a variadíssimos públicos alvos;</p> <p>Não se limita ao facilitismo, gosta de desafios;</p> <p>Demonstra uma grande Inovação em tudo o que faz;</p> <p>Aceita o erro e com ele aproveita para Amadurecer.</p> <p>Cuida a qualidade Artística e a qualidade de relacionamento com o Outro;</p> <p>Coloca a Empatia acima de tudo;</p> <p>Tem sede de aprender; Procura sempre crescer mais; Conquista parceiros para partilha de conhecimentos e acções;</p> <p>A SAMP não se contenta com Pouco mas valoriza a Simplicidade.</p> <p>4. Qual a importância da mediação intercultural na atividade realizada?</p> <p>É fundamental e Vital para uma instituição como a SAMP, promover a interculturalidade. A diversidade de publico alvo a que se direcionam os projetos SAMP, trazem uma riqueza tamanha à forma como os seus profissionais olham a Vida e, por consequência, influencia também o seu modo de intervenção. Interagir com todos os envolvidos de uma forma horizontal e sinérgica. Articular convivências, públicos diferentes, onde nenhum dos grupos se deve encontrar acima de qualquer outro que seja, favorecendo assim a</p>
--	--	---

		<p>integração e a convivência das pessoas através do respeito pela diversidade; É também isto que faz uma instituição como a SAMP ser valorizada e respeitada. Longe de políticas, mas convivendo com elas. Longe de religiões, mas convivendo com elas. Longe de ideologias, mas convivendo com elas. Respeitando a todos com a mesma intensidade e dedicação, seja ele o recluso ou o financiador.</p> <p>5. Na Vossa opinião, qual o projeto que melhor traduz essa mediação e como?</p> <p>Existem vários projetos SAMP, que promovem essa interculturalidade, mas talvez, atualmente se destaquem dois:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Museu na Aldeia, pela expansão territorial de 26 municípios. Que une o idoso isolado, ao artista de Palco, ao autarca local e da Câmara, ao jornalista, ao Diretor do Museu, à família, ao sociólogo, ao psicólogo, etc... e acima de tudo ligação entre municípios, entre autarquias de cores diferentes. Diversidade em prol de um mesmo objetivo. <p>Mas o principal em dimensão chama-se</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. TRACTION Ópera na Prisão – pela sua internacionalização. Portugal Espanha Irlanda Inglaterra. A junção de reclusos, famílias, guardas, diretores prisionais, vereadores, ministros, juízes, psicólogos, músicos profissionais, comunitários, compositores, encenadores, liberalistas, funcionários institucionais, etc..., juntando ao <u>Gran Teatre del Liceu</u>, de Barcelona e a <u>Irish National Opera</u> da Irlanda, integrando, ainda, algumas das mais prestigiadas universidades e institutos de investigação europeus. projetos internacionais de referência, empresas internacionais, Investigadores, Experts, etc... <p>Para a SAMP, com a sua forma de olhar a Vida e valorizar qualquer Ser Humano como Ser Especial, trabalhar e articular com tamanha diversidade de pessoas, olhares, estados de Alma é de uma riqueza incalculável. Coloca-los a todos lado a lado, com igual importância é algo que nos realiza como instituição. Ter numa equipa de trabalho e reflexão: um Juiz, um Recluso, um Diretor, um Familiar de um recluso, um Artista, um Expert, Doutores e todos, por igual, terem o mesmo poder de intervenção e análise, é algo que nos faz sentir que é possível trilhar caminhos com a junção de Seres Humanos tão culturalmente diferentes. Caminhos estes mais capazes de sucesso e de chegar a algum lugar mais Humanamente Eficaz.</p>
--	--	---

<p>Impacto e Desafios</p>		<p>1. Como avaliam a vossa intervenção na comunidade?</p> <p>Atualmente, a equipa de profissionais da SAMP é constituída também por dois psicólogos, um sociólogo e um museólogo, com o objetivo de se fazerem estudos científicos de Avaliação de Impacto nos diversos projetos. Através da aplicação de instrumentos de avaliação e do seu tratamento da recolha de Dados. Também em articulação com universidades portuguesas e estrangeiras que ajudam a validar o estudo. Através de testemunhos e da recolha de feedbacks, partilhas, mensagens, etc...</p> <p>2. Quais são os maiores desafios ao exercício da atividade?</p> <p>Por vezes os maiores desafios nascem de fatores externos à SAMP. A atual situação pandémica é um bom exemplo disso. Como chegar às populações vulneráveis numa altura de pandemia, em que se tornam ainda mais vulneráveis? Quando desenvolvemos projetos dentro de Lares, Hospitais, Prisões, estamos sempre sujeitos às regras internas. Hoje não podem vir por isto; amanhã é greve não podem entrar; não temos ninguém aqui para vos acompanhar; etc...</p> <p>3. Que carências sentem?</p> <p>A SAMP atualmente encontra-se num patamar bastante elevado em relação aos projetos que desenvolve. No entanto, mantém uma estrutura de organização, apoio e suporte, muito “primitiva”. Se por um lado é importante e vital manter o espírito “família” e de “voluntariado” na casa, por outro lado, esse tipo de gestão/direção limita-a no seu crescimento. No meu entender existe a necessidade urgente de se encontrar uma forma de gerir a casa com este misto de profissionalismo e familiar.</p> <p>Outra grande fragilidade da casa está relacionada com a dependência de financiamentos de candidaturas. Sinto que existem projetos que deveriam fazer parte de uma prática obrigatória de saúde pública. A Arte deveria estar dentro dos Hospitais, Prisões, Lares, Escolas, Aldeias isoladas, sem necessidade de candidaturas. Um bem necessário à Sociedade.</p> <p>4. De que forma gerem os recursos disponíveis?</p> <p>Considero que se trata de uma grande obra de engenharia. Em relação aos recursos Humanos, não é muito fácil encontrarem-se profissionais</p>
---------------------------	--	---

		<p>que se enquadrem facilmente nestes projetos. Para além das suas formações e qualidades profissionais, terão que igualmente serem pessoas “Humanamente” desenvolvidas. É preciso apaixonarem-se por esta casa, pela sua essência, pelos projetos e pela Vida. Muitas vezes é necessário darem muito de si, sem pedir nada em troca.</p> <p>Recursos materiais também não abundam e por isso existe a necessidade de articular muito bem os poucos recursos existentes. Com a ajuda de parcerias vamos conseguindo gerir o que temos e o que nos vão cedendo.</p> <p>5. Que parcerias existentes consideram mais fulcrais para a prossecução dos projetos?</p> <p>O apoio das autarquias é fundamental. Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia são o trilhar de um caminho que no meu olhar faz todo o sentido. Que os meus descontos salariais sejam também para projetos como estes.</p> <p>Quando estiver internada quero ter alguém que cuide da minha Alma, das minhas emoções. Se tiver um filho preso quero que ele tenha a oportunidade de ter uma experiência que lhe pode vir a abrir horizontes e fazê-lo mudar de vida. Quando estiver a morrer quero ter a possibilidade de ser olhada, acarinhada com respeito, com dignidade. Se tiver um filho com um problema mental ou eu própria cair numa situação de demência não me quero sentir “extraterrestre” quero ter oportunidade de ter uma vida dignificada com direito a tudo o que todos têm direito. E nós SAMP sabemos que a Arte em geral e a Música em particular tem este Poder de mexer com o Outro. Cuidar, causar bem estar, lincar, aproximar. Trazer ao de cima o melhor de cada Ser Humano. Por isso, sim, o Estado deveria ter esta obrigação e apoiar financeiramente todos estes projetos que ajudam a uma sociedade mais saudável e condigna.</p> <p>Depois a parceria com empresas locais com alguma estrutura financeira. Haver uma articulação e troca de bens e serviços é também importante. A empresa sentir que contribui para a melhoria do bem estar da sua Comunidade.</p> <p>Parcerias entre associações, outros projetos, Instituições são sempre muito saudáveis. Ajudam-nos a crescer e a criar momentos mais influentes e marcantes no público-alvo.</p>
--	--	---

		<p>6. Quais as perspectivas de futuro para a Associação?</p> <p>A SAMP avança-se já numa rampa internacional. O nosso objetivo é sempre ajudar a uma mudança para melhor. Ajudar a uma maior valorização e respeito da Vida Humana. O grande foco é na comunidade que nos rodeia, mas sentimos que somos muito limitados, se por aqui ficarmos. Para uma mudança de fundo, de política, de olhares, de sentires, temos que crescer mais, temos que sair, viajar muito, articular, falhar, aprender, etc.... É com esta experiência, e muitas vezes com o reconhecimento internacional, que os dirigentes, decisores, que estão ao nosso lado conseguem passar a olhar-nos com outro respeito. E as perspectivas são essas, de conseguir crescer cada vez mais com estes e outros projetos. Ter reconhecimento suficiente para que não nos angustiemos quando chegarmos ao fim de um ano em que supostamente um projeto considerado por nós muito válido, não tenha que ficar arrumado numa gaveta.</p> <p>A SAMP conseguir contribuir para uma mudança de políticas.</p>
--	--	---

C.3 – SINOPSE DA ENTREVISTA A RAQUEL GOMES, COORDENADORA DE PROJETOS SAMP

Temas centrais de análise	Objetivos	Excertos
Dados do/a entrevistado/a	Levantar informações sobre o/a entrevistado/a relevantes para a sua ligação com a Associação em causa.	<p>- “[...] Professora de Música Terapeuta Expressiva Doula de Fim de Vida [...]”</p> <p>- “[...] Desde 2005 que me encontro ligada à SAMP [...]”</p> <p>- “[...] A ânsia de conseguir aliviar o sofrimento de alguém era algo muito presente em mim. Era inevitável que a minha realização pessoal tivesse que passar por aí.</p> <p>A SAMP foi a oportunidade que tive de juntar estes dois mundos. A Arte e o Outro. Por isso aqui estou desde 2005. Por isso deixei a carreira de professora no ensino público para me dedicar de corpo e alma a esta Casa, a estes projetos e a tantas pessoas. Porque acredito, de facto, que o meu lugar é aqui. Acredito que a Arte e o Amor são gigantes transformadores de Almas. [...]”</p>
Caracterização da Associação	Recolher informações sobre a Associação (SAMP).	<p>- “[...] Trata-se de uma instituição HUMANA que utiliza a ARTE ao mais alto nível, para INOVAR.</p> <p>Com a qualidade Artística e a Inovação juntas, acontece a Transformação, em nós e no Outro.</p> <p>Uma instituição de Encontros. Onde cabe toda a gente, qualquer ser Humano, vindo de onde vier e em que condição estiver. [...]”</p> <p>- “[...] A SAMP nasce com este olhar cuidado pelo Outro. E usa a Arte como ferramenta terapêutica. Esta essência mantém-se até aos dias de hoje. [...]”</p> <p>- “[...] Queria-se chegar a mais pessoas. Era urgente colocar a Arte em geral e a Música em</p>

		<p><i>particular, na vida das pessoas. A Música precisava de ser vivida, usufruída logo desde a existência do Ser Humano. E por isso a importância de se criar o projeto Berço das Artes – Música, Teatro e Dança para bebês e crianças dos 0 aos 5 anos e suas famílias.</i></p> <p><i>O Projeto que tem como base tudo o que é a SAMP. Bebemos dele para fazer acontecer todos os outros programas que foram surgindo até hoje [...]”</i></p>
<p>Intervenção da Associação</p>	<p>Caracterizar a intervenção social levada a cabo pela Associação – organização, áreas de intervenção, etc.</p>	<p>- “[...] Se no início se poderia considerar que a maior área de intervenção social seria numa população mais humilde, rural, acrescentando e direcionando mais tarde o foco para os bebês e suas famílias. Atualmente é difícil definir qual a maior área de Intervenção Social.</p> <p><i>Estamos presentes do nascimento à morte. Na gravidez e no Funeral. No cigano e no recluso. No Bebê e no Idoso. No doente e no Profissional da Saúde. No deficiente e nos cuidadores. Na classe alta e na classe baixa. Na criança, jovem, adulto. No empresário e no agricultor. Estamos onde existe o Ser Humano sedento de Arte. [...]”</i></p> <p>- “[...] A SAMP é uma instituição com um conjunto de profissionais muito diversificado:</p> <p><i>Músicos profissionais; Músicos amadores; Professores; Musicoterapeutas; Terapeutas Expressivos; Doulas de Fim de Vida; Artistas Comunitários; Bailarinos; Atores; Cineastas; Psicólogos; Museólogos; Sociólogos; voluntários, Etc...consoante as características e necessidades do público-alvo, estes profissionais são divididos pelos diferentes projetos que a SAMP desenvolve [...]”</i></p> <p>- “[...] Existe uma base comum a todos eles:</p> <p><i>Estar Com...;</i></p> <p><i>Cuidar...;</i></p> <p><i>Música...;</i></p>

		<p><i>Arte...;</i> <i>Qualidade...;</i> <i>Criatividade;</i> <i>Inovação; [...]”</i></p> <p><i>- “[...] Praticamente em todos os projetos existe uma dupla de profissionais. Um seguramente da área da música e o outro poderá variar entre dança, teatro, música, poesia, etc... Dependendo do projeto, encontra-se a melhor solução. Todos os nossos programas têm o mesmo ritual. Ritual este fundamental para a promoção da Empatia e por sua vez da Entrega e disponibilidade para dar e receber [...]”</i></p>
<p>Presença da Associação na Comunidade</p>	<p>Perceber o grau de implantação, envolvimento e impacto da Associação na comunidade em que se insere.</p>	<p><i>- “[...] A SAMP distingue-se por várias razões:</i> <i>Não cria Palcos e sub-Palcos. Não há “o Sr. Doutor e o Zé da esquina”;</i> <i>Todos têm igual importância;</i> <i>A SAMP é autêntica, sem máscaras e artimanhas;</i> <i>Chega a variadíssimos públicos-alvo;</i> <i>Não se limita ao facilitismo, gosta de desafios;</i> <i>Demonstra uma grande Inovação em tudo o que faz;</i> <i>Aceita o erro e com ele aproveita para Amadurecer.</i> <i>Cuida a qualidade Artística e a qualidade de relacionamento com o Outro; Coloca a Empatia acima de tudo; tem sede de aprender; Procura sempre crescer mais; Conquista parceiros para partilha de conhecimentos e ações;</i> <i>A SAMP não se contenta com Pouco mas valoriza a Simplicidade [...]”</i></p>

<p>Presença da Mediação Intercultural nos projetos da Associação</p>	<p>Aferir a importância da mediação intercultural nos projetos de intervenção social levados a cabo pela SAMP.</p>	<p>- “[...] É fundamental e Vital para uma instituição como a SAMP, promover a interculturalidade. A diversidade de público alvo a que se direcionam os projetos SAMP, trazem uma riqueza tamanha à forma como os seus profissionais olham a Vida e, por consequência, influencia também o seu modo de intervenção [...]”</p> <p>- “[...] Interagir com todos os envolvidos de uma forma horizontal e sinérgica. Articular convivências, públicos diferentes, onde nenhum dos grupos se deve encontrar acima de qualquer outro que seja, favorecendo assim a integração e a convivência das pessoas através do respeito pela diversidade; É também isto que faz uma instituição como a SAMP ser valorizada e respeitada. Longe de políticas, mas convivendo com elas. Longe de religiões, mas convivendo com elas. Longe de ideologias, mas convivendo com elas. Respeitando a todos com a mesma intensidade e dedicação, seja ele o recluso ou o financiador. [...]”</p> <p>- “[...] Existem vários projetos SAMP, que promovem essa interculturalidade, mas talvez, atualmente se destaquem dois: Museu na Aldeia [...] (e) TRACTION Ópera na Prisão [...]”</p>
<p>Gestão de recursos e parcerias</p>	<p>Determinar as formas de gestão dos recursos disponíveis e principais parcerias importantes para prossecução dos projetos.</p>	<p>- “[...] Considero que se trata de uma grande obra de engenharia. Em relação aos recursos Humanos, não é muito fácil encontrarem-se profissionais que se enquadrem facilmente nestes projetos. Para além das suas formações e qualidades profissionais, terão que igualmente serem pessoas “Humanamente” desenvolvidas. É preciso apaixonarem-se por esta casa, pela sua essência, pelos projetos e pela Vida. Muitas vezes é necessário darem muito de si, sem pedir nada em troca [...]”</p> <p>- “[...] Recursos materiais também não abundam e por isso existe a necessidade de articular muito bem os poucos recursos existentes. Com a ajuda de parcerias vamos conseguindo gerir o que temos e o que nos vão cedendo. [...]”</p>

		<p>- “[...] O apoio das autarquias é fundamental. Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia são o trilhar de um caminho que no meu olhar faz todo o sentido. Que os meus descontos salariais sejam também para projetos como estes [...]”</p> <p>- “[...] Quando estiver internada quero ter alguém que cuide da minha Alma, das minhas emoções. Se tiver um filho preso quero que ele tenha a oportunidade de ter uma experiência que lhe pode vir a abrir horizontes e fazê-lo mudar de vida. Quando estiver a morrer quero ter a possibilidade de ser olhada, acarinhada com respeito, com dignidade. Se tiver um filho com um problema mental ou eu própria cair numa situação de demência não me quero sentir “extraterrestre” quero ter oportunidade de ter uma vida dignificada com direito a tudo o que todos têm direito. E nós SAMP sabemos que a Arte em geral e a Música em particular tem este Poder de mexer com o Outro. Cuidar, causar bem estar, lincar, aproximar. Trazer ao de cima o melhor de cada Ser Humano. Por isso, sim, o Estado deveria ter esta obrigação e apoiar financeiramente todos estes projetos que ajudam a uma sociedade mais saudável e condigna. [...]”</p> <p>- “[...] a parceria com empresas locais com alguma estrutura financeira. Haver uma articulação e troca de bens e serviços é também importante. A empresa sentir que contribui para a melhoria do bem-estar da sua Comunidade. Parcerias entre associações, outros projetos, Instituições são sempre muito saudáveis. Ajudam-nos a crescer e a criar momentos mais influentes e marcantes no público-alvo. [...]”</p>
--	--	---

<p>Balanço, desafios e projetos para o futuro</p>	<p>Elencar as principais dificuldades, impactos e projetos futuros com mediação intercultural na SAMP.</p>	<p>- [...] Atualmente, a equipa de profissionais da SAMP é constituída também por dois psicólogos, um sociólogo e um museólogo, com o objetivo de se fazerem estudos científicos de Avaliação de Impacto nos diversos projetos. Através da aplicação de instrumentos de avaliação e do seu tratamento da recolha de Dados. Também em articulação com universidades portuguesas e estrangeiras que ajudam a validar o estudo. Através de testemunhos e da recolha de feedbacks, partilhas, mensagens, etc... [...]"</p> <p>- “[...] os maiores desafios nascem de fatores externos à SAMP. A atual situação pandémica é um bom exemplo disso. Como chegar às populações vulneráveis numa altura de pandemia, em que se tornam ainda mais vulneráveis? Quando desenvolvemos projetos dentro de Lares, Hospitais, Prisões, estamos sempre sujeitos às regras internas [...]"</p> <p>- “[...] mantém uma estrutura de organização, apoio e suporte, muito “primitiva”. Se por um lado é importante e vital manter o espírito “família” e de “voluntariado” na casa, por outro lado, esse tipo de gestão/direção limita-a no seu crescimento. No meu entender existe a necessidade urgente de se encontrar uma forma de gerir a casa com este misto de profissionalismo e familiar. [...]"</p> <p>- “[...] Outra grande fragilidade da casa está relacionada com a dependência de financiamentos de candidaturas. Sinto que existem projetos que deveriam fazer parte de uma prática obrigatória de saúde pública. A Arte deveria estar dentro dos Hospitais, Prisões, Lares, Escolas, Aldeias isoladas, sem necessidade de candidaturas. Um bem necessário à Sociedade. [...]"</p> <p>- [...] A SAMP avança-se já numa rampa internacional. O nosso objetivo é sempre ajudar a uma mudança para melhor. Ajudar a uma maior valorização e respeito da Vida Humana. O grande foco é na comunidade que nos rodeia, mas sentimos que somos muito limitados, se por aqui ficarmos. Para uma mudança de fundo, de política, de olhares, de sentires, temos que crescer mais, temos que sair, viajar muito, articular, falhar, aprender, etc..... É com esta experiência, e muitas vezes com o</p>
---	--	---

		<p><i>reconhecimento internacional, que os dirigentes, decisores, que estão ao nosso lado conseguem passar a olhar-nos com outro respeito. E as perspectivas são essas, de conseguir crescer cada vez mais com estes e outros projetos. Ter reconhecimento suficiente para que não nos angustiemos quando chegarmos ao fim de um ano em que supostamente um projeto considerado por nós muito válido, não tenha de ficar arrumado numa gaveta. A SAMP conseguir contribuir para uma mudança de políticas. [...]”</i></p>
--	--	--

**APÊNDICE D - ENTREVISTA AOS RESIDENTES EM
ATEANHA DO PROJETO SAMP “MUSEU NA ALDEIA”**

D.1 - GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA AOS UTENTES DOS PROJETOS SELECIONADOS PELAS ASSOCIAÇÕES – MUSEU NA ALDEIA

Projeto: Museu na Aldeia

Categorias de dados	Objetivos	Questões possíveis
Contextualização da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Explicitar os objetivos da entrevista; - Criar um ambiente propício ao desenvolvimento da conversa; - Pedir autorização para a gravação da mesma e/ou recolha de informação escrita. 	
Dados do/a entrevistado/a	- Recolher informações sobre o/a entrevistado/a relevantes para a sua ligação com a Associação em causa.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Nome; 2. Idade; 3. Há quanto tempo vive na aldeia?
Caracterização da experiência no projeto	- Recolher informações sobre o impacto do projeto nos seus utentes.	<p>Hipóteses de possíveis perguntas a serem colocadas consoante a dinâmica da conversa:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Como é a vida na aldeia? 2. Como é que foi para si a experiência do Museu na Aldeia? 3. É a primeira vez que recebem um projeto desta natureza? 4. Que memórias mais marcantes guarda deste processo? 5. Qual o sentimento de

		<p>produzir uma peça de museu?</p> <ol style="list-style-type: none">6. Já tinha visitado algum museu anteriormente?7. O que é para si a Arte?8. Porque decidiu participar neste projeto?9. Qual a importância do projeto para as relações entre os habitantes da aldeia, depois deste trabalho em grupo?10. A forma como olham para a Aldeia alterou-se de alguma forma?11. Sente que este projeto trouxe melhorias à qualidade de vida dos habitantes da aldeia? Que mudanças houve?12. O que espera para o futuro deste projeto?
--	--	---

D.2 – ENTREVISTA AOS RESIDENTES EM ATEANHA – PROJETO “MUSEU NA ALDEIA” (SAMP)

Projeto: Museu na Aldeia

Instituição: SAMP

Entrevistados: residentes na aldeia de Ateanha

Entrevista a M.

Investigador (I): Como é a vida na Ateanha?

M.: Nós vivemos assim aqui um bocado isolados, mas pronto, nada vai mudar, por isso...não é? As pessoas, cada um anda na sua vida, para baixo e para cima, quando é inverno você não vê ninguém, meu Deus. Eu digo ao meu marido “Nós temos de sair!” [...] temos casa na Figueira e ao fim de semana é o meu escape senão eu fico maluca. Bloqueio o cérebro.

I: É bom sair um bocadinho...

M.: Sim, sim. Porque não há... pronto, cada um anda nos seus trabalhos. E no inverno então quando chove está tudo em casa. [...] Eu aqui tenho uma horta e ocupo-me da criação, por isso é que estou aqui.

I: Falando agora especificamente deste projeto “Museu na Aldeia”, como é que foi para si esta experiência? Assim de uma forma geral.

M.: No início estava assim um bocado reticente, bom, quando vieram perguntar os dados, eu não tinha a noção do que realmente era o projeto. Mas bom, estava assim um bocado... Mas depois quando conversaram a partir daí eu gostei muito, pronto, vi que era interessante e que devíamos participar e é bom o convívio.

I: E que memórias é que lhe ficaram assim mais marcantes, de todo este processo?

M.: Eu gostei, eu gostei de tudo, e pronto de irmos à Marinha, à Marinha Grande vermos o processo, como é que as máquinas funcionavam, para fazer o nosso banco, para ficar no lugar do banco que veio do museu para cá. E achei importante o outro banco que veio para cá que esteve em exposição durante um período de tempo e achei importante, portanto, veio e depois foi embora e nós não termos nada, acho que esquecia um pouco. Assim é um marco que fica ali para nós, portanto, é a continuação do que passou por aqui.

I: Exatamente. E o que é que achou de ter uma peça vossa exposta no museu?

M.: Eu achei que foi muito importante porque assim a nossa aldeia ficou mais... como é que eu hei-de... ficou mais conhecida porque estava um bocado esquecida e então...

I.: Veio valorizar a aldeia?

M.: Exatamente, exato, sim.

I.: E já visitou a peça quantas vezes? Voltou lá a visitar?

M.: Não, não voltei, não.

I.: Então e o que é que foi para si construir esta peça com os seus vizinhos e com os seus amigos aqui da aldeia? Ou seja, veio trazer também aqui algum convívio, não é? Alguma união aqui aos habitantes?

M.: Sim, sim, sim, foi muito bom, ainda há bocadinho acabei de dizer, foi importante porque uniu mais as pessoas

I.: Ainda para mais depois desta pandemia, não é?

M.: Sim, em que as pessoas... pronto, já por si as pessoas cada um faz as suas coisinhas e não tem por norma se reunir. As pessoas aqui talvez a parte de convívio deles, em que se reúnem mais é que vão à missa porque à parte disso...

I.: Então a arte também teve aqui um papel importante.

M.: Ah sim sim.

I.: E alguma vez tinha visitado um museu antes?

M.: Não.

I.: Então visitou um museu pela primeira vez para ver a sua peça.

M.: Exatamente sim, e gostei de ver as outras peças que estão por lá expostas. [...] Sim, somos um bocadinho artistas. Tudo com ajuda porque se não fossem os jovens do projeto do Museu na Aldeia nós nem por sonhos, a gente não tinha...sei lá para nos reunirmos... não, para fazer um projeto tem de ser alguém que tem estudo, porque é assim mesmo, que tem cultura. Nós já somos pessoas com... eu tenho a 6ª classe, outros têm a 4ª classe, há 70 anos atrás só as pessoas que tinham grandes possibilidades financeiras é que iam para Coimbra estudar.

I.: E mudou alguma coisa na sua criatividade? A D. M. não fazia a mínima ideia do que ia construir...

M.: Não fazia a mínima ideia de qual era o projeto [...] com a ajuda do grupo as ideias foram surgindo. [...] Houve uma grande evolução [...] até porque no início, portanto, quando me bateram à campanha, eu estava assim um bocadinho de pé atrás porque há muitas pessoas que se fazem passar por isto e por aquilo, que trabalha para aqui e para acolá, e eu estava assim um bocadinho receosa, não é? Mas pronto,

depois, com a continuação... [...] Até vi depois na televisão que o meu marido chamou-nos e disse “olha o que está a passar” e a minha filha até gravou. E pronto e vi que era um projeto com pernas para andar e com pessoas com boas intenções e não tinha nada que me preocupar.

I.: [...] E contou esta experiência a outras pessoas? Quando encontrava alguém contava sobre este projeto?

M.: Sim, eu contei, sim, e sobretudo ao meu marido disse “A Ateanha está a evoluir!”.

[...]

I.: Sente que podem contar mais uns com os outros?

M.: Há pessoas que não se interessam e não têm participado, mas este grupinho assim está feliz, está bom [...] até porque este grupinho que está aqui são pessoas comunicativas, agora os outros... há pessoas que se isolam mais, não sei. Depende talvez da maneira de ser de cada um.

I.: Sente que de alguma forma participar nesta iniciativa contribuiu para a sua qualidade de vida, para o seu bem-estar?

M.: Sim, é importante. Saímos um bocadinho da nossa rotina e que nós precisamos para não bloquearmos o cérebro. É saudável.

I.: E o que é que representa para si a Arte? A dança, o teatro, a poesia...

M.: Eu gosto muito, gosto muito de teatro, gosto muito. Gosto de visitar, de visitar museus, as igrejas, monumentos, gosto de visitar.

I.: Como vê o processo do envelhecimento?

M.: Para mim é um bocado complicado. Sei que, pronto, um dia chegará a hora, não é? Mas eu tento nem pensar muito nisso senão fico um pouco... acho que me faz entrar um pouco em depressão.

I.: Acha que este tipo de atividades e projetos ajudar a transformar esta maturidade, num processo mais bonito?

M.: Sim, ajuda. Porque nós enquanto estamos a pensar nisto não estamos com pensamentos negativos, não é? O convívio, o falarmos, acho que muito importante a presença do grupo, a música que eles trazem, o explicar das coisas... a gente foge da nossa rotina e é bom, é saudável para a nossa mente.

I.: E estaria disposta a participar novamente num projeto destes?

M.: Sim, eu estou disposta a participar, sim.

I.: E o que espera para o futuro deste projeto?

M.: Este projeto, pronto, é pena. Nós ficamos com saudades, do que se passou, do grupo, que são pessoas supersimpáticas e que nós nos sentimos bem com eles e vamos sentir a falta. Eu sinto a falta quando isto terminar. [...] Se puder continuar seria muito bom. Para todos.

Entrevista a A.

[...]

Investigador (I): Como é o dia-a-dia na aldeia?

A.: O dia-a-dia é assim... nós às vezes à noite eu às vezes digo ao meu marido “amanhã de manhã a gente vê”. Ele pergunta-me muita vez “Como é a nossa vida amanhã?” e eu “A gente amanhã vê, agora estamos a jantar”. E o dia-a-dia é assim. Olhe, aqui toda a gente tem os seus bocadinhos de terra e todas as terras têm oliveiras e o azeite tem de ser apanhado e [...] temos de olhar pelas terras. [...] Há sempre que fazer pelas terras e o dia-a-dia é assim, há quem tenha os gadinhos, ovelhas ou assim, eu não tenho porque não tenho terra certa, estou cá e estou lá (Maceira, Leiria), estou lá e estou cá e assim não dá. Mas quem tem é assim durante o dia, os gadinhos, é os gadinhos e as terras.

[...]

I.: O projeto “Museu na Aldeia” foi um projeto que veio de fora para dentro, não é? Vieram cá várias vezes. Existe algum outro projeto que venha cá muitas vezes?

A.: Acho que nunca existiu, eu desconheço. Penso que foi a primeira vez que existiu um projeto desta natureza.

I.: Então vocês, quando precisam de atividades culturais e desportivas tem de ser fora, não é?

A.: Sim...

I.: A não ser a capela.

A.: Sim, dantes era engraçado, eu ainda recordo com saudade esses tempos porque chegava-se ao domingo à tarde e os homens reuniam-se a jogar às cartas. E as raparigas e rapazes, mas até era mais na Quaresma, era a jogar ao lenço. [...] Parecia brincadeiras de garotos, mas tornava-se engraçado e assim se passava o tempo. Aos domingos, era os bailaricos aí nas eiras, há por aí muita eira, e pronto fazia-se o bailarico a cantar, a tocar flauta, outras vezes era concertina, havia sempre rapaziada à volta que tinha. E era assim. Parece que... notava-se um bocadinho mais alegre que hoje, hoje anda tudo assim mais deprimido, mas também não há mocidade na terra, também têm saído, começaram a sair, a casar fora, a não ficar aqui e prontos e olhe, cá se vai vivendo.

I.: Depois de o projeto começar, houve mudanças aqui na aldeia? Estavam a dizer há bocado que houve umas coisas na freguesia que foi por causa do projeto.

A.: Sim mas ele falou nas ervas e assim que vieram logo cortar a erva. Eu acho que a erva todos os anos era cortada. Às vezes não era cortada, levava química e... por exemplo, esta ervinha, que está rebentada, rebenta mas anda na estrada e eles vinham e punham-lhe química e matavam a erva. Eles sempre vieram todos os anos, que eu me lembre, fazer isso. Desde que a estrada foi arranjada, encalçetada, porque dantes não, dantes não era encalçetada, eram os caminhos, era o pessoal da terra que tentava dar um arranjo aos caminhos. E a Junta... não sei... eu não sei, não defendo a Junta mas também não podem ser os responsáveis por tudo.

I.: Mas acha que houve mudanças aqui na aldeia, depois de o projeto ter começado? Ou acha que está tudo igual?

A.: É assim: mudanças houve mas a mudança que houve foi o arranjo para o banco, que está engraçado, foi o arranjo que isso tem a ver, sim, como Sr. Presidente da Câmara e o Sr. Presidente da Junta. Mas já foi... desde que começou o projeto foi o banco e nós falámos que era uma pena porque os senhores nunca cá vieram antes, é uma pena que não vão lá ver que tem uma vista lindíssima lá em cima. Mas aquilo era só mato, só lenha grande. [...] Então agora a Junta mandou cortar, mandou abrir carreiros para o pessoal poder ir. Foi isso, fez isso. E “encalçetou” um caminho que havia aqui em baixo que eu acho que merecia, já havia de ter sido logo, pronto, fizeram a estrada, e sim, está interessado. [...] Ele tem-se interessado agora bastante pela Ateanha. [...].

I.: E vocês mudaram a forma como olham para a vossa aldeia, depois do Museu na Aldeia? [...]

A.: [...] Eu por mim senti que, e acho que as pessoas todas sentem isso, que a Aldeia é mais visitada, de vez em quando nós estamos a ver a chegar os carros, olhamos e ah não conhecemos. Também dizem assim “Ah, mas pode ser perigoso porque podem ser pessoas que não vêm por bem” mas a gente também vê logo que são pessoas que vêm pelo passeio, vem por curiosidade. Porque no início quando começou o projeto chegaram a vir pessoas a pensar que havia um museu na Ateanha, que se tinha criado um museu na Ateanha. E então nós explicámos-lhes que era um projeto que estavam a fazer, que não, que tínhamos era um banco ali e assim e as pessoas voltavam. E admiradas: “Ah, nunca tínhamos vindo à Ateanha” e estavam prontos, contentes, porque nunca cá tinham vindo outras “já cá vim há tantos anos, nunca mais cá voltei” e achámos que sim, mudou. Mudou para melhor, mudou para melhor. Esperamos que seja cada vez melhor.

[...]

I.: E esse banco que os senhores fizeram, o que acha dele?

A.: É assim, o banco que nós fizemos, à primeira vista, como nós aqui andámos a fazer, andámos a fazer em plasticina ou o que é que foi, cada um fazia o desenho de como é que gostaria do banco e falou-se logo no sentido da pedra por causa da Ateanha ser um local com muita pedra. [...] Eu cheguei lá (empresa de moldes da Marinha Grande) e quando cheguei achei o banco assim uma coisa...um bocadinho... pensei assim... o assento...[...] um bocadinho baixo, não sei se foi para ficar assim se não,

depois estava solto, depois o banco não era direito mas elas têm razão porque escolheram aquele modelo, houve vários modelos mas foi o escolhido, de uma pedrinha que veio do cabeço e eu cheguei lá e não achei assim muita graça mas depois, pensando bem, e falando-se que era uma peça única, pensei “Olha, é engraçado, é fora do vulgar, prontos. É fora do vulgar”.

I.: E que implicações é que acha que teve esse banco que vocês fizeram no vosso quotidiano aqui na aldeia? Mudou alguma coisa? Pensaram de forma diferente depois de fazer essa obra e ir ao museu?

A.: Se mudou?

I.: Sim.

A.: Não... isto até ver tem continuado tudo mais ou menos, pode ser que depois de o banco vir e assim as coisas continuem doutra maneira. Mas é como digo. Isto, como não tem muita gente, e tem gente assim com muita idade, as pessoas, prontos, já estão mais naquela do acomodo, de não grandes convivências, mas isto eu penso que sim, tudo muda.

I.: E porque é que participou no Museu na Aldeia? Porque é que participou nestas sessões, na construção da peça, porque é que gosta de vir aqui?

A.: Porque é que gosto? Porque eu gosto de participar em tudo. Gosto... Eu acho que... Eu sou um bocadinho contra as pessoas que nós assim nunca temos nada. Se não participarmos nas coisas não damos valor ao sacrifício que as pessoas também fazem de andar por aqui para nos aturar, não é? E então eu gosto por isso, pela convivência, porque são amizades que a gente não vai... [...] São amizades que não vão mais esquecer, a gente não vai mais esquecer as pessoas que passaram o tempo, os bocadinhos com a gente. Eu adorei. Eu gostei muito.

I.: [...] Como é que foi desenvolver uma obra em grupo? Uma obra de museu? Com vizinhos, com a equipa da SAMP, como é que foi esse processo?

A.: Foi divertido, foi alegre, cada um dava a sua sugestão, conviveu-se. Nós dizíamos que voltámos a crianças, que parece que estávamos a brincar. E foi assim que desenvolvemos o projeto do banco, foi assim.

D.3 – SINOPSE DAS ENTREVISTAS AOS RESIDENTES EM ATEANHA DO PROJETO “MUSEU NA ALDEIA” (SAMP)

Temas centrais de análise	Objetivos	Excertos
Caracterização da experiência	Perceber como é a vida na Aldeia.	<p>- “[...] Nós vivemos assim aqui um bocado isolados, mas pronto, nada vai mudar, por isso...não é? As pessoas, cada um anda na sua vida, para baixo e para cima, quando é inverno você não vê ninguém, meu Deus. Eu digo ao meu marido “Nós temos de sair!” [...]” (M.)</p> <p>- “[...] cada um anda nos seus trabalhos. E no inverno então quando chove está tudo em casa. [...]” (M.)</p> <p>- “[...] As pessoas aqui talvez a parte de convívio deles, em que se reúnem mais é que vão à missa porque à parte disso... [...]” (M.)</p> <p>- “[...] Mas quem tem (terras) é assim durante o dia, os gadinhos, é os gadinhos e as terras. [...]” (A.)</p> <p>- “[...] notava-se um bocadinho mais alegre que hoje, hoje anda tudo assim mais deprimido, mas também não há mocidade na terra, também têm saído, começaram a sair, a casar fora, a não ficar aqui e prontos e olhe, cá se vai vivendo. [...]” (A.)</p>
	Entender a relação e receptividade dos residentes com o projeto Museu na	<p>- “[...] No início estava assim um bocado reticente, bom, quando vieram perguntar os dados, eu não tinha a noção do que realmente era o projeto. Mas bom, estava assim um bocado... Mas depois quando conversaram a partir daí eu gostei muito, pronto, vi que era interessante e que devíamos participar e é bom o convívio. [...]” (M.)</p>

no projeto	Aldeia.	<p>- “[...] até porque no início, portanto, quando me bateram à campanha, eu estava assim um bocadinho de pé atrás [...]” (M.)</p> <p>- “[...] “não conseguia imaginar o que aquelas pessoas pretendiam com o resultado final, tinha dificuldade em perceber o que se queria, achei que não era possível”. [...]” (J.)</p> <p>- “[...] Acho que nunca existiu, eu desconheço. Penso que foi a primeira vez que existiu um projeto desta natureza. [...]” (A.)</p>
	Aferir da relação que os habitantes de Ateanha têm com a Arte.	<p>- “[...] gostei de ver as outras peças que estão por lá expostas. [...] Sim, somos um bocadinho artistas. [...]” (M.)</p> <p>- “[...] Eu gosto muito, gosto muito de teatro, gosto muito. Gosto de visitar, de visitar museus, as igrejas, monumentos, gosto de visitar. [...]” (M.)</p> <p>- “[...] “vou passar a olhar para as pedras de outra forma [...]” (L.)</p>
	Levantar as motivações subjacentes à participação no projeto e momentos mais marcantes.	<p>- “[...] Eu gostei, eu gostei de tudo, e pronto de irmos à Marinha, à Marinha Grande vermos o processo [...]” (M.)</p> <p>- “[...] Se não participarmos nas coisas não damos valor ao sacrifício que as pessoas também fazem de andar por aqui para nos aturar, não é? E então eu gosto por isso, pela convivência, porque são amizades que a gente não vai... [...] São amizades que não vão mais esquecer, a gente não vai mais esquecer as pessoas que passaram o tempo, os bocadinhos com a gente. Eu adorei. Eu gostei muito. [...]” (A.)</p>

	<p>Avaliar o impacto do projeto nos residentes da Aldeia e planos para o futuro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “[...] (o banco) é um marco que fica ali para nós, portanto, é a continuação do que passou por aqui. [...]” (M.) - “[...] (a aldeia) ficou mais conhecida porque estava um bocado esquecida [...]” (M.) - “[...] (o projeto) foi importante porque uniu mais as pessoas [...]” (M.) - “[...] sobretudo ao meu marido disse “A Ateanha está a evoluir!”. [...]” (M.) - “[...] Nós ficamos com saudades, do que se passou, do grupo, que são pessoas super simpáticas e que nós nos sentimos bem com eles e vamos sentir a falta. Eu sinto a falta quando isto terminar. [...] Se puder continuar seria muito bom. Para todos. [...]” (M.) - “[...] pena por ter terminado [...]” (L.) - “[...] Então agora a Junta mandou cortar, mandou abrir carreiros para o pessoal poder ir. Foi isso, fez isso. E “encalçeteou” um caminho que havia aqui em baixo que eu acho que merecia, já havia de ter sido logo, pronto, fizeram a estrada, e sim, está interessado. [...]” (A.) - “[...] a Aldeia é mais visitada, de vez em quando nós estamos a ver a chegar os carros, olhamos e ah não conhecemos. [...]” (A.) - “[...] Mudou para melhor, mudou para melhor. Esperamos que seja cada vez melhor. [...]” (A.) - “[...] Nós dizíamos que voltámos a crianças, que parece que estávamos a brincar. [...]” (A.)
--	--	---

APÊNDICE E - ENTREVISTA À REPRESENTANTE DA
ASSOCIAÇÃO SELECIONADA – IMPULSAR

E.1 - GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA À REPRESENTANTE DA ASSOCIAÇÃO SELECIONADA – INPULSAR

Associação: InPulsar _____

Categorias de dados	Objetivos	Questões possíveis
Contextualização da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Explicitar os objetivos da entrevista; - Criar um ambiente propício ao desenvolvimento da conversa; - Pedir autorização para a gravação da mesma. 	
Dados do/a entrevistado/a	- Recolher informações sobre o/a entrevistado/a relevantes para a sua ligação com a Associação em causa.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Nome; 2. Idade; 3. Formação Profissional; 4. Cargo/função na Associação; 5. Há quanto tempo está na Associação e no presente cargo; 6. Motivos de ingresso na área e nesta instituição específica.
Caracterização da Associação	- Recolher informações sobre a Associação.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como definiria a Associação? 2. Quais os motivos subjacentes à sua constituição? 3. De que forma tem crescido ao longo dos anos?
Intervenção da Associação	- Recolher informações sobre a intervenção social da Associação	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais são consideradas as maiores áreas de intervenção social? 2. De que forma é organizado o trabalho pelos vários projetos? 3. O que diferencia a Associação de outras com respostas sociais

		<p>(sua relação com a comunidade, pontos fortes, etc.)?</p> <p>4. Qual a importância da mediação intercultural na atividade realizada?</p> <p>5. Na Vossa opinião, qual o projeto que melhor traduz essa mediação e como?</p>
Impacto e Desafios		<p>1. Como avaliam a vossa intervenção na comunidade?</p> <p>2. Quais são os maiores desafios ao exercício da atividade? Que carências sentem?</p> <p>3. De que forma gerem os recursos disponíveis?</p> <p>4. Que parcerias existentes consideram mais fulcrais para a prossecução dos projetos?</p> <p>5. Quais as perspetivas de futuro para a Associação?</p>

N.B. – A realização da entrevista semiestruturada ocorrerá após um levantamento de dados sobre as associações em causa, pelo que existirá desde logo um conhecimento prévio dos elementos concretos - dados de apresentação formal, números, projetos, formas de organização, área de atuação, etc. – que escusará perguntas de teor mais quantitativo e de contexto.

E.2 - ENTREVISTA À DIRETORA GERAL DA INPULSAR, LISETE CORDEIRO

1. Nome – Lisete Cordeiro
2. Idade – 41 anos
3. Formação Profissional – Licenciatura em Sociologia com Mestrado em Serviço Social
4. Cargo/função na Associação – Diretora Geral
5. Há quanto tempo está na Associação e no presente cargo – Há 10 anos, primeiro como presidente da Associação (4 anos) e depois como diretora.
6. Motivos de ingresso na área e nesta instituição específica – Fundadora da associação.

Investigadora (I): Como definiria a Associação?

Lisete (L.): A InPulsar surge como uma tentativa de dar resposta aos grupos da sociedade em situação de vulnerabilidade.

I.: Quais os motivos subjacentes à sua constituição?

L.: Sentimos que havia espaço para esta associação na medida em que existiam públicos não abrangidos pelas associações existentes no terreno e consoante fomos desenvolvendo o nosso trabalho fomos alargando a ação a grupos mais alargados.

I.: De que forma é que a Associação tem crescido ao longo dos anos?

L.: Consideramos que tem vindo a crescer de forma sustentável dado que funcionamos por projetos e tem-se conseguido alargar o número dos mesmo mantendo sempre os que ficam para trás, quer em termos de ação quer de equipa técnica.

I.: Quais são consideradas as maiores áreas de intervenção social?

L.: São várias, maioritariamente a comunidade cigana, a comunidade imigrante, o grupo dos sem-abrigo e de pessoas com consumo de substâncias psicoativas e, mais recentemente, o grupo dos refugiados.

I.: De que forma é organizado o trabalho pelos vários projetos?

L.: A cada projeto é logo à partida atribuído um número de pessoas e os valores disponíveis para esse mesmo projeto. Cada projeto tem um coordenador e uma equipa

técnica. Quando identificamos um problema social, o nosso próximo passo é sempre tentar encontrar respostas para o mesmo, dando visibilidade ao problema e procuramos estratégias e soluções para esse problema. Depois segue-se a fase de candidaturas para financiamento desses projetos porque muitas vezes é necessário alargar a equipa de técnicos.

I.: O que diferencia a Associação de outras com respostas sociais (sua relação com a comunidade, pontos fortes...)?

L.: Penso que será a relação de proximidade entre todos os projetos, isso é sem dúvida uma mais-valia. Depois primamos por fomentar uma relação positiva com as pessoas, comunidade e utentes, com uma abordagem humanista, e tentamos acompanhar o percurso das pessoas que estão nos nossos projetos, numa abordagem contínua e não apenas assistencialista e do momento.

I.: Qual a importância da mediação intercultural na atividade realizada?

L.: A importância é fundamental porque temos uma presença muito forte em grupos com culturas diferentes e é necessário estabelecer pontes entre as pessoas, entre as pessoas e as comunidades e entre as pessoas e os serviços, defendendo os direitos destas comunidades minoritárias com culturas diferenciadas. A mediação de pares é muito importante para chegar a populações ocultas, como é o caso do Jorge Cardinali, o nosso mediador de pares com o grupo dos sem abrigo. Os mediadores são facilitadores de relações.

I.: Na Vossa opinião, qual o projeto que melhor traduz essa mediação e como?

L.: Todos têm uma forte presença da mediação, mas se tiver de referir um terá de ser o Giro ó Bairro. O bairro de comunidade cigana no qual está presente o projeto está muito distante geograficamente de tudo, o que constitui um obstáculo à inclusão. O espaço tem de estar aberto, tem de haver uma ligação estreita com a escola. Este é um caminho que se vai fazendo da nossa parte e também vai havendo mais abertura da parte de quem nos recebe. O projeto Redes na Quinta também é bastante ilustrativo da valorização da diferença com algo positivo e pomos em prática abordagens mais focadas nas pessoas.

I.: Como avaliam a vossa intervenção na comunidade?

L.: Nós avaliamos o nosso trabalho de forma positiva. No entanto, também sabemos que quanto mais visível é o trabalho maior é o escrutínio por parte da sociedade. Tentamos sempre fazer o melhor que sabemos e podemos.

I.: Quais são os maiores desafios ao exercício da atividade? Que carências sentem?

L.: O nosso maior desafio é sempre a parte financeira, o modelo de financiamento. Muitas vezes estamos dependentes das regras da contratação pública e não há agilização de processos o que provoca atrasos e desfasamentos entre os fundos de que precisamos e a calendarização dos projetos. Este é sempre o nosso maior problema. Por outro lado, temos sempre necessidade de mais técnicos, precisamos de mais recursos humanos que não estejam afetos aos projetos e que trabalhem as áreas administrativas e burocráticas que consomem imenso tempo e que retira disponibilidade a quem o faz para estar no terreno.

I.: De que forma gerem os recursos disponíveis?

L.: O nosso financiamento é feito com recurso a concursos e candidaturas e programas de financiamento, assim como com apoios públicos e privados.

I.: Que parcerias existentes consideram mais fulcrais para a prossecução dos projetos?

L.: São várias e muito importantes. Assim de uma forma mais geral temos parcerias com a Câmara Municipal de Leiria, com a Junta de Freguesia, com os Agrupamentos de Escolas, com a CPCJ, com a Refood. Depois, todos os projetos têm os seus parceiros locais, como parcerias com outras associações.

I.: Quais as perspetivas de futuro para a Associação?

L.: Para já, o mais importante é consolidar os projetos mais recentes e garantir que os já existentes têm meios para continuar. Gostaríamos de abrir um gabinete de rastreios que estivesse sempre aberto e tivesse uma equipa que fizesse também os rastreios na rua. Por outro lado, gostaríamos de alargar as nossas respostas na área dos sem-abrigo.

E.3 SINOPSE DA ENTREVISTA A LISETE CORDEIRO, DIRETORA GERAL DA INPULSAR

Temas centrais de análise	Objetivos	Excertos
Dados do/a entrevistado/a	Levantar informações sobre o/a entrevistado/a relevantes para a sua ligação com a Associação em causa.	<ul style="list-style-type: none"> - “[...] Idade – 41 anos [...]” - “[...] Licenciatura em Sociologia com Mestrado em Serviço Social [...]” - “[...] Há 10 anos, primeiro como presidente da Associação (4 anos) e depois como diretora. [...]” - “[...] Fundadora da associação [...]”
Caracterização da Associação	Recolher informações sobre a Associação (InPulsar).	<ul style="list-style-type: none"> - “[...] A InPulsar surge como uma tentativa de dar resposta aos grupos da sociedade em situação de vulnerabilidade [...]” - “[...] Sentimos que havia espaço para esta associação na medida em que existiam públicos não abrangidos pelas associações existentes no terreno e consoante fomos desenvolvendo o nosso trabalho fomos alargando a ação a grupos mais alargados. [...]” - “[...] tem vindo a crescer de forma sustentável dado que funcionamos por projetos e tem-se conseguido alargar o número dos mesmo mantendo sempre os que ficam para trás, quer em termos de ação quer de equipa técnica. [...]”

Intervenção da Associação	Caracterizar a intervenção social levada a cabo pela Associação – organização, áreas de intervenção, etc.	<p>- “[...] São várias, maioritariamente a comunidade cigana, a comunidade imigrante, o grupo dos sem-abrigo e de pessoas com consumo de substâncias psicoativas e, mais recentemente, o grupo dos refugiados. [...]”</p> <p>- “[...] A cada projeto é logo à partida atribuído um número de pessoas e os valores disponíveis para esse mesmo projeto. Cada projeto tem um coordenador e uma equipa técnica. Quando identificamos um problema social, o nosso próximo passo é sempre tentar encontrar respostas para o mesmo, dando visibilidade ao problema e procuramos estratégias e soluções [...] segue-se a fase de candidaturas para financiamento desses projetos porque muitas vezes é necessário alargar a equipa de técnicos. [...]”</p>
Presença da Associação na Comunidade	Perceber o grau de implantação, envolvimento e impacto da Associação na comunidade em que se insere.	<p>- “[...] a relação de proximidade entre todos os projetos [...]”</p> <p>- “[...] relação positiva com as pessoas, comunidade e utentes, com uma abordagem humanista, e tentamos acompanhar o percurso das pessoas que estão nos nossos projetos, numa abordagem contínua e não apenas assistencialista e do momento. [...]”</p> <p>- “[...] Nós avaliamos o nosso trabalho de forma positiva. No entanto, também sabemos que quanto mais visível é o trabalho maior é o escrutínio por parte da sociedade. Tentamos sempre fazer o melhor que sabemos e podemos. [...]”</p>
Presença da Mediação Intercultural nos projetos da Associação	Aferir a importância da mediação intercultural nos projetos de intervenção social levados a cabo	<p>- “[...] é fundamental porque temos uma presença muito forte em grupos com culturas diferentes e é necessário estabelecer pontes entre as pessoas, entre as pessoas e as comunidades e entre as pessoas e os serviços, defendendo os direitos destas comunidades minoritárias com culturas diferenciadas [...]”</p>

	pela InPulsar.	<p>- “[...] A mediação de pares é muito importante para chegar a populações ocultas, como é o caso do Jorge Cardinali, o nosso mediador de pares com o grupo dos sem abrigo. Os mediadores são facilitadores de relações. [...]”</p> <p>- “[...] Todos têm uma forte presença da mediação, mas se tiver de referir um terá de ser o Giro ó Bairro. O bairro de comunidade cigana no qual está presente o projeto está muito distante geograficamente de tudo, o que constitui um obstáculo à inclusão. [...]”</p> <p>- “[...] Este é um caminho que se vai fazendo da nossa parte e também vai havendo mais abertura da parte de quem nos recebe. [...]”</p> <p>- “[...] O projeto Redes na Quinta também é bastante ilustrativo da valorização da diferença com algo positivo e pomos em prática abordagens mais focadas nas pessoas. [...]”</p>
Gestão de recursos e parcerias	Determinar as formas de gestão dos recursos disponíveis e principais parcerias importantes para prossecução dos projetos.	<p>- “[...] O nosso financiamento é feito com recurso a concursos e candidaturas e programas de financiamento, assim como com apoios públicos e privados. [...]”</p> <p>- “[...] temos parcerias com a Câmara Municipal de Leiria, com a Junta de Freguesia, com os Agrupamentos de Escolas, com a CPCJ, com a Refood. Depois, todos os projetos têm os seus parceiros locais, como parcerias com outras associações. [...]”</p>
Balanço, desafios e projetos para o futuro	Elencar as principais dificuldades, impactos e projetos futuros com	<p>- “[...] O nosso maior desafio é sempre a parte financeira, o modelo de financiamento. Muitas vezes estamos dependentes das regras da contratação pública e não há agilização de processos o que provoca atrasos e desfasamentos entre os fundos de que precisamos e a calendarização dos projetos.</p>

	<p>mediação intercultural na InPulsar.</p>	<p>[...]"</p> <ul style="list-style-type: none"> - “[...] necessidade de mais técnicos, precisamos de mais recursos humanos que não estejam afetos aos projetos e que trabalhem as áreas administrativas e burocráticas que consomem imenso tempo e que retira disponibilidade [...]" - “[...] o mais importante é consolidar os projetos mais recentes e garantir que os já existentes têm meios para continuar. [...]" - “[...] abrir um gabinete de rastreios que estivesse sempre aberto e tivesse uma equipa que fizesse também os rastreios na rua. Por outro lado, gostaríamos de alargar as nossas respostas na área dos sem-abrigo. [...]"
--	--	--

APÊNDICE F - ENTREVISTA À COORDENADORA DO
PROJETO SELECIONADO PELA INPULSAR – “GIRO Ó
BAIRRO”

F.1 - GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA À COORDENADORA DO PROJETO SELECIONADO PELA INPULSAR – “GIRO Ó BAIRRO”

Projeto: Giro Ó Bairro (InPulsar)

Categorias de dados	Objetivos	Questões possíveis
Contextualização da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Explicitar os objetivos da entrevista; - Criar um ambiente propício ao desenvolvimento da conversa; - Pedir autorização para a gravação da mesma. 	
Dados do/a entrevistado/a	- Recolher informações sobre o/a entrevistado/a relevantes para a sua ligação com a Associação em causa.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Nome; 2. Idade; 3. Formação Profissional; 4. Cargo/função na Associação; 5. Há quanto tempo está na Associação e no presente cargo;
Caracterização do Projeto	- Recolher informações sobre o Projeto	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como caracterizaria o Projeto em questão? 2. Quais os motivos subjacentes à sua implementação? 3. Quais as suas principais fases dessa implementação?
Intervenção Social	- Recolher informações sobre a intervenção social do Projeto	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a área de intervenção social mais presente no projeto? 2. De que forma é organizada esta intervenção? 3. Que profissionais tomam parte nesta intervenção? 4. Qual a importância da mediação intercultural neste projeto?

Impacto e Desafios		<ol style="list-style-type: none">1. Como avalia o trabalho feito com a comunidade em causa? Que <i>feedback</i> recebem?2. Quais são os maiores desafios ao exercício da atividade? Que carências sentem?3. Que parcerias existentes consideram mais fulcrais para a prossecução do projeto?
--------------------	--	---

F.2 - ENTREVISTA À COORDENADORA DO PROJETO SELECIONADO PELA INPULSAR – “GIRO Ó BAIRRO”, ÂNGELA DAMÁSIO

Resposta escrita da Coordenadora do Projeto Giro ó Bairro

1. Nome: Ângela Isabel Lousada Damásio

2. Idade: 43

3. Formação Profissional: 12º ano

4. Cargo/função na Associação: Coordenadora

5. Há quanto tempo está na Associação e no presente cargo?

Entrei para a Inpulsar para o projeto “Giro Ó Bairro” em novembro de 2019 como animadora, em março de 2020 fui convidada a coordenadora visto o coordenador ir para outro projeto da associação.

1. Como caracterizaria o Projeto em questão?

O projeto “Giro Ó Bairro” é um projeto de intervenção social no Bairro Social Cova das Faias que pretende dotar os seus participantes de competências pessoais e sociais relacionais, comportamentais e cognitivas, que fomentem a autonomia, sentimento de pertença e que sejam capazes de gerar uma mudança social, promovendo a participação cívica e comunitária de forma ativa dos seus participantes; desenvolver competências facilitadoras para o sucesso escolar.

O Giro ó Bairro aposta em elementos diferenciadores, como o envolvimento e participação dos intervenientes, mediação, envolvimento das famílias e assume-se como uma resposta inovadora, por cruzar a intervenção com comunidade cigana e a comunidade maioritária.

2. Quais os motivos subjacentes à sua implementação?

De acordo com a Estratégia Nacional para a Integração das Comunidades Ciganas (2013-2022), apesar da evolução dos últimos anos, verificam-se elevados níveis “de

discriminação, pobreza e exclusão social de muitas pessoas e famílias ciganas, bem como um forte desconhecimento e desconfiança entre pessoas não ciganas e pessoas ciganas”. Estas situações alimentam estereótipos e preconceitos que se traduzem na vulnerabilidade das pessoas ciganas e dificuldades no exercício de vários direitos como o acesso à educação, saúde, emprego e participação cívica, pelo que, é necessário promover competências sociais e pessoais conducentes a uma participação ativa que requer, por sua vez, a consciencialização de um conjunto de direitos e deveres. No BSCF, em termos educacionais, as crianças frequentam o agrupamento de Escolas Correia Mateus e o Agrupamento de Escolas da Caranguejeira e Santa Catarina da Serra no Pré-escolar, 1º, 2º e 3º Ciclo e Secundário na Escola Francisco Rodrigues Lobo. Verifica-se um elevado absentismo, insucesso e abandono escolar precoce ainda que com tendência decrescente desde 2013, data do início da intervenção da InPulsar com o projeto Giro ó Bairro. Os Agrupamentos de Escolas relatam situações de incumprimento de regras, dificuldade em cumprir compromissos e fraca participação das crianças e suas famílias nas diversas atividades educativas. De registar também que muitas destas crianças têm o seu primeiro contacto, com crianças não ciganas e contexto escolar, com a entrada no 1º CEB, verificando-se situações de inadaptação no contexto escolar. Por seu turno, as escolas nem sempre sabem como promover o sucesso escolar destas crianças e a valorização da sua cultura (situação que se agravou com a pandemia da Covid19). Estas situações refletem-se no percurso profissional dos jovens e adultos, frequentemente caracterizado pela desocupação ou pela opção por atividades precárias e sazonais, o que reforça estereótipos e preconceitos que dificultam a integração da comunidade cigana na comunidade maioritária.

De referir que o desemprego de longa duração afeta 69 pessoas (total 78 desempregado/as) e em particular as mulheres. Desta forma, o projeto privilegia a aposta na promoção de um conjunto de competências transversais e o enfoque em novas formas de educação que permitem aos beneficiários tornarem-se mais participativos e conscientes dos seus direitos e deveres com impactos positivos ao nível da integração das comunidades ciganas.

3. Quais as suas principais fases dessa implementação?

Houve uma fase de diagnóstico de necessidades e perante essas necessidades procedeu-se a várias candidaturas para o financiamento do projeto sendo que o primeiro parceiro

foi a CML e o financiador o Programa PARTIS – Fundação Calouste Gulbenkian ao qual o projeto de chamava DAQUI P´RA CÁ (2014 a 2015).

De seguida procedeu-se a uma nova candidatura para financiamento, desta vez no Programa Parcerias para o Impacto – Portugal Inovação Social, com o nome de GIRÓ_ORQUESTRA (2017 a 2020).

A última candidatura foi para Cidadãos Ativ@s (Activ Citizens Fund) da Fundação Calouste Gulbenkian, em consórcio com a Fundação Bissaya Barreto com o nome de GIRA COMIGO (2021 a 2022).

Nos três financiamentos referidos houve diversas parcerias para levar a cabo as diversas atividades, mas o grande parceiro foi sempre a CML.

1. Qual a área de intervenção social mais presente no projeto?

Mediação intercultural

2. De que forma é organizada esta intervenção?

Desenvolvemos atividades de apoio ao estudo, atividades lúdico-pedagógicas, atividades de promoção da cidadania, atendimento social e familiar.

3. Que profissionais tomam parte nesta intervenção?

Ana Rita Lisboa Inácio-Técnica de serviço social

Ângela Damásio-Coordenadora do projeto/animadora.

4. Qual a importância da mediação intercultural neste projeto?

A mediação contribui para diminuir conflitos escola/família, famílias/municípios, famílias/serviços de ação social. A título de exemplo uma população com baixa escolaridade como a comunidade cigana, o apoio no preenchimento ou leitura de documentos é fundamental, O trabalho de proximidade e mediação pretende descentralizar a intervenção e envolver outros bairros/grupos evitando o isolamento da comunidade.

A promoção do diálogo intercultural e o exercício de uma cidadania ativa, implica direitos e deveres e contribui para ultrapassar preconceitos e aproximar comunidades com impacto positivo ao nível da coesão social.

1. Como avalia o trabalho feito com a comunidade em causa? Que *feedback* recebem?

A comunidade na sua maioria depende muito do nosso apoio nas mais diversas áreas, quer na área social quer na área escolar.

Nos atendimentos Psicossociais o nosso apoio é fundamental tendo em conta a baixa ou inexistente escolaridade para a mediação com os diversos serviços e compreensão/orientação das suas diversas problemáticas.

A comunidade refere que o nosso apoio é fundamental.

Na área escolar com o nosso protocolo de parceria com a escola Dr. Correia Mateus conseguimos estreitar a relação da escola com os alunos e famílias.

A população refere a importância desta parceria por facilitar o acesso às mais diversas questões, como por exemplo no acesso às diferentes plataformas digitais que estão em vigor por forma a facilitar o acesso a toda a informação referente ao aluno tais como avaliações, refeições, justificação de faltas, etc.

No apoio ao estudo os alunos têm a ajuda na execução dos trabalhos de casa e apoio na preparação para as fichas de avaliação, assim quer os alunos quer a família admitem ser uma mais-valia para o seu sucesso escolar.

2. Quais são os maiores desafios ao exercício da atividade? Que carências sentem?

Nota-se uma grande dificuldade no que diz respeito ao cumprimento de regras, na grande dificuldade que a população tem em assumir compromissos perante as atividades propostas e por vezes o desinteresse em participar, pois na sua cultura e envolvimento família não sentem necessidade de abordar determinadas temáticas sendo que quando participam rapidamente perdem o interesse usando desculpas para abandonarem a atividade.

A maior carência do projeto incide no financiamento, ficamos muito limitados na execução das atividades. Não havendo verba, por vezes inviabiliza atividades mais elaboradas e que melhor apoiariam a população.

Havia a necessidade de ter mais técnicos no projeto para uma melhor eficácia nos objetivos pretendidos.

3. Que parcerias existentes consideram mais fulcrais para a prossecução do projeto?

A Câmara Municipal é o nosso único parceiro/financiador, que suporta todas as despesas do espaço físico do projeto e salários dos técnicos, sem esta parceria deixará de ser possível o projeto continuar a existir.

F.3 SINOPSE DA ENTREVISTA A ÂNGELA DAMÁSIO, COORDENADORA DO PROJETO “GIRO Ó BAIRRO” DA INPULSAR

Temas centrais de análise	Objetivos	Excertos
Dados do/a entrevistado/a	Levantar informações sobre o/a entrevistado/a relevantes para a sua ligação com a Associação em causa.	<ul style="list-style-type: none"> - “[...] Idade – 31 anos [...]” - “[...] 12º ano [...]” - “[...] Coordenadora. [...]” - “[...] Entrei para a InPulsar para o projeto “Giro Ó Bairro” em novembro de 2019 como animadora, em março de 2020 fui convidada a coordenadora visto o coordenador ir para outro projeto da associação [...]”
Caracterização do Projeto	Recolher informações sobre o Projeto (Giro ó Bairro)	<ul style="list-style-type: none"> - “[...]O projeto “Giro Ó Bairro” é um projeto de intervenção social no Bairro Social Cova das Faias que pretende dotar os seus participantes de competências pessoais e sociais relacionais, comportamentais e cognitivas, que fomentem a autonomia, sentimento de pertença e que sejam capazes de gerar uma mudança social, promovendo a participação cívica e comunitária de forma ativa dos seus participantes. [...]” - “[...] apesar da evolução dos últimos anos, verificam-se elevados níveis “de discriminação, pobreza e exclusão social de muitas pessoas e famílias ciganas, bem como um forte desconhecimento e desconfiança entre pessoas não ciganas e pessoas ciganas”. Estas situações alimentam estereótipos e preconceitos que se traduzem na vulnerabilidade das pessoas ciganas e dificuldades no exercício de vários direitos como o acesso à educação, saúde, emprego e participação cívica, pelo que, é necessário promover competências sociais e pessoais conducentes a uma participação ativa que requer, por sua vez, a consciencialização de um conjunto de direitos e deveres. [...]” - “[...] o projeto privilegia a aposta na promoção de um conjunto de competências transversais e o

		<p><i>enfoque em novas formas de educação que permitem aos beneficiários tornarem-se mais participativos e conscientes dos seus direitos e deveres com impactos positivos ao nível da integração das comunidades ciganas. [...]</i></p> <p><i>- “[...] Houve uma fase de diagnóstico de necessidades e perante essas necessidades procedeu-se a várias candidaturas para o financiamento do projeto sendo que o primeiro parceiro foi a CML e o financiador o Programa PARTIS – Fundação Calouste Gulbenkian ao qual o projeto de chamava DAQUI P’RA CÁ (2014 a 2015).</i></p> <p><i>De seguida procedeu-se a uma nova candidatura para financiamento, desta vez no Programa Parcerias para o Impacto – Portugal Inovação Social, com o nome de GIRÓ_ORQUESTRA (2017 a 2020).</i></p> <p><i>A última candidatura foi para Cidadãos Ativ@s (Activ Citizens Fund) da Fundação Calouste Gulbenkian, em consórcio com a Fundação Bissaya Barreto com o nome de GIRA COMIGO (2021 a 2022). [...]</i></p>
Intervenção Social do Projeto	Recolher informações sobre a intervenção social do Projeto.	<p><i>- “[...] Mediação intercultural [...]</i></p> <p><i>- “[...] Desenvolvemos atividades de apoio ao estudo, atividades lúdico-pedagógicas, atividades de promoção da cidadania, atendimento social e familiar. [...]</i></p> <p><i>- “[...] Ana Rita Lisboa Inácio - Técnica de serviço social</i> <i>Ângela Damásio - Coordenadora do projeto/animadora. [...]</i></p> <p><i>- “[...] A mediação contribui para diminuir conflitos escola/família, famílias/municípios, famílias/serviços de ação social. A título de exemplo uma população com baixa escolaridade como a comunidade cigana, o apoio no preenchimento ou leitura de documentos é fundamental, O trabalho de proximidade e mediação pretende descentralizar a intervenção e envolver outros bairros/grupos evitando o isolamento da comunidade.</i></p>

		<p><i>A promoção do diálogo intercultural e o exercício de uma cidadania ativa, implica direitos e deveres e contribui para ultrapassar preconceitos e aproximar comunidades com impacto positivo ao nível da coesão social [...]”</i></p>
<p>Impactos e Desafios</p>	<p>Elencar as principais dificuldades, impactos e desafios futuros do projeto em causa.</p>	<p>- “[...] A comunidade na sua maioria depende muito do nosso apoio nas mais diversas áreas, quer na área social quer na área escolar.</p> <p><i>Nos atendimentos Psicossociais o nosso apoio é fundamental tendo em conta a baixa ou inexistente escolaridade para a mediação com os diversos serviços e compreensão/orientação das suas diversas problemáticas. A comunidade refere que o nosso apoio é fundamental. [...]”</i></p> <p>- “[...] Na área escolar com o nosso protocolo de parceria com a escola Dr. Correia Mateus conseguimos estreitar a relação da escola com os alunos e famílias.</p> <p><i>A população refere a importância desta parceria por facilitar o acesso às mais diversas questões, como por exemplo no acesso às diferentes plataformas digitais que estão em vigor por forma a facilitar o acesso a toda a informação referente ao aluno tais como avaliações, refeições, justificação de faltas, etc. [...]”</i></p> <p>- “[...] Nota-se uma grande dificuldade no que diz respeito ao cumprimento de regras, na grande dificuldade que a população tem em assumir compromissos perante as atividades propostas e por vezes o desinteresse em participar, pois na sua cultura e envolvimento família não sentem necessidade de abordar determinadas temáticas sendo que quando participam rapidamente perdem o interesse usando desculpas para abandonarem a atividade. [...]”</p> <p>- “[...] Havia a necessidade de ter mais técnicos no projeto para uma melhor eficácia nos objetivos pretendidos. [...]”</p> <p>- “[...] A Câmara Municipal é o nosso único parceiro/financiador, que suporta todas as despesas do espaço físico do projeto e salários dos técnicos, sem esta parceria deixará de ser possível o projeto</p>

		<i>continuar a existir. [...]</i> ”
--	--	-------------------------------------

APÊNDICE G - ENTREVISTA AOS UTENTES DO
PROJETO DA IMPULSAR – “GIRO Ó BAIRRO”

G.1 - GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA AOS UTENTES DOS PROJETOS SELECIONADOS PELAS ASSOCIAÇÕES – GIRO Ó BAIRRO

Projeto: Giro ó Bairro

Categorias de dados	Objetivos	Questões possíveis
Contextualização da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Explicitar os objetivos da entrevista; - Criar um ambiente propício ao desenvolvimento da conversa; - Pedir autorização para a gravação da mesma e/ou recolha de informação escrita. 	
Dados do/a entrevistado/a	- Recolher informações sobre o/a entrevistado/a relevantes para a sua ligação com a Associação em causa.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Nome; 2. Idade; 3. Há quanto tempo vens ao Giro ó Bairro?
Caracterização da experiência no projeto	- Recolher informações sobre o impacto do projeto nos seus utentes.	<p>Hipóteses de possíveis perguntas a serem colocadas consoante a dinâmica da conversa:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. De que é que gostas mais no Giro ó Bairro? Porquê? 2. Antes de vires para o projeto, de que forma ocupavas o teu tempo livre? Que atividades praticavas? 3. É importante para ti vires ao Giro ó Bairro? Porquê?

G.2 – ENTREVISTAS AOS UTENTES DO PROJETO DA INPULSAR – “GIRO Ó BAIRO”

Projeto: Giro ó Bairro

Instituição: InPulsar

Entrevistados: utentes do projeto

Entrevista a C.

Investigador (I): Há quanto tempo vens ao Giro ó Bairro?

C.: Hmm... P'rai há 4, 5 anos.

I.: De que é que gostas mais no Giro ó Bairro?

C.: Das atividades e essas coisas...

I.: Antes de vires para aqui como é que ocupavas o teu tempo?

C.: Ficando em casa. Não fazia nada, ficava em casa ou a brincar na rua.

I.: É importante para ti vires para o Giro ó Bairro?

C.: Hmm hmm (acenando afirmativamente).

I.: Porquê?

C.: Aaaaa... não sei estou aqui há tanto tempo... nós ganhamos confiança e sim... é por isso.

Entrevista a K. e E.

Investigador (I): Há quanto tempo é que vocês vêm para o Giro ó Bairro?

K.: Há um ano... dois.

I.: De que é que gostas mais no Giro ó Bairro?

K.: Porque tem a escolinha e porque brinco muito aqui.

I.: E tu, E.? Do que é que gostas mais daqui, do Giro ó Bairro?

E.: Poder ter escolinha para fazer desenhos, para brincar, para fazer isso tudo e brincar lá fora e aqui dentro.

I.: E que é que fazem aqui dentro?

K.: Atividades. Trabalhamos. Estudamos.

I.: Às vezes não te apetece muito, pois não?

K.: Não... e às vezes nós trabalhamos muito quando é os trabalhos de casa. Quando não tivermos trabalhos de casa vamos fazer alguma atividade.

I.: Qual é a atividade que gostas mais de fazer?

K.: Jogar ao Uno, pintar desenhos, fazer um puzzle...

I.: E tu, E.?

E.: Pintar desenhos, jogar à bola (com os amigos) e jogar às escondidas, à apanhada. [...]

I.: Antes de virem para aqui, o é que vocês faziam com o vosso tempo livre, quando não tinham escola?

K.: Ficávamos em casa, brincávamos.

I.: Brincavam com quê?

K.: Em casa. Era um prédio, nós não saíamos.

[...]

I.: Gostam mais de estar aqui ou gostavam mais de estar em casa?

K.: Aqui.

I.: E tu, E.?

E.: Eu gostava do outro.

I.: Gostavas mais do prédio? De estar em casa?

E.: Sim.

I.: Porquê?

E.: Não sei.

I.: Achas que é importante vocês virem para aqui para o Giro ó Bairro?

K.: Acho porque há muitas atividades.

I.: Porque é que isso é importante, haver atividades?

K.: Porque ajuda a gente a ler...

E.: E ajuda nós a ler e a escrever bem.

I.: E para a vossa relação com os outros amigos, com os profissionais da InPulsar e com as outras pessoas, achas que é importante?

[...]

K.: Sim.

E.: Sim.

Entrevista a J. M.

Investigador (I): Há quanto tempo vens ao Giro ó Bairro?

J. M.: Vai fazer 3 anos este verão.

I.: De que é que gostas mais no Giro ó Bairro?

J. M.: Das atividades.

I.: Que tipo de atividades?

J. M.: Jogar à bola no pátio.

I.: Mas das atividades livres ou as programadas?

J. M.: Aquelas que vocês programam.

I.: Lembras-te de alguma que tenhas gostado mais?

J. M.: Sim. Aquela dos aviões, do palhaço, do copo...

I.: Foram umas Olimpíadas divertidas, não foi?

J.M.: Foi.

I.: Antes de vires para aqui como é que ocupavas o teu tempo?

J. M.: Antes de vir para aqui jogava à bola com os meus irmãos, às vezes tinha amigos, jogávamos às escondidas e isso.

I.: Aqui também fazes isso?

J. M.: Faço.

I.: Achas que é importante vir aqui para o Giro ó Bairro?

J. M.: Hum, por mim é igual.

I.: É-te indiferente vires ou não vires?

J. M.: Sim.

I.: Porquê?

J. M.: Ah, para aqui?

I.: Para o Giro ó Bairro.

J. M.: Ah não. Entretém-me mais a tarde.

I.: Entreténs-te mais? Ajuda a passar mais o tempo? Achas que é isso que é mais importante?

J. M.: Sim, e estar aqui com vocês e fazer atividades. (risos)

I.: E porquê? Aprendes alguma coisa ou não aprendes nada?

J. M.: Aprendo. Aprendi a jogar às cartas aqui, ao Uno...

I.: Há alguma regra que tenhas aprendido aqui? [...]

J. M.: Sim. A educação.

Entrevista a L.

Investigador (I): Há quanto tempo vens ao Giro ó Bairro?

L.: Há 10?

I.: Há 10 anos?

L.: Eu nasci aqui.

I.: Nasceste aqui. De que é que gostas mais no Giro ó Bairro?

L.: Das atividades. De verão essas coisas assim.

I.: Que tipo de atividades de verão?

L.: Da piscina do rato.

I.: E mais?

L.: Sei lá!... Muita coisa. [...] Aqui na escolinha, também nas piscinas, nós brincávamos com balões de água.

I.: Antes de vires para aqui como é que ocupavas o teu tempo?

L.: Brincava com os meus irmãos.

I.: Onde?

L.: Em casa. À luta.

I.: À luta?

L.: Sim.

I.: Só em casa? Estavas sempre em casa?

L.: Não, também vinha para a rua brincar.

I.: Gostas mais de brincar na rua ou vir para aqui para o Giro ó Bairro?

L.: Não, gosto mais da escolinha.

I.: É importante para ti vires para o Giro ó Bairro?

L.: Eu acho que sim.

I.: Porquê?

L.: Sei lá...porque gosto. Porque já estivemos aqui muitos anos.

G.3 SINOPSE DAS ENTREVISTAS AOS UTENTES DO PROJETO DA INPULSAR – “GIRO Ó BAIRRO”

Temas centrais de análise	Objetivos	Excertos
Dados dos/as entrevistados/as	Recolher informações sobre o/a entrevistado/a relevantes para a sua ligação com a Associação em causa.	<ul style="list-style-type: none"> - “[...] Hmmm... P’raí há 4, 5 anos. [...]” (C.) - “[...] Há um ano... dois. [...]” (K.) - “[...] Vai fazer 3 anos este verão. [...]” (J.M.) - “[...] Há 10? [...] Eu nasci aqui [...]” (L.)
Caracterização da experiência no projeto	Recolher informações sobre o impacto do projeto nos seus utentes: - Atividades preferidas pelos utentes englobadas no projeto.	<ul style="list-style-type: none"> - “[...] Das atividades e essas coisas... [...]” (C.) - “[...] Porque tem a escolinha e porque brinco muito aqui. [...]” (K.) - “[...] Poder ter escolinha para fazer desenhos, para brincar, para fazer isso tudo e brincar lá fora e aqui dentro. [...]” (E.) - “[...] Atividades. Trabalhamos. Estudamos. [...] Não... e às vezes nós trabalhamos muito quando é os trabalhos de casa. Quando não tivermos trabalhos de casa vamos fazer alguma atividade. [...]” (K.) - “[...] Jogar ao Uno, pintar desenhos, fazer um puzzle... [...]” (K.) - “[...] Pintar desenhos, jogar à bola (com os amigos) e jogar às escondidas, à apanhada. [...]” (E.) - “[...] Das atividades. [...] Jogar à bola no pátio. [...] Aquelas que vocês programam. [...] Aquela dos aviões, do palhaço, do copo... [...]” (J.M.) - “[...] Das atividades. De verão essas coisas assim. [...] Da piscina do rato. [...] Sei lá!... Muita coisa. [...] Aqui na escolinha, também nas piscinas, nós brincávamos com balões de água. [...]” (L.)

<p>- Como era ocupado o tempo livre antes de frequentarem o projeto.</p>		<p>- “[...] Ficando em casa. Não fazia nada, ficava em casa ou a brincar na rua. [...]” (C.)</p> <p>- “[...] Ficávamos em casa, brincávamos. [...] Em casa. Era um prédio, nós não saíamos. [...]” (K.)</p> <p>- “[...] Antes de vir para aqui jogava à bola com os meus irmãos, às vezes tinha amigos, jogávamos às escondidas e isso. [...]” (J.M.)</p> <p>- “[...] Brincava com os meus irmãos. [...] Em casa. À luta. [...] Não, também vinha para a rua brincar. [...]” (L.)</p>
<p>- Importância do projeto para os utentes.</p>		<p>- “[...] Aaaaa...não sei estou aqui há tanto tempo... nós ganhamos confiança e sim... é por isso. [...]” (C.)</p> <p>- “[...] Acho (importante) porque há muitas atividades. [...] Porque ajuda a gente a ler... [...]” (K.)</p> <p>- “[...] E ajuda nós a ler e a escrever bem. [...]” (E.)</p> <p>- “[...] Entretém-me mais a tarde. [...]” (J.M.)</p> <p>- “[...] Aprendo. Aprendi a jogar às cartas aqui, ao Uno... [...] A educação. [...]” (J.M.)</p> <p>- “[...] gosto mais da escolinha. [...] Eu acho que sim. [...] Sei lá...porque gosto. Porque já estivemos aqui muitos anos. [...]” (L.)</p>